UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA CURSO DE HISTÓRIA

Alice Lopes de Souza

Plantas em frascos e periódicos: Um estudo dos anúncios terapêuticos na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (1890)

Alice Lopes	s de Souza		
Plantas em frascos e periódicos: Um estudo dos anúncios terapêuticos na <i>Gazeta de Notícias</i> do Rio de Janeiro (1890)			
] []	Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofía e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela e Licenciada em História.		
	Orientadora: Prof ^a . Dra Renata Palandri Sigolo		

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

de Souza, Alice Lopes Plantas em frascos e periódicos: Um estudo dos anúncios terapêuticos na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro (1890) / Alice Lopes de Souza ; orientadora, Renata Palandri Sigolo, 2023. 102 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Plantas medicinais. 3. História da Medicina. 4. História da Farmácia. 5. Jornais. I. Sigolo, Renata Palandri . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos três dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e três, às dez horas no Miniauditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Renata Palandri Sigolo, Orientadora e Presidente, pelo Professor Luis Fernando Bernardi Junqueira, Titular da Banca, e pela Professora Maigue Weber Biavatti, Suplente, designados pela Portaria nº 26/2023/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Alice Lopes de Souza, subordinado ao título: "Plantas em frascos e periódicos: Um estudo dos anúncios terapêuticos no jornal Gazeta de Notícias no Rio de Janeiro (1890)". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata Fernando Bernardi Junqueira a nota final ...10... e da Professora Maique Weber Biavatti a nota final ...10...; sendo aprovada com a nota final10.. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dez de julho de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 03 de julho de 2023.

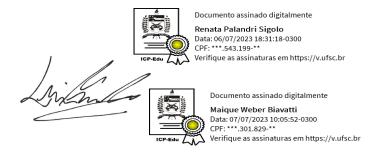
Banca Examinadora:

Prof.a Renata Palandri Sigolo

Prof. Luis Fernando Bernardi Junqueira

Prof.a Maique Weber Biavatti

Candidata Alice Lopes de Souza





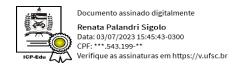


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS **DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Campus Universitário Trindade CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica **Alice Lopes de Souza**,matricula n.º 18101246 entregou a versão final de seu TCC cujo título é "Plantas em frascos e periódicos: Um estudo dos anúncios terapêuticos no jornal Gazeta de Notícias no Rio de Janeiro (1890)", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 10 de julho de 2023.



Orientadora



AGRADECIMENTOS

Costumava pensar que não gosto de criar raízes, como quem teme e nega a imobilidade. Agora discordo de mim mesma, como de costume. Viver é mesmo criar raízes em todos os lugares que escolhemos estar, entendendo que raízes são base, mas expandem, crescem em direções, tamanhos e formas. É nisso que acredito e por isso começo meus agradecimentos, na felicidade de encontrar incentivos e apoio em afetos incontáveis. Eu deixo e recebo um tanto em todo lugar que vou, agradeço aos muitos tantos que passaram em minha vida e à você que lê meu trabalho.

Agradeço à minha família mais que amada, que me acompanha de muitas vidas, que acredita em mim desde sempre e celebra todas as minhas conquistas: meus avós Dolores, Hélio (em memória), Yolanda e Allan; meus tios e tias Eduardo, Henrique, Anne, Nathalia, Gabriela, Giselle, Átila e Angélica (além de todos os amigos que meus pais cultivaram e são para mim, tios e tias); e aos meus primos pequenos Hugo, Benjamin, Gabriel, Beatriz, Lara e Lia.

À minha mãe, Heloisa, que é colo, gentileza e força constantes, obrigada pelo incentivo contínuo e por me mostrar o poder da saúde e das plantas. Ao meu pai, Allan, que é meu abraço mais saudoso, obrigada por ter as palavras mais acalentadoras e os ouvidos de ouvir. Agradeço também ao meu irmão Pedro, por compartilhar comigo mais que a vida e por me dar coragem desde quando ainda era menor que eu. Agradeço à minha irmã Luísa, que ainda não pode ler meu trabalho, mas trouxe com ela minha fé nesse mundo. O amor de vocês me faz seguir.

Agradeço aos muitos amigos que essa vida me deu e que me presenteiam com diferentes formas de amor. Aos amigos do Rio de Janeiro, Mariana, Luiza, Júlia, Juliana e João Pedro que me acompanham com carinho há tantos anos e ainda estão presentes. Agradeço em especial ao Gabriel, que ajudou a transformar as angústias e medos em conquistas e alegrias, sempre com paciência e palavras de apoio. Obrigada às minhas amigas Joana e Letícia, de Caxias do Sul, que viram muitas fases de mim e acreditaram em todas elas. Agradeço a todos os amigos que o movimento espírita me deu, especialmente à Kamilly, que será para sempre minha melhor amiga e inspiração.

Viajando mais um pouco, agradeço imensamente aos amigos e colegas da graduação, tanto da História quanto dos caminhos que a UFSC me fez seguir, por deixarem a tempestade que é essa fase, mais fácil de atravessar. Um agradecimento gigante à Ana Cecília, Bruna,

Fernanda, Gabriela, Carolina, Erick, Rafael, Helena, Júlia, Érica, Maria, Vinicius, Gabriel e Helena Mel. Nossas conversas, abraços, risadas e choros foram uma segunda formação.

Na graduação não poderia deixar de agradecer ao PET História, que foi uma segunda casa para mim. Entrei no programa recém ingressa na universidade, um tanto quanto ingênua mas cheia de esperança. Saio do programa, depois de 5 anos, repleta de realizações, aprendizados e com mais esperança ainda. Agradeço aos professores Tiago Kramer de Oliveira e Daniela Queiroz Campos pela tutoria perspicaz e atenciosa. Aos muitos amigos que fiz nas diversas formações petianas que experienciei: Victória, Guilherme, Ana Beatriz, Tatiana, Myoren, Acácio, Gustavo, Isabelly e Victor. Com vocês a extensão, o ensino e a pesquisa histórica ganharam ainda mais sentido.

Um obrigado enorme à minha orientadora Prof^a. Dra Renata Palandri Sigolo por ter me acolhido como orientanda. Desde o momento que escolhi meu tema, soube que sua orientação seria a única cabível. Agradeço imensamente pelas conversas, pelas puxadas de orelha, pelos abraços, pelos incentivos e por acreditar no meu potencial. Agradeço também aos professores Luis Fernando Bernardi Junqueira e Maique Weber Biavatti, que aceitaram participar da Banca Examinadora. Seus apontamentos, questionamentos, críticas, elogios e comentários tornaram esse trabalho melhor.

Agradeço imensuravelmente aos professores e professoras do curso de História que auxiliaram no meu processo de formação como pessoa, educadora e pesquisadora.

Por fim, agradeço à UFSC. Todos os profissionais, professores, servidores, terceirizados, trabalhadores e estudantes que fazem esse espaço ser tão vivo. Agradeço por ter criado raízes tão grandes e bonitas aqui.

À todos que troquei palavras, olhares e abraços, um grande obrigada. Que possamos continuar trocando tantos, plantando por aí semestes de amor e nos enraizando.

"O cronista que narra profusamente os acontecimentos, sem distinguir grandes e pequenos, leva com isso a verdade de que nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado por perdido para a história" (BENJAMIN, 1994, TESE III).
O que se pode ou não engolir é uma questão política que envolve desde o que é aceito por determinados grupos como substância medicinal em sentido amplo, até quais são os saberes valorizados ou desvalorizados, bem como os agentes reconhecidos como socialmente qualificados para tomar decisões sobre o consumo de plantas medicinais (BOUMEDIENE, 2016, p. 9, tradução nossa).

RESUMO

Objetiva-se neste trabalho analisar anúncios terapêuticos presentes no jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, durante o início da república, mais especificamente em 1890. A partir do estudo dos anúncios, protagoniza-se as plantas medicinais utilizadas pelas medicinas do período, reconhecendo como as mudanças na esfera urbana, a História da Medicina e a História da Farmácia interferem na estrutura e nos dizeres dos anúncios. Parte-se dos pressupostos teóricos de Boumediene acerca do reconhecimento das plantas como materiais-saber, objetos de pesquisa histórica que constituem a sociedade e são constituídos por ela. Destarte, compreende-se como conceitos de saúde e doença são caracterizados, visto que nos periódicos são representações sociais de um entorno carioca influenciado pela crise socioeconômica e pela conjuntura oitocentista de higienização urbana e dos corpos. Dos suportes catalogados foram estudadas e priorizadas as seguintes plantas: quina (Cinchona succirubra e Cinchona calisaya), aroeira-vermelha (Schinus terebinthifolia), mutamba (Guazuma ulmifolia), anacauita (Schinus molle), cabeça-de-negro (Annona crassiflora), taiuia (Cayaponia tayuya), gurjun (Dipterocarpus turbinatus) e norda (Nardostachys jatamansi). Ao final do trabalho, retoma-se o elencado e levanta-se outros debates e questões para a interpretação das propagandas escolhidas, assim como novos possíveis caminhos a trilhar. Conclui-se que investigar a história das plantas medicinais por meio dos anúncios terapêuticos expande horizontes, trazendo novas questões sociais, culturais, políticas e econômicas.

Palavras-chave: Plantas medicinais; História da Medicina; História da Farmácia; Jornais.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze therapeutic advertisements present in the newspaper Gazeta de Notícias in Rio de Janeiro, during the beginning of the republic, more specifically in 1890. From the study of the advertisements, the medicinal plants used by the medicines of the period are the protagonists, recognizing how changes in the urban sphere, the History of Medicine and the History of Pharmacy interfere in the structure and wording of advertisements. It starts with Boumediene's theoretical assumptions about the recognition of plants as matériaux-savoir, objects of historical research that constitute society and are constituted by it. Thus, it is understood how concepts of health and disease are characterized since in periodicals they are social representations of a Carioca environment influenced by the socioeconomic crisis and by the 19th century control culture of urban hygiene and bodies. From the cataloged supports, the following plants were studied and prioritized: cinchona (Cinchona calisaya or Cinchona succirubra), mastic (Schinus terebinthifolius), mutamba (Guazuma ulmifolia), anacahuita (Schinus molle), cabeça-de-negro (Annona crassiflora), tayuyá (Cayaponia tayuya or Trianosperma glandulosa), gurjan (Dipterocarpus turbinatus) and norda (Nardostachys jatamansi). At the end of the work, the list is resumed and other debates and questions are raised for the interpretation of the chosen advertisements, as well as new possible paths to follow. It is concluded that investigating the history of medicinal plants through therapeutic advertisements expands horizons, bringing new social, cultural, political and economic issues.

Keywords: Medicinal plants; Medicine history; Pharmacy history; Newspapers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página 3 da Gazeta de Notícias de 2 de fevereiro de 1890	49
Figura 2 - Anúncio "Anti-febril Vegetal Carvalho"	56
Figura 3 - Anúncio "Vinho do Quinium Labarraque"	58
Figura 4 - Anúncio "Xarope e pilulas de Rebillon"	61
Figura 5 - Anúncio "Vinho de Bugeaud Toni-Nutritivo"	63
Figura 6 - Anúncio "Vinho Aroud de Quina".	66
Figura 7 - Anúncio "Xarope adstringente de quina, cascarilha e simaruba"	69
Figura 8 - Anúncio "Elixir Grez"	70
Figura 9 - Xarope Balsamico Peitoral de Flores de Aroeira e Mutamba	72
Figura 10 - Aroeira- vermelha (S. terebinthifolia Raddi)	73
Figura 11 - Anúncio "Elixir Cabeça de Negro".	77
Figura 12 - Cabeça-de-negro (A. crassiflora)	80
Figura 13 - Anúncio "Elixir Gynocardico Composto, Unguento de Gurjun Composto e as	
pílulas indígenas de Tayuyá composto"	81
Figura 14 - Anúncio "Elixir Gynocardico Composto, Unguento de Gurjun Composto e pílu	ılas
indígenas de Tayuá composto" (II)	82
Figura 15 - Anúncio "Sabão Oriental Alcamphorado medicinal"	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de Anúncios no ge	eral45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANM Academia Nacional de Medicina

Anvisa Agência Nacional de Vigilância Sanitária

AIN Academia Imperial de Medicina

BND Biblioteca Nacional Digital

BN Biblioteca Nacional

CTA Conhecimento Tradicional Associado

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CIDADE PERIÓDICA	14
2.1 O RIO DE JANEIRO DA BELLE ÉPOQUE	14
2.2 MEDICINAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA	23
2.3 FARMÁCIAS E INDÚSTRIAS FARMACÊUTICAS NA PRIMEIRA REF	PÚBLICA
30	
3. PLANTAS MEDICINAIS E PERIÓDICAS: UMA ANÁLISE COM RAÍZE	S,
FOLHAS, FLORES E FRUTOS	35
4. ANÚNCIOS TERAPÊUTICOS NOS PERIÓDICOS	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE A - Tabela de anúncios com plantas divididos por meses	97
APÊNDICE B - Tabelas de anúncios dos meses de Janeiro, Fevereiro, Março,	Abril,
Majo e Junho	99

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar a utilização de plantas medicinais através de anúncios terapêuticos no periódico *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, durante o recorte temporal do início da república, mais especificamente em 1890. Ao lermos e investigarmos a História pelo viés das plantas medicinais, adentramos também nos diferentes recortes nos quais a relação humano - plantas acaba por expandir. Por isso, os anúncios analisados nos permitem estudar os conceitos de saúde e doença, compreendendo-os como representações sociais (HEGENBERG, 1998; HERZLICH, 2008; LAPLANTINE, 1991; LEFÈVRE, 1991; NASCIMENTO, 2005; REVEL, PETER, 1976; SILVEIRA; NASCIMENTO, 2004; WITTER, 2005) de seu tempo e espaço, as diferentes teorias médicas que disputam e compartilham âmbitos durante o oitocentos e início do século seguinte e como a propaganda farmacêutica elucida muito da sociedade que a produz, mas também é influenciada pela sua produção.

Entre encontros e desencontros, o tema da pesquisa que desenvolvemos sempre esteve com a autora, mas nem sempre esteve claro. O privilégio de experienciar múltiplas áreas e vertentes durante a graduação a constituiu como pessoa e futura historiadora, além de auxiliar nas escolhas agradáveis e desagradáveis da vida acadêmica. Entender o apreço com o trato e o estudo das plantas como possível tema de pesquisa e relação com um recorte social nos levou para um caminho mais fascinante do que poderíamos prever.

Não podemos dizer que o contato da autora com as plantas medicinais surgiu durante a graduação, desde muito pequena seu ambiente familiar era completo pelo acalento e cuidado dos tratos medicinais com plantas e outras terapias "alternativas". Entretanto, foi dentro da disciplina "Laboratório de Ensino de História e Plantas Medicinais" do curso de História da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, ministrado pela prof^a. Dra. Renata Palandri Sigolo (orientadora deste Trabalho), que ela alterou suas percepções dos locais que uma planta pode ocupar dentro da História. Nesse espaço que aprendeu a protagonizar e historicizar um objeto de pesquisa que nasce e se desenvolve a parte ao ser humano, mas que ao entrar em contato com ele ganha diferentes sentidos, posições e motivos. Também na disciplina começou a entender a beleza no conhecimento compartilhado, no estudo histórico em consonância com o não-acadêmico e na importância do espaço, da paisagem e da natureza como possíveis protagonistas conjuntos ao educador na docência.

Esses conhecimentos ecoaram na mente de uma jovem recém ingressada na graduação e fizeram morada ao longo dos trabalhos e atividades realizados. Dentro das muitas produções

finalizadas, existe um artigo denominado "Plantas e corpos: A medicina dos anúncios de remédios nos jornais de Florianópolis (século XIX – século XX)" (2021), produzido para a disciplina de "História de Santa Catarina" do curso de História da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina e publicado na Revista Santa Catarina em História¹, onde a autora encontrou um relance do tema aqui analisado. Com um recorte muito mais amplo e os objetivos ainda mais abrangentes, foi desse processo de pesquisa e escrita que surgiram possíveis ideias para um Projeto de Pesquisa e, por fim, para um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Decidido que o desejo era trabalhar com anúncios de medicamentos, era necessário pensar no suporte. Foi nesse trajeto que nos deparamos com o uso de periódicos como fontes de pesquisa histórica. Concordamos com Ana Maria de Almeida Camargo ao afirmar que "todas essas técnicas jornalísticas e editoriais de persuasão são preciosas para um estudo sistemático da história social brasileira" (CAMARGO, 1971, p. 229), sendo os anúncios terapêuticos vigorosos problemas de pesquisa que precisam ser historicizados e compreendidos juntamente com uma história da saúde e o papel das plantas medicinais nesses locais. Dentro dos muitos jornais que nos permitem isso, a *Gazeta de Notícias* não foi o primeiro periódico pensado para esse estudo, mas no final dos processos acreditamos ter sido o mais adequado e satisfatório.

O primeiro recorte temporal pensado englobava mais de 30 anos de catalogação da *Gazeta* em que cobriríamos numérica e comparativamente a quantidade de propagandas, quantas com plantas, quais as principais moléstias, quando a mudança de estrutura delas ocorria efetivamente, quais eram os responsáveis pela produção desses anúncios e demais problemáticas pontuais. Atualmente reconhecemos o trabalho difícil e exaustivo que esse recorte demandaria, além de ser exorbitante para um tema de TCC. Dessa forma, optamos por analisar os anúncios já catalogados de 1890, devido ao protagonismo das plantas nesses escritos e à importância histórica que o ano possui na construção do país.

Ao procurar pelos anúncios de remédios que o imaginário social atual alimenta sobre o passado, com ilustrações coloridas, dizeres engraçados e repetitivos e retratações sociais de raça, gênero e classe bem marcadas, encontramos no século XIX não o oposto, mas o antecessor desses anúncios. Propagandas que à primeira vista são mais singelas, para alguns talvez menos interessantes, mas que protagonizam as plantas e as moléstias, ao invés dos

2023.

_

¹ SOUZA, Alice Lopes de. Plantas e corpos: A medicina dos anúncios de remédios nos jornais de Florianópolis (século XIX – século XX). Revista Santa Catarina em História | Florianópolis | UFSC | Brasil | ISSN 1984-3968, v.15, n.1, 2021. Disponível em: https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/5126. Acesso em: 23 maio

slogans e dos desenhos, e retratam outras questões sociais (em que raça, gênero e classe aparecem mais sutilmente): a coexistência de abordagens médicas distintas, a institucionalização da medicina e da farmácia, a relação da propaganda com o urbano e outras problemáticas que serão elaboradas no terceiro capítulo.

Assim sendo, quando olhamos a história da propaganda de medicamentos por um panorama mais amplo (BUENO, TAITELBAUM, 2008; EDLER, 2006; LEFÈVRE, 1991; SANTOS, 2017; SIGOLO, 2015; TEMPORÃO, 1986) percebemos que com o passar dos anos a composição dos remédios, logo o nome das plantas medicinais que estão nas suas formulações, some desses espaços. Nossos questionamentos perpassam esse acontecimento e adentram o porquê de as plantas ocuparem esses lugares durante o recorte temporal escolhido, entendendo que ao estudarmos sua presença abundante no oitocentos também chegamos nos possíveis motivos de sua ausência nas páginas periódicas do século XIX.

Depois da escolha da fonte, do suporte e do recorte temporal, iniciamos o processo de pensar o recorte espacial. Nos parece lógico acompanhar e analisar um jornal que circulava na cidade mais povoada do país, possuidora do centro comercial, do porto central, terreno de entrada e saída constante de pessoas e produtos, endereço da primeira Academia Imperial de Medicina (AIM) e, antes de mais nada, Distrito Federal. No entanto, para além de sua importância histórica e peso sociocultural, consideramos a importância afetiva de uma futura historiadora carioca que realiza o desejo de tornar palpável e concreto em sua vida a História do lugar onde nasceu. Não que seja uma cidade que precise de apresentações prévias ou categóricas, mas, estudar, pesquisar, compreender e problematizar o Rio de Janeiro, aqui, vêm com o peso de alguém que caminhou pelas vielas e ruas do Centro da cidade e vê nesses locais ancestralidade. Esperamos que isso seja reconhecido na escrita do trabalho como adendo positivo.

Visto isso, justificamos nossa escolha de espaço-tempo reconhecendo o subjetivo mas, principalmente, entendendo o Rio de Janeiro de 1890 como um ano chave para a nova república instaurada e para a história da propaganda de medicamentos no Brasil. Marcado pelas crise econômico-financeira do Encilhamento, pelos aumentos populacionais, pelas desigualdade, pelos processos de industrialização do mundo capitalizado, pelo agravamento das condições sanitárias, por mudanças nas instituições médicas e farmacêuticas, por crises nos espaços de moradia dos grupos mais subordinados e por uma conjuntura política recém alterada e conturbada (BENCHIMOL, 1992). Como consonância, os anúncios, resultados da sociedade em que estão inseridos, retratam os muitos escopos dessa conjuntura.

Conforme o antropólogo Everardo P. Guimarães Rocha (1990), a produção publicitária tem por objetivo aumentar o consumo, transformar hábitos, influenciar, educar e informar. Além disso, também podemos encontrar nesses discursos papéis de poder e hierarquizações (ROCHA, 1990). Não podemos esperar que os anúncios vendam apenas produtos, é necessário olhar para a parte abstrata de uma compra e venda. Vendem-se emoções, sensações, memórias, perspectivas de vida, relações sociais, sistemas de classificação e ideologias (MACHADO, 2007) em quantidades muito maiores que um frasco de remédio, por exemplo, pode suportar.

Sendo assim, escrutinamos a *Gazeta de Notícias*, um jornal popular e barato (SODRÉ, 1991), em circulação na capital federal constituída por um mercado de consumo de primeira ordem e habitada por mais de 520.000 mil pessoas (BENCHIMOL, 1992). Levamos em consideração os limites de um suporte escrito e comercial, como o jornal, todavia, também interpretamos a imprensa e sua produção como um objeto de estudo propagador de representatividades e censuras em uma dialética interessante entre ser um resultado das relações sociais e suas regras, e ser um causador dessas, um "instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero 'veículo de informações', transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere" (LUCA, 2015, p. 118).

Foram utilizados 15 anúncios terapêuticos como fonte de pesquisa, dos mais de 200 catalogados. Desses anúncios, reconhecemos o uso de 8 plantas medicinais, sendo elas: quina (Cinchona succirubra e Cinchona calisaya), aroeira-vermelha (Schinus terebinthifolia), mutamba (Guazuma ulmifolia), anacauita (Schinus molle), cabeça-de-negro (Annona crassiflora), taiuia (Cayaponia tayuya), gurjun (Dipterocarpus turbinatus) e norda (Nardostachys jatamansi). Como veremos mais à frente, todas elas possuem múltiplas ações curativas e são utilizadas até a contemporaneidade. Além de estarem presentes nas propagandas periódicas, possuem similaridades nos tratamentos das moléstias, nas origens geográficas e nas histórias sociais e políticas que percorrem como sujeitos narrativos.

Pensando nisso, o primeiro capítulo se volta para a conjuntura do país e do Rio de Janeiro. Trazemos a relação estreita que existe entre saúde e cidade, como as ruas, vielas, servidões e avenidas trafegam para além do material que as constituem, sendo construídas pelas pessoas, pelos seus corpos doentes, sadios e políticos. A partir desse recorte, também investigamos no referido capítulo a História das Medicina, as muitas teorias, práticas e formas que levaram até sua institucionalização e depois dela compõem disputas. Adentramos também

na História da Farmácia, que em seus muitos nomes e sinônimos é espaço de produção e comércio, começando vinculada à medicina acadêmica e conquistando a singularidade no decorrer de sua própria institucionalização e ciência. Tudo isso envolto pela ideias de "progresso" e "modernidade" que do imaginário social se estendem para a estrutura da cidade, para os corpos e para os anúncios de medicamentos.

Seguindo, no segundo capítulo explicamos e defendemos o caminho das plantas medicinais. Fomentamos um debate bibliográfico sobre o uso delas como objetos de pesquisa na História e interdisciplinarmente. Não as colocando em contextos inexistentes, mas reconhecendo sua constante presença histórica (BOUMEDIENE, 2016) e demonstrando como a leitura histórica pelo seu viés pode ser realizada e é constantemente frutífera, para além da metáfora neste adjetivo.

É nesse capítulo também que revisamos como as mudanças na historiografia, e na maneira como se faz a ciência histórica, nos permitiram olhar para as plantas como fontes de pesquisa, e para a doença e a saúde da mesma forma (HEGENBERG, 1998; HERZLICH, 2008; NASCIMENTO, 2005; REVEL, PETER, 1976; SILVEIRA; NASCIMENTO, 2004; WITTER, 2005). Ambos são representações sociais, vividos de maneira individual, com suas experiências e corpos, e coletiva, ocupando um papel de construção da realidade social (HERZLICH, 2008). Um estudo da relação do indivíduo com a saúde e com a doença, na sociedade.

Por fim, é no mesmo capítulo que estendemos o debate para a metodologia do trabalho. Esmiuçamos a parte quantitativa, explicando a forma como os anúncios foram acessados, separados e catalogados. Outrossim, a parte qualitativa é levada em conta, elencando autores como Boumediene (2016) e Francia e Stobart (2015) que são a base da nossa pesquisa. Pois, olhamos para as plantas medicinais como "materiais-saberes" (BOUMEDIENE, 2016) dotadas de conhecimento capazes de mediar relações interpessoais simultâneas, objetos que modificam e são modificados no contato e vivência com os corpos. Saberes esses que ganham outros componentes quando divididos em três categorias: plantas, pessoas e práticas (FRANCIA; STOBART, 2015). Uma vez que, a terapêutica através das plantas pode ser usado para descrever um remédio com base em plantas, um recorte maior ao se referir às pessoas que utilizam das plantas medicinais e as muitas formas e práticas culturais e sociais que usufruem dos vegetais em suas tradições (FRANCIA; STOBART, 2015).

O último capítulo conta com a análise efetiva dos anúncios, além de responder os questionamentos levantados ao longo do trabalho. Faz parte desse estudo assumir os reclames

medicinais como produtos das relações de confronto no corpo social, assim, o objetivo dessa última parte é compreender como, a partir do objeto de pesquisa (plantas em anúncios), conseguimos visualizar o trato com as plantas e os espaços que as diferentes maneiras de cura e teorias da saúde ocupavam no século XIX. Com isso, considerando tudo que foi elaborado até então: as mudanças que ocorreram na conjuntura do país e como elas interviram nas medicinas e nas farmácias, os conflitos no espaço da saúde como resultado de diferentes processos detentores de importância cultural-política e os usos e locais de disputa que constroem a historicidade das plantas medicinais.

Protagonizamos as plantas e descobrimos nos anúncios uma maneira de supor como elas eram utilizadas, entendidas e vistas pela sociedade do final do século XIX. A forma como o coletivo enxerga a natureza e constrói a paisagem em que vive, concreta ou imageticamente, diz muito sobre as relações interpessoais. Ainda sim, um corpo social possui individualidades em sua formação, uma mesma planta possui muitos nomes, funções e significados de acordo com as mãos que a colhem. Isso ganha mais complexidades e debates quando pensamos a posição que uma planta ocupa no tempo, as diferenças e semelhanças que uma mesma planta carrega nos 130 anos que separam a aroeira dos anúncios, que neles é um remédio, e a aroeira que encontramos nos jardins da UFSC, um potencial remédio.

Investigar anúncios terapêuticos é concretizar informações impressas em experiências e crenças oitocentistas que não se restringem ao tempo que foram criadas. Adicionar as plantas medicinais a essa investigação complementa o ofício do historiador, trazendo questões sociais, culturais, políticas e econômicas com a leveza e a força que apenas uma planta é capaz de possuir.

2. CIDADE PERIÓDICA

Aos amantes do passado, de pesquisadores à saudosistas - não que um não possa coexistir com o outro -, andar pelas ruas da parte central do Rio de Janeiro é cativante e doloroso. As ruas que falam e possuem personalidades próprias ainda carregam traços de séculos passados, como um interlúdio de momentos ou um exemplo anacrônico de modernidade. O tempo, que aqui ganha forma palpável, é marcado pelos períodos da construção científica, seja pela conversa periódica, de intervalos regulares, entre ornamentos de *beaux-art* e vidros espelhados, ou pelo recorte temporal do olhar de quem os vê.

Objetiva-se neste capítulo situar a fonte de pesquisa em seu espaço-tempo. Antes de adentrarmos na análise dos anúncios terapêuticos, é necessário entendermos o contexto em que se encontram. A capital vibra o início da república, as medicinas e as farmácias e ao compreendermos isso olhamos para nossa fonte de uma maneira diferente, encontrando ruas, médicos e laboratórios entre as moléstias. Nesse recorte, as pessoas inseridas em seus universos culturais e sociais elaboram a cidade, a paisagem e as mídias, sendo o espaço um personagem que junto dos seus ocupantes constrói sua história.

Nos registros materiais e imateriais do entorno encontramos os caminhos percorridos pela história da saúde e da doença. As mudanças da *Belle Époque* que visam o "progresso" e a "modernidade" extrapolam as construções de alvenaria, chegam nas definições de ciência médica e na estrutura farmacêutica, de produção de remédio à revenda de medicamentos. Dentro dessas transformações está a propaganda farmacêutica, estão as plantas medicinais e estão as pessoas. Dessa forma, antes da análise dos anúncios de remédios, é de suma importância nos debruçarmos na estreita relação entre cidade e saúde, nas muitas medicinas e farmácias que dividem contexto nos múltiplos espaços de tempo em uma cidade com períodos simultâneos, uma cidade periódica.

2.1 O RIO DE JANEIRO DA BELLE ÉPOQUE

A utilização do termo *Belle Époque* para se referir ao período do final do século XIX ao início do XX exemplifica o momento histórico em que o Brasil, mais especificamente as principais urbes do país, se encontrava: em uma constante busca de similaridade com a Europa. No momento em que a modernidade e o progresso são as ordens da vez, o influxo estende-se para todas as áreas de influência e conhecimento, trabalho, lazer, alimentação, saúde, consumo de cultura e arte, arquitetura e mais. Não que o espelhamento, que vai além

de uma cópia da metrópole, não tenha ocorrido antes, faz parte do passado colonial e da própria construção do que seria uma cultura brasileira.

Entretanto, o que diferencia esse momento de outros é a capitalização dos espaços e como a cultura da modernidade edifica-se no urbano em formação. Em uma correlação que ultrapassa a bilateralidade, a cidade e a modernidade possuem dimensões indissociáveis, sendo a cidade o local da transformação capitalista e da consolidação de uma nova ordem, e, simultaneamente, ela própria o tema e o sujeito das relações culturais e sociais. Assim, o lugar dos acontecimentos, é também vivo (PESAVENTO, 2002), sendo uma fonte rica de estudo da realização da vida moderna.

Como plano de fundo da autognose urbana, temos os primeiros anos republicanos. O golpe que marcou o fim do regime imperial brasileiro não contou com a colaboração da maior parte da população. O novo regime, que não alterou profundamente as estruturas socioeconômicas da sociedade brasileira, resultou de um golpe militar. A insatisfação com o governo uniu camadas até então divergentes, a elite viu no exército um meio ideal para a derrubada da monarquia e a instituição de uma política que os colocasse no poder. Os militares, desgostosos da forma como eram tratados, viam a ação golpista como uma salvação nacional.

A inconformação resultou em uma aliança entre os setores militares e os republicanos que culminou na derrubada da monarquia. Longe de simples ou efetivas, as mudanças foram superficiais, provocando conflitos sociais mais amplos do que se esperava, "o resultado desse processo de desenvolvimento foi a perpetuação de valores tradicionais elitistas, antidemocráticos e autoritários, bem como a sobrevivência de estruturas de mando que implicam a marginalização de amplos setores da população" (COSTA, 1999, p.15).

Os movimentos que sucederam no fim da monarquia têm uma influência muito grande de mudanças no campo das ideias. O evolucionismo, o materialismo e o positivismo foram motores nas mãos dos intelectuais da época, a ideia de progresso que todas elas alimentavam tinha a república como efetividade de suas palavras (SCHWARCZ; STARLING, 2019). A junção do descontentamento com o espaço público, os intelectuais e as novas ideias formaram uma cultura política que foi indispensável na proclamação da república.

Segundo Nelson Werneck Sodré (1977), essa cultura política sofria uma cisão entre os que acreditavam na mudança do regime institucional, como um prelúdio para outras reformas, e os que temiam ampliações mais drásticas. Apesar de certa convergência na ideia de progresso, o segundo grupo, formado principalmente por latifundiários fazendeiros de café, queria uma república de fachada, "uma espécie de monarquia sem sucessão hereditária, a

continuação do passado, na essência, mudados os homens, e nem todos. (...) A república tinha de ser, por isso, uma coisa de vitrine, formal, vistosa e aparente." (SODRÉ, 1977, p. 297). Visto isso,

Se os novos arranjos visavam a um projeto político republicano e moderno, alternativo ao Império, não havia como esconder as marcas de uma sociedade de perfil basicamente agrário-exportador. Em vez da dicotomia fácil — monarquia ou república; barbárie ou progresso —, conviviam tempos distintos, inclusão e exclusão, avanço tecnológico e repressão política e social (SCHWARCZ; STARLING, 2019. p. 421).

Os republicanos divididos cobriam apenas as classes e camadas superiores, repousava assim sobre a classe média e uma fraca burguesia o ímpeto reformista (SODRÉ, 1977), não tendo essas forças suficientes para triunfar contra os latifundiários. Conquanto as divergências e a república meramente expositiva, parece ser um consenso, principalmente ao entendermos o caráter elitista do movimento, que a capital Rio de Janeiro não mais cumpria um papel estético e sanitário de agrado a um país republicano. No Brasil, o papel de cidade modelo recai sobre o terreno carioca, passando a ressoar o externo e influenciar o interno. Ditava, desse modo, "as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima" (SEVCENKO, 2002, p. 522).

Entre 1889 e 1891, encontramos um dos períodos mais turbulentos da história econômica do país (BENCHIMOL, 1992). Esse contexto, conhecido como Encilhamento (uma analogia à bolsa de valores e as apostas em corridas de cavalos), é marcado por crises econômicas, sanitárias, habitacionais e populacionais. As medidas econômico-financeiras de Rui Barbosa, ministro da Fazenda do Governo Provisório de Deodoro da Fonseca, fizeram disparar os preços internos e aumentar o preço dos importados; visto que mesmo o cenário capitalista favorecendo o crescimento industrial, ocorreram simultaneamente a queda das taxas de câmbio e a elevação das tarifas alfandegárias (BENCHIMOL, 1992).

Um aspecto que influenciou diretamente na crise dessa conjuntura foi o crescimento populacional. Conforme Benchimol (1992), é possível calcular o número de habitantes na capital durante esse recorte temporal, entretanto é necessário levar em consideração o número exacerbado de imigrantes que chegam no porto do Rio de Janeiro (p. 171). Para mais, existe uma enorme instabilidade e flutuação populacional ao pensarmos nas pessoas, em geral estrangeiros, que estão apenas de passagem, não permanecem continuamente no espaço da capital (BENCHIMOL, 1992).

Apesar dessa flutuação, registros demonstram que entre 1872 e 1890 o índice populacional do Rio de Janeiro praticamente duplicou, "de 274.972 habitantes - dos quais 84.283 estrangeiros (30,65 % do total) - passou para 522.651 habitantes, sendo 124.352

estrangeiros" (BENCHIMOL, 1992, p. 172). Além dos imigrantes, existe também a grande demanda de migração de um país pós abolição, em que ex-escravizados saem dos latifúndios à procura de moradia e trabalho nas cidades, "entre 1890 e 1900, a migração líquida interna alcançou a cifra de 85.547 pessoas, quase todas oriundas do Estado do Rio" (BENCHIMOL, 1992, p. 172).

O crescimento populacional no final do século XIX (NEEDELL, 1993; PESAVENTO, 2002; RAMA, 1985) acumula pessoas nas estreitas ruas de organização colonial e nos reclusos ambientes entre o mar e as montanhas da região central da cidade. O que pode ser visto como uma crise de identidade urbana - ironicamente resultado do trabalho de autoconhecimento das cidades como ativas e sujeitos - é causada pelo aumento da população e do comércio, pela mudança governamental e pelo avanço da cidade, em um âmbito de ponto de indução cultural, tendo todas as causas relação direta com a "modernidade".

Essa crise aborda as contradições do processo de acumulação capitalista, o qual a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2002) afirma que pode ser caracterizado, principalmente quando falamos de condições latino-americanas, pela combinação da herança escravista com a persistência de uma estrutura patriarcal e oligárquica de mando (p. 169). Em concordância com o afirmado anteriormente sobre o contexto em análise, a autora também lembra que "o modelo político liberal adotado atuava de maneira excludente nas suas condições de realização, praticamente se inviabilizava a realização plena da cidadania e tolhiam-se as chances de que pudesse construir um viés democratico de governo" (PESAVENTO, 2002, p. 169).

A própria história da capital ilustra bem o modo como a *Belle Époque* significou tanto a continuidade do passado colonial quanto o potencial de mudança do novo período. A história do Rio de Janeiro nos proporciona o cenário em que se deu a evolução da elite e a expressão mais clara da *Belle Époque* carioca (NEEDELL, 1993, p. 42).

Interessante pensarmos, como elenca o historiador norte-americano Jeffrey D. Needell, que o incômodo pelo passado colonial encontra-se na estrutura urbana e social da capital, mas em questões políticas e econômicas era viável que se mantivessem velhas relações de produção e mando, herança latifundiária (1993). Mesmo que nem todas as posições dentro do espectro da elite brasileira do início da república concordassem com essa continuidade, a estrutura que se manteve e expressa as mudanças de uma elite carioca, foi essa. Mais a frente adentraremos em como a medicina científica se relaciona com esse grupo, sendo composta de forma considerável por essa.

O recorte temporal escolhido conversa com a questão econômica e política da capital, mas também abrange as condições sanitárias que estavam em agravamento. Adentramos em alterações urbanas que sequenciam 1890, no entanto são resultados dos acontecimentos desse ano e representam de maneira concreta os ideais burgueses do fim do oitocentos. A crise sanitária era reflexo da violenta relação que a maior parte da população possuía com a cidade e seu espaço urbano. O aumento populacional foi, conforme Benchimol (1992), "produto do aguçamento das contradições inerentes à transição para o capitalismo, à crescente acumulação e concentração de capital e de força de trabalho no espaço urbano carioca" (BENCHIMOL, 1992, p. 178).

Esse agravante envolve diretamente o espaço urbano e a superlotação das freguesias² já antes muito povoadas. Foi nesse cenário que ocorreu o crescimento e o surgimento de bairros mais afastados e subúrbios, juntamente com o avanço industrial dos meios de transporte e das linhas de bondes e trens (BENCHIMOL, 1992). Prenunciando a era das demolições, a situação da cidade piorou durante 1890 e 1891 com o aumento da mortalidade causado principalmente pelas epidemias de varíola, febre amarela, malária e influenza (BENCHIMOL, 1992). Encontramos aqui, registros de tentativas de organizações sanitárias e urbanas, por meio do governo e da Junta de Higiene, que só irão se concretizar nos anos seguintes.

As alterações do traçado citadino e as mudanças arquitetônicas na Cidade Velha³ tinham como justificativa, para além das questões intrínsecas de uma crise da modernidade, a circulação - de ar e pessoas -, a higiene e a estética. De acordo com documentos do período (NEEDELL, 1993), a relação entre as obras parisienses de reforma urbana e as obras realizadas no Rio de Janeiro vão além do imaginário dos engenheiros e empresários, a idealização foi diretamente planejada e inspirada nas ideias de Haussmann⁴.

Fora o conhecido "bota-abaixo", no qual edifícios foram demolidos para o alargamento e reestruturação das ruas, regiões do cais foram aterradas e novas avenidas foram construídas, ligando bairros operários e industriais da Zona Norte à avenida Francisco Bicalho e à nova Avenida Central (atual Rio Branco), e conectando também o centro à Zona Sul, pela Avenida Beira-mar. Túneis foram abertos, como é o caso do túnel do Leme criado para unir o

-

² Nome dado ao que hoje compreendemos como bairros, as freguesias eram as divisões territoriais da cidade do Rio de Janeiro, sendo a região que estudamos aqui composta pelas freguesias da Candelária, Sacramento, Santa Rita, Sant'Anna, São José, Espírito Santo, São Cristóvão e Glória.

³ Região central do Rio de Janeiro na qual as primeiras ruas foram construídas.

⁴ Barão Georges-Eugène Haussmann assumiu a prefeitura de Paris entre os anos de 1853 e 1870. Entre suas principais iniciativas estão as mudanças urbanas que visavam o embelezamento da capital francesa e transformaram a mesma no modelo de metrópole do século XIX (PESAVENTO, 2002).

então subúrbio de Copacabana à Cidade Velha, morros demolidos, praças embelezadas e diversos costumes sociais, em geral relacionados com a saúde da população, foram proibidos. As obras duraram cerca de 4 anos, entre 1903 e 1906, sendo a Avenida Central inaugurada por completo em 1905 (NEEDELL, 1993).

A avenida foi estruturada visualmente por prédios aprovados por um júri definido pelo prefeito e engenheiro Pereira Passos, composto majoritariamente de homens adoradores da estética francesa e sua tradição arquitetônica (NEEDELL, 1993). A fachada seguia um padrão que também dizia muito do conceito de elite e cidade que buscava-se vender no Rio de Janeiro em construção, moderno e clássico, adjetivos que caminham juntos quando entendemos a modernidade aqui como reprodutibilidade europeia, mais especificamente francesa.

Mudar a estrutura da cidade não altera sua constituição social. Quando analisamos o ocorrido por um olhar isoladamente estrutural parece construtivo ter ruas maiores e novas avenidas; Entretanto, ignorar a maior parte da população para agrado de uma pequena parcela descontente com a aparência e com quem compõe o centro comercial da capital faz parte do caminho ocidentalizado, burguês e liberal que o país decidiu trilhar. O poeta e flâneur⁵, João do Rio, habitante da capital e transeunte das classes sociais, afirma que surgiram "dois Rios de Janeiros frutos da reforma, o da Regeneração e da nova norma urbanística, racional e técnica e o outro, o labirinto das malocas, do desemprego compulsório e 'livre de todas as leis'" (SEVCENKO, 2002, p. 543).

As comunidades que contemplavam os subúrbios e o topo dos morros ao redor da cidade, que apesar de já existentes aumentam com a destruição das casas e locais de trabalho do centro, eram vistas pela elite e por certas partes da população de classe média como resultado necessário e inevitável da grandeza moderna da república. Apesar de visarem questões importantes como a melhoria sanitária - que realmente sofreu algumas mudanças mas não tão efetivas já que não foram pensadas em longo prazo - e o tráfego amplo e livre da região, as narrativas que seguem esses argumentos apenas escondem a preocupação nula com as populações pobres, seus trabalhos e suas moradias.

-

⁵ "Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde, depois de ter ouvido *dilettanti* de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados de giz nos muros das casas após ter acompanhado um pintor afamado até sua grande tela paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lôbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir , um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja. (...) Flanar é a distinção de perambular com inteligência" Trecho escrito por João do Rio em *A alma encantadora das Ruas*, 1908 (RIO, 2009, p. 28).

Sendo mais um exemplo da desigualdade social brasileira, deve-se rememorar que a hierarquia de narrativas não é uma questão gerada na atualidade, de acordo com Benjamin (1994), ela é resultado de anos de construções históricas nas quais o historicista estabelece uma relação de empatia com o vencedor e essa relação beneficia sempre os dominadores. De forma encadeada, todos os vencedores de outrora caminham juntos com os dominadores de hoje e pisoteiam os corpos daqueles que, na maioria dos casos, assassinaram. Essa narrativa não busca esforços em silenciar os mortos, no caso aqui estudado os desterrados, mas acaba por ser colocada à prova quando os sobreviventes decidem falar.

A construção de uma cultura e sociedade de elite depende dos subalternos para se manter, não só economicamente quando falamos de um país no processo de capitalização, mas também nos antagonismos sociais que fortalecem as diferenças culturais e auxiliam na construção de um imaginário da elite do período. A ligação entre pobreza e sujeira era latente nesse imaginário criado pelos que jogaram a sujeira para debaixo do tapete ao empurrarem os pobres para subúrbios, bairros mais distantes e comunidades, ou pelo menos tentaram.

O conjunto das intervenções urbanísticas não se resumiu ao traçado da cidade, mas pretendeu penetrar fundo nas socialidades e valores do povo. Assim, a uma deliberada atitude de expulsão dos pobres do centro da cidade, motivada pela demolição dos cortiços e destruição de antigas casas, seguiram-se proibições de hábitos e costumes populares, numa verdadeira arremetida disciplinar (PESAVENTO, 2002, p. 176).

As proibições de hábitos e costumes populares têm relação com a constante diferenciação que a elite busca ter da população no geral. Faz parte do imaginário de cidade que construímos aqui, moderna e cosmopolita, e também constitui a distância cultural que faz a elite ser vista e lida como tal, "o que passa por gosto é na verdade a moda, que deve mudar sempre para impedir a emulação e, por meio dela, qualquer indesejável identificação" (SEVCENKO, 2002, p. 534) de outras classes sociais com a mais alta.

No final do século XIX e início do XX, essa moda é a aceleração e rapidez do mundo moderno em constituição, e isso se estende para os maiores disseminadores de informação, os jornais. No caso específico de uma separação hierárquica entre cultura letrada e não letrada, veremos mais à frente como a própria divisão sai pela culatra e os jornais e a moda, que separam a elite do povo, cedem a outros públicos, principalmente por questões de capital, exemplificando o movimento constante da burguesia de renovação do que a diferência do pobre.

Pesavento (2002) defende, assim, que a base paisagística, ao alterar-se, altera também as práticas sociais representadas pelos que viviam, literalmente, as mudanças da cidade. Ao

concordar com essa afirmação, podemos estender essa lógica para as influências que os ideais de um Rio moderno podem causar nas práticas sociais de saúde e no que se consome como cura e doença. Permite-se compreender muito da sociedade carioca quando enxergamos o afirmado.

Além do mais, é a partir de casos registrados como crime que encontramos muitos dos subalternos, algumas das tradições de cura que fogem do acadêmico científico. Pimenta (2022) nos rememora como a repressão atuou e registrou, de maneira enviesada, atividades de "charlatanismo" e como podemos utilizar essa documentação como fonte de pesquisa histórica. Outro fator importante, e que justifica ainda mais o recorte escolhido, é a criação do Código Penal dos Estados do Brasil, em 1890, nele encontram-se artigos que previam punição para práticas ilegais de medicina, como magia e curandeirismo (PIMENTA, 2022). Esse fato acompanha órgãos de proibição de produção e consumo de remédios, questões que encontraremos mais à frente nos anúncios terapêuticos.

Ao estudar as mudanças da *Belle Époque* brasileira, Nicolau Sevcenko (2002) reconhece o papel desempenhado pela propaganda de medicamentos e nos questiona: "Se o desenvolvimento das técnicas publicitárias é compreensível nesse período marcado por um grande salto na produção e consumo de mercadorias, a pergunta que fica é: porque, afinal, tanta ênfase para os remédios?" (SEVCENKO, 2002, 553).

O próprio Sevcenko responde:

Uma razão bastante evidente para isso é que o intenso surto de urbanização, trazendo para as cidades gente sobretudo de origem rural, rompeu o contexto da família ampla e a cadeia de transmissão do conhecimento das ervas, tratamentos e processos tradicionais de cura. O lapso foi rapidamente preenchido pelos novos laboratórios químicos e, sobretudo, pela rapidez dos oportunistas em se dar conta da nova situação. Ademais, as próprias condições de aceleração, concorrência, isolamento, individualismo, ansiedade e a crescente carência de contatos afetivos tinham um indubitável reflexo na somatização de indisposições, instilando o proverbial 'mal-estar da vida moderna' (SEVCENKO, 2002, p. 553).

Essa afirmação não está de toda errada, a transformação da imprensa em empresa e o comércio alteraram por completo a forma de se fazer o periódico e se produzir notícias, estando os anúncios terapêuticos nesse viés de transformação. No entanto, não podemos considerar que a migração de pessoas envolva só a movimentação corporal e não a transposição de conhecimentos e saberes de forma conjunta. As culturas rurais nunca estiveram imóveis (RAMA, 1985), nunca deixaram de produzir novos valores e objetos, ou de integrar novos elementos e novidades transformadoras. Mesmo que a cultura urbana caracterize um fluxo diferente de trocas, de ritmo muito mais acelerado e individualizado,

devemos cogitar quanto da cultura rural pode ter sido assimilada pelo urbano. Sendo esse movimento vital para compreendermos o processo oposto, assim em concordância com Sevcenko, de quanto da urbanização rompeu processos tradicionais de cura e tratamentos populares de saúde.

Ademais, o individualismo trazido pelo autor como uma das causas do "mal-estar da vida moderna" é resultado de um longo processo de conhecimento corporal do ser humano como coletivo. No capítulo "Ossos dos seus ossos" Abolindo a tortura, presente no livro "A Invenção dos Direitos Humanos" (2007), da historiadora Lynn Hunt, adentra-se em um panorama do cenário dos século XVIII com relação à tortura, suas causas, metodologias, ocorrências, convergencias e divergências do período sobre o assunto e, por fim, caminhos que levam a sua abolição. A autora busca compreender as possíveis causas e como a estrutura social da época influenciou diretamente nessa decisão.

Dessa forma, embasa seus argumentos afirmando que as fronteiras entre os corpos e os espaços pessoais, se tornaram mais nítidas a partir do século XIV e isso pode ser observado em atitudes relacionadas ao corpo e em ações do dia-a-dia que passaram a ser privadas, como por exemplo a relação com os excretos e humores corporais, "Essas mudanças de atitude em relação ao corpo eram as indicações superficiais de uma transformação subjacente. Todas assinalavam o advento do indivíduo fechado em si mesmo, cujas fronteiras tinham de ser respeitadas na interação social" (HUNT, 2007, p. 83). Outrossim, essa mudança pode ser observada em diferentes meios artísticos como pinturas, espetáculos musicais e teatrais e, inclusive, na arquitetura doméstica. Todos esses exemplos são resultado, e ao mesmo tempo estimulantes, de novas formas de visão de mundo e comportamento fomentados pelo surgimento da sensibilidade e da empatia.

Visto isso, na visão individualista surgente, as dores não são coletivas e sim individuais e pertencentes apenas ao sofredor, isso influenciou para o fim do espetáculo público de sofrimento, "como a dor e o próprio corpo agora pertenciam somente ao indivíduo, e não à comunidade, o indivíduo já não podia ser sacrificado para o bem da comunidade ou para um propósito religioso mais elevado" (HUNT, 2007, p. 97). Em acordo, a arqueóloga Tania A. Lima (1996) adiciona mais um ponto crucial ao debate ao afirmar que o individualismo ganha, principalmente ao longo do século XIX, um carácter disciplinar, vislumbrado pela burguesia em ascensão.

Valorizando o exame, a regularidade, a ordem, foram instituídas, entre outras, novas regras nas relações com o corpo, de modo a assegurar seu adestramento, sua docilidade e submissão. Entendendo que o corpo individual, enquanto sistema de comunicação, possui uma linguagem, um código, e veicula mensagens para as

esferas mais amplas do corpo social, e que um sistema de símbolos está sempre presente no comportamento social em relação ao corpo ou no comportamento do corpo em relação à sociedade; a implantação de uma ordem corporal foi fundamental para a construção e manutenção da ordem social do século XIX. Nesse contexto, a consolidação de uma ideologia de higienização foi uma das mais consequentes e eficazes estratégias para a sustentação do projeto vitorioso de hegemonia da burguesia (LIMA, 1996, p. 79 - 80).

No Brasil, a ordem corporal que construiu e manteve a ordem social ganhou força no final do século XIX e estendeu-se pelo século XX, tomando a forma que fosse conveniente para a hegemonia burguesa. Essa ordem corporal de submissão e força para o trabalho do capital é transmutada para o urbano, peça chave da elite na construção de uma cidade ideal, higienizada e, quase como um sonho inalcançável, europeizada.

2.2 MEDICINAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

O século XIX é marcado por muitas mudanças no espectro medicinal da conjuntura brasileira. Até então não existia uma divisão muito clara entre os saberes científicos e os não científicos (STANCIK, 2009; GUIMARÃES, 2003). Todavia, a partir do momento em que a família real aporta no Brasil, em 1808, vemos uma mudança gradual, porém significativa, nos investimentos em saúde e na sua institucionalização.

A França como centro de importação e ideias estende-se para além dos costumes e das estruturas da malha urbana, ocupa um espaço também nas filosofias e tecnologias médicas importadas pela Academia Imperial, mais tarde Nacional, de Medicina (ANM), criada em 1835 (CORADINI, 2005). Odaci Luiz Coradini demonstra nas suas pesquisas que acompanhar a trajetória da Academia e de seus membros, possibilita entender a trajetória de formação e mudança da medicina brasileira em diferentes aspectos, principalmente da elite médica. Como acréscimo, Soares (2001) assim se refere à motivação que levou à criação da Sociedade de Medicina, entidade que originou a ANM:

Dispostos a transformar o que se lhes afigurava como um verdadeiro 'caos urbano' – uma cidade 'suja' e 'doente', 'corrompida pelos miasmas e pelos comportamentos 'pouco recomendáveis' da população – em um espaço 'civilizado', um pequeno grupo de médicos radicados na cidade fundou, em maio de 1829, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. O objetivo principal dessa agremiação era fornecer pareceres às autoridades governamentais em matérias relativas à higiene e saúde pública. Esse vínculo existente entre a Sociedade de Medicina e o Estado revela o caráter eminentemente político dessa entidade que pretendia organizar o espaço urbano exclusivamente à luz da ciência (SOARES, 2001, p. 415).

Não é característica do Rio de Janeiro moderno a narrativa elitizada da população pobre ser a causa de todas as doenças e problemas da capital. Podemos perceber, ao olhar de

forma crítica para a história da medicina no país, que o imaginário construído junto com a Avenida Central já era idealizado, sendo a desculpa da melhoria da saúde populacional mais fortificada que as novas construção dos bulevares cariocas.

Marco Antonio Stancik no texto *Medicina e Saúde Pública no Brasil: dos pajés e físicos aos homens de ciência do século XX* (2009) elenca que antes mesmo da república, na área da saúde, a procura por desvincular o país de seu passado colonial já existia, principalmente devido à uma nova identidade independente pós 1822. Logo, médicos e higienistas trabalhavam para remodelar formas de agir e pensar da sociedade, voltando sua atenção para os corpos enfermos e para o corpo social, crendo que o espaço também interferia nas mazelas físicas.

Grande parte da teoria médica que embasava as ações da elite carioca foi construída com base na teoria miasmática. De forma resumida, segundo a noção dos miasmas, a atmosfera seria responsável pela disseminação de doenças infecciosas (STANCIK, 2009). O ar seria contaminado pelo ambiente insalubre, o que não está de todo errado quando pensamos em algumas doenças as quais a contaminação ocorre por contato - principalmente levando em consideração que não existia a bacteriologia e a teoria microbiana de Pasteur. Todavia, além do ambiente bochornal e fétido não ser a causa de todas as doenças, acreditava-se de maneira errônea que o que aparentava salubre a olho vivo, aqui luxuoso e abastado, não podia ser foco de doença. Tal perspectiva excedia-se para uma dimensão política e social, legitimando a caça e derrubada de habitações pobres.

Importante frisarmos que as teorias médicas coexistiram e foram incorporadas gradativamente, como veremos com mais detalhes no terceiro capítulo. A ideia exógena de doença (LAPLANTINE, 1991) ganha mais uma vertente quando Pasteur, em 1878, revela em seus estudos a existência de microrganismos e busca entender como eles se relacionam com as moléstias do período (HEGENBERG, 1998). A teoria microbiana compartilhou espaço com a teoria miasmática no ambiente acadêmico e científico, europeu e brasileiro, antes de refutá-la e substituí-la.

As bases sociais e culturais do país acabam por diferenciar a institucionalização francesa da brasileira, tendo as questões regionais interferido na relação da pesquisa científica com o ensino universitário. Diferente do que ocorre na França, na maior parte do período de existência da ANM, o ensino universitário de medicina se reduziu à dois cursos um no Rio de Janeiro e outro na Bahia, praticamente não havendo organizações e/ou possibilidades de carreira na pesquisa científica (CORADINI, 2005, p. 4). Além das questões estruturais, Coradini defende que as apropriações e os usos práticos da medicina acadêmica também

dependem das condições escravistas e oligárquicas que o país possuía até fins do século XIX (2005, p. 4).

A fortificação da institucionalização e do ensino oficial de medicina se consolidaram durante o Primeiro Império, momento de formação de um segundo grupo de membros da ANM. A pesquisa de Coradini (2005) demonstra que os três grupos analisados, do início do século XIX até meados do século XX, são predominantemente formados por homens com familiares da área da medicina, militares ou ambos em conjunto. Além disso, percebe-se uma variação nessas influências familiares e na nacionalidade dos membros, sendo o início de 1800 marcado pela presença portuguesa, francesa e italiana e o início de 1900 composta majoritariamente de brasileiros provenientes da cidade do Rio de Janeiro.

A diferença das informações pessoais existentes dos membros da ANM nos permite entender a consolidação da medicina como profissão na capital, assim como a dinâmica da elite em ocupar espaços sociais associados à permanência de status e à práticas sociais imperiais, sequencialmente burguesas. Referente à Faculdade de Medicina, percebemos sua presença e monopólio desde as primeiras turmas da ANM. Entretanto, é na turma entre 1885 e 1904 que os dados confirmam essa afirmação "Na terceira turma, a participação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro é ainda maior: do total de 52 membros com informações disponíveis, 48 se formaram nesta instituição, e apenas os quatro restantes em outros cursos no Brasil" (CORADINI, 2005, p. 11).

Outra maneira de estudar essas questões é pelas publicações que crescem quantitativamente no período em análise, "há publicações de algum modo vinculadas à medicina ou à sua divulgação e aquelas cujos objetivos e público-alvo são completamente 'exteriores' à medicina" (CORADINI, 2005, p. 15). Luiz Otávio Ferreira em seu texto *Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840)* (2003) nos mostra por meio de algumas dessas publicações como o processo de adesão dos conhecimentos científicos no país sofreu diversas manifestações de resistência cultural e conflitos sociais, "não podendo simplesmente denunciar o 'charlatanismo' ou a 'ignorância popular', os médicos viam-se obrigados a dialogar com a tradição médica popular, disputando, em condições desfavoráveis, a autoridade cultural no campo da arte de cura" (FERREIRA, 2003, p. 120).

Ferreira (2003) aborda, assim, o outro lado da medicina científica, como esse contato com o "externo" ao científico foi lentamente sendo entendido pela elite médica, e da área da saúde, como necessário para chegar em uma institucionalização de cuidado e cura. Isso deve ser considerado quando concordamos com Pimenta (2004), ao afirmar que a procura pelas

terapias populares vai além da falta de médicos e especialistas, ou o custo de seus atendimentos, pois devemos perceber as correspondências entre os tratamentos populares e as necessidades e desejos de quem os procura (p. 69). Essa questão fazia a elite médica aceitar as complexidades do espaço que ocupavam e lidar com a grande amálgama de crenças e curas que, em múltiplos momentos, dificultavam a repressão durante o início do século XIX.

Outrossim, a médica e historiadora Maria Regina Cotrim Guimarães, em sua tese de mestrado "Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império" (2003), afirma que deve-se considerar a força da instituição científica que se formava no período. A autora, diferente da maioria dos estudiosos, defende que o conflito vai além de uma briga por mercado, sendo o argumento médico muito mais complexo do que se presume e sua estratégia de afirmação completamente genuína (GUIMARÃES, 2003).

Suas declarações são importantes para pensarmos como as situações sociais e culturais não se constroem em dicotomias, tanto os médicos conheciam a força da medicina não acadêmica na vida da população leiga, como os praticantes de conhecimentos populares assimilaram revistas, textos e guias de medicina popular produzidos por médicos em suas curas durante o oitocentos. Todavia, é ingênuo pensar que, mesmo sendo a defesa de um pensamento científico de amplo debate médico, uma "medicina oficial" não teria se aproveitado dos poderes que vinham com o institucional e da inicial influência que tinha na elite para ocupar o espaço das camadas mais populares e seus tratamentos de saúde. As múltiplas tradições e ciências conviviam conflituosamente, não era interessante para essa nova roupagem médica dividir espaço com o emaranhado de personagens e tratamentos populares que ocupavam os saberes de cura da época.

A importância da estrutura social e da posição que a medicina ocupava na mesma fica clara quando a ciência médica torna-se em meados do século XIX "um espaço de investimento atrativo para os detentores de posição social mais dominante" (CORADINI, 2005, p. 15). Coradini defende que pode ter relação com a influência externa, visto a expansão e os avanços da medicina na Europa nesse período, ou pela crescente associação da cura não mais com as atividades manuais, os "cirurgiões", "barbeiros" e outros "charlatanismos", mas com uma cultura erudita ligada à políticas governamentais, clínicas e enobrecimento profissional (2005, p. 15). No caso do final do XIX a "nobreza" da profissão já estava consolidada.

Houve um processo de institucionalização e regulamentação do exercício profissional, além de diversas reformulações ou "reformas" no ensino. (...) um período de expansão "tranquila" da profissão e do consumo de serviços médicos, com sucessivas diversificações e desdobramentos de novas "especialidades",

"missões" ou áreas de intervenção específicas, dentre as quais se destacam as "campanhas" sanitaristas, que fundamentam novas "causas", como uma "empresa moral" (Freidson, 1984: 254) e/ou investimentos políticos e profissionais (CORADINI, 2005, p. 16).

O espaço de trabalho dos médicos também sofre alterações com a institucionalização da profissão. Foi durante os oitocentos que o hospital deixou de ser um espaço de repouso e preparação para a morte e passou a ser terapêutico, voltado ao tratamento e a cura (STANCIK, 2009, p. 124). Essa mudança é resultado do entender saúde e doença como ciência e o médico como cientista. Foram processos graduais, juntamente à compreensão do científico ocorreu a compreensão do não científico e a delimitação do que seriam práticas legítimas de cura.

Tendo um século para se afirmarem e construírem suas posições sociais de superioridade, os médicos na virada do século XIX para o XX alcançaram o reconhecimento que desejavam, a credibilidade e o *status* completamente diferentes dos terapeutas populares, possuindo poder e projeção social e sendo parte integrada dos intelectuais que buscavam o progresso e a civilização da nação em construção. Essa medicina tendeu a perceber-se como a única capaz de cuidar dos corpos enfermos dessa nova nação e, simultaneamente, como a mais habilitada para compreender o que eram e como combater os males sociais (STANCIK, 2009).

Consequentemente, representantes de uma elite médica associados com a cultura médica emergente buscaram governamental para banir o que consideravam charlatanismo, incluindo diferentes práticas de cura, como as boticas⁶ em algumas definições, em sua maioria ações que destoavam das convições acadêmicas (GUIMARÃES, 2003).

Isso não significava que tais médicos dispusessem do poder por eles almejado para delimitar as práticas terapêuticas e o dia-a-dia da população em conformidade com suas concepções e interesses. Por sinal, durante longo tempo, a população permaneceu alheia a muitas dessas transformações e mesmo resistente aos esforços por eles empreendidos no sentido de desqualificar aqueles que tratavam das enfermidades sem portar um diploma (STANCIK, 2009. p. 127).

As práticas diárias e geracionais citadas pelo autor são tratadas aqui como "medicina popular". No âmbito popular, temos as muitas práticas sociais de saúde que pejorativamente são relacionadas ao charlatanismo, recorte que engloba curandeiros(as), comadres, sangradores, feiticeiros(as), benzedeiras(os), rezadores, tradições domésticas, barbeiros e cirurgiões-barbeiros. Todas essas e outras formas de cura, ao se oporem à medicina

_

⁶ "Botica era a denominação de caixas de madeira compartimentadas contendo uma série de produtos terapêuticos ou preparações medicamentosas, sendo também um termo aplicado ao estabelecimento comercial permanente do boticário" (FERNANDES, 2004, p. 27). João Haikal Helou afirma que o termo botica "desapareceu oficialmente em 1886" (HELOU, 1986, p. 112), já Verônica Pimenta Velloso (2007) declara que a palavra continua sendo utilizada como sinônimo de farmácia durante o século XIX.

acadêmica, ganharam a alcunha histórica de medicina popular, "a genealogia desta oposição está na hierarquização criada pelos próprios médicos das instituições acadêmicas imperiais, que usaram o conceito de charlatanismo para designar tudo o que não pertence à sua ciência e, consequentemente, desqualificá-lo" (GUIMARÃES, 2003, p. 16).

Contudo, em concordância com Sigolo no capítulo "Healing Through Plants: relationships among knowledge systems in the brazilian press of the 1970s" (2022), reconhecemos que o conceito de "medicina popular" é amplo e o utilizamos aqui como um "sistema comportando um alto grau de partilha de conhecimento entre práticos e público além da não necessidade de formação acadêmica para seu exercício e que abrange um amplo e diverso espectro de concepções de saúde e doença" (SIGOLO, 2022, p. 80, tradução nossa). Visto isso, optamos pelo uso do termo "medicina popular" também como uma forma de reconhecimento político e das lutas que o popular constrói na história, entendendo suas hierarquias e heterogeneidades internas e valorizando o social de sua construção. O uso do termo "medicina popular" também aparece com sinônimos como "artes de curar", "práticas de cura", "terapias não oficiais/autorizadas" ou "medicinas" (WITTER, 2005, p. 17).

Em 1828 foi extinta a Fisicatura-mor⁷, órgão governamental responsável pela legalização e fiscalização das atividades relacionadas às artes de cura (PIMENTA, 2004, p. 68). Com o fim dessa entidade tudo que era visto pela medicina acadêmica como "charlatanismo" tornou-se proibido, sendo desqualificado para uma posição de subalternidade. Pimenta (2004) frisa que esse movimento de silenciamento não deve ser visto como passivo, a narrativa de que a medicina popular aceitou tranquilamente o apagamento privilegia a conquista hegemônica. Apesar dos terapeutas não autorizados terem tido seus saberes apropriados pela medicina científica, encontraram maneiras de resistir ao longo do processo e da história, "os terapeutas populares, com toda a diversidade que essa categoria abarca, constituíam a maioria e eram aceitos e requisitados pela população" (PIMENTA, 2004, p. 68) durante todo o século XIX.

O fim da Fisicatura-mor marcou um novo período na relação entre governo, médicos, acadêmicos e terapeutas populares. Por um lado, pode-se apontar a extinção desta última categoria como uma perda progressiva do espaço oficial dos curandeiros e dos demais terapeutas populares e do reconhecimento de suas atividades. Por outro lado, ao estudar as práticas médicas dos oitocentos, não podemos esquecer que a medicina acadêmica era apenas mais uma das

-

⁷ "A Fisicatura-mor era o órgão responsável pela fiscalização do exercício das artes de curar e pela concessão de cartas a físicos, boticários, médicos, práticos e curandeiros do Reino, sendo representada pelos cargos de Físico-mor, escrivão-secretário, juízes-comissários-delegados, escrivão, meirinho, e visitadores-examinadores da arte farmacêutica" (VELLOSO, 2007, p. 26). Segundo a autora, é possível encontrar documentação de alvará que dá regimento aos delegados do órgão no ano de 1810.

possibilidades de terapia a que a população, ou parte dela, tinha acesso (PIMENTA, 2004, p. 69 - 70, grifo nosso).

Ademais, a pesquisadora Vera R. Beltrão Marques, no livro *Natureza em Boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista* (1999), nos lembra que a continuidade de um saber popular vai além da falta de médicos credenciados, é a tradição de saberes originários de diversas raízes culturais que por muitos anos atua como referência na mentalidade da maior parte da população local, com suas devidas diferenças, em uma constante tentativa de solucionar problemas físicos e espirituais. Não se pode esperar que crenças seculares sejam rompidas facilmente. Inclusive, não devemos fazer juízos de valor acerca dos usos tradicionais populares, visto que muitos remédios que foram produzidos nas primeiras indústrias farmacêuticas tinham como base conhecimentos populares e originários de populações indígenas e africanas sobre plantas medicinais.

A medicina popular foi a base para a pesquisa científica sobre a ação das plantas nos quadros de adoecimento (SIGOLO, 2015). Até 1920, a maior parte dos estabelecimentos farmacêuticos, indústrias e laboratórios utilizavam extratos vegetais e produtos de origem mineral na produção dos medicamentos (SIGOLO, 2015; FERNANDES, 2004).

É verdade, no entanto, que a maior parte dos medicamentos, mesmo sintéticos, foram identificados e reproduzidos a partir de produtos naturais, mas esse conhecimento perde-se no marketing da indústria farmacêutica, que envolve não só o médico como o próprio paciente, anulando a tradição de uso dos produtos de origem vegetal (FERNANDES, 2004, p. 224).

O comércio de produtos terapêuticos encontrou solo fertil para crescer na cultura de negação da identidade colonial. As oposições entre progresso e tradição, antigo e moderno, percorrem caminho curto e chegam rapidamente na associação do colonial com as manifestações culturais populares e as sociabilidades presentes nas camadas subalternas. Quando estudamos práticas terapêuticas adentramos em terrenos complicados relacionados também com conceitos de vida e morte, corpo e alma, ou mesmo o físico e o metafísico. Não é tão simples separar o religioso do científico e o estudo histórico nos prova isso. Sob esse aspecto, ao longo do século XIX os medicamentos também são associados às curas espirituais e ritualísticas, o que fez muitas vezes o ceticismo terapêutico optar por alternativas que não utilizassem remédios, devido a desconfiança para com as fórmulas compostas e, muitas vezes, produzidas por pessoas não habilitadas (VELLOSO, 2007, p. 93).

Essas questões tornam ainda mais curioso o fenômeno do comércio terapêutico durante a república e sua relação com o histórico de conflitos entre o científico e o não científico. Como Pesavento sabiamente descreve, "suas práticas sociais serão condenadas,

assim como serão igualmente condenados os espaços que os pobres frequentam ou os prédios onde moram. Há uma curiosa operação de 'limpeza' da memória social, varrendo-se tudo aquilo que possa evocar o 'popular' e o 'antigo'" (PESAVENTO, 2002, p. 169).

2.3 FARMÁCIAS E INDÚSTRIAS FARMACÊUTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Semelhante a trajetória de institucionalização da medicina, a farmácia também passou pela organização da ciência farmacêutica em cursos profissionalizantes e associações que tinham como principais atores os farmacêuticos de concepção utilitária e racional de ciência (VELLOSO, 2007).

Assim sendo, podemos reconhecer pelos estudos da historiadora Verônica Pimenta Velloso (2007) que os acontecimentos do país durante o início do século XIX, no âmbito científico, são similares aos que ocorreram na mudança governamental para o republicano. Segundo a mesma, "as transformações na política, na configuração das redes de informação científicas e nos grupos que compunham as associações do oitocentos de científico-profissional, traduziram a passagem do século XVIII para o XIX" (VELLOSO, 2007, p. 101). No período em análise, como visto anteriormente no espaço da medicina, encontramos o desejo de se desvincular do passado colonial e portugues ligado não mais à independência mas ao fim da monarquia.

As histórias da medicina institucionalizada e da indústria farmacêutica foram construídas em consonância. Desde o período colonial, as boticas tiveram significativo papel na produção e difusão do que se constituía como prática e conhecimento terapêutico, "tendo sido trazidas para o país principalmente por cirurgiões-barbeiros, boticários, jesuítas e também mascates" (FERNANDES, 2004, p. 27). Com a criação das faculdades de Medicina e da Academia Imperial de Medicina em 1829, surgiria o início da farmácia científica (FERNANDES, 2004), com a institucionalização do curso de Farmácia nessas faculdades, em 1832 (HELOU, 1986). Em seguida, em 1851 no Rio de Janeiro, a Sociedade Farmacêutica, tendo como órgão oficial a Revista Farmacêutica, foi criada (HELOU, 1986).

A elite farmacêutico médica que se configurou a partir da criação da Academia Imperial de Medicina e das duas associações farmacêuticas nos anos de 1850, buscava então suas diferenças na titulação acadêmica ou na organização de seus saberes específicos em relação ao universo em que as práticas de cura misturavam-se ou concentravam-se no mesmo personagem. Neste quadro, a questão da oficialização do ensino e de seus instrumentos corresponderia à criação de espaços da ciência a serem conquistados. Estas seriam as preocupações principais de grande parte das associações desse tipo que se formaram no período (VELLOSO, 2077, p. 216).

Em muitos momentos, é acompanhando a vida de uma pessoa que conseguimos compreender mais das estruturas de um determinado período, na história da farmácia isso acontece. Theodoro Peckolt, farmacêutico alemão que residiu no Brasil de 1847 até 1912 foi responsável, conforme Santos (2005), pelo maior recorde brasileiro de análise química das plantas da flora nacional do século XIX (p. 521). Diferentes dos seus contemporâneos, Peckolt praticava o que hoje é visto como etnofarmacologia, "por considerar importante a sistematização e o estudo das tradições populares do uso das plantas medicinais como estratégia para a investigação e comprovação de suas propriedades terapêuticas" (SANTOS, 2005, p. 526). Além de ser um exemplo de outras visões dos usos das plantas medicinais dentro da ciência acadêmica, Santos (2005) afirma que o farmacêutico procurava com constância colocar o nome popular e a sinonímia indígena das plantas que catalogava e analisava.

A partir de sua trajetória podemos acompanhar a institucionalização da farmácia, visto que existem registros de Peckolt como membro da seção de química e toxicologia do Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro (1858 - 1887), uma das mais importantes associações responsáveis por consagrar farmacêuticos no século XIX (SANTOS, 2005). A tentativa de separar o ensino de medicina do de farmácia é concreta quando essa entidade, em 1884, se ofereceu para criar uma Escola de Farmácia no Rio de Janeiro. Santos (2005) declara que a escola foi fechada em 1886 por imposição da congregação da Faculdade de Medicina (p. 518 - 519). O conflito entre farmacêuticos e médicos existia dentro da academia e expandia-se para fora dela.

Seguindo uma linha do tempo, não necessariamente linear, encontramos no oitocentos a "arte de curar" dividida entre médicos, cirurgiões e boticários. Os médicos ganhando espaço no que seria uma arte nobre e superior e os boticários já encontravam-se donos do trabalho manual e da preparação dos remédios, apesar de vistos como uma arte menor (VELLOSO, 2007). Na hierarquia das práticas de saúde, os farmacêuticos e cirurgiões, apesar de em algumas classificações serem entendidos como "charlatões", eram reconhecidos pela AIM, o que guardava à eles uma distinção em comparação às outras categorias. A posição social do sujeito que praticava o saber também fazia diferença, nas redes de contato e hierarquias sociais aquele que herdava títulos, apadrinhamentos e colocações ocupava um espaço superior na associação farmacêutica, inclusive porque construir uma botica ou uma farmácia demandava uma condição financeira considerável (VELLOSO, 2007).

Nesse contexto, o boticário começou a dividir espaço com o farmacêutico que possuía uma formação profissional específica e podia, legalmente, manipular receitas médicas e comercializar medicamentos industrializados (FERNANDES, 2004). Com a institucionalização do ensino, a hierarquia torna-se mais delimitada. Mesmo que os profissionais não especializados continuem exercendo determinadas práticas de cura, as legislações futuramente criadas e as prioridades governamentais recairão, em sua maioria, para os formados pela ciência. No entanto, de acordo com as historiografías tradicionais da farmácia e da medicina brasileiras (VELLOSO, 2007) os termos botica e boticário continuaram ao longo do século XIX a ser utilizados como sinônimos à farmácia e farmacêutico, mesmo que este ganhe esse título pela formação acadêmica.

"A partir de meados do século XIX o comércio relacionado às atividades farmacêuticas na cidade carioca se reparte entre estes tipos de estabelecimentos (farmácias) e as lojas de drogas, lojas de ferragens, boticas, depósito de drogas e laboratórios farmacêuticos" (VELLOSO, 2007, p. 164). O número de espaços voltados para a produção de medicamentos, além de gerar conflitos com relação a autenticidade das produções e vendas, também causa desentendimentos entre os sinônimos (ou não) citados acima. A elite farmacêutica encontrava na França, como era de se esperar visto o comentado até aqui, a base para seus anseios de equiparação à autoridade médica. O país europeu, desde o século XVIII usava o termo farmacêutico para os formados em farmácia e substitui botica por oficina ou laboratório farmacêutico. Esse conflito demonstra como a nomenclatura é uma peça complexa na construção da rede de controle da elite.

Gradualmente, "a carreira de farmacêutico sofreu diretamente os efeitos das transformações das atividades de elaboração, prescrição e distribuição de medicamentos, passando da antiga botica para a farmácia e, por fim, para os laboratórios industriais" (CORADINI, 2005, p. 12). O crescimento de uma farmácia tendia na transformação dela em laboratório, fazendo com que produzissem em maior escala e comercializassem mais produtos prontos, apenas distribuindo-os e não manipulando-os. Nessa lógica, a pesquisadora Tania Maria Fernandes no texto *Plantas medicinais: Memória da ciência no Brasil* (2004) diferencia as farmácias e as indústrias farmacêuticas da seguinte forma:

As farmácias manipulavam receitas médicas e comercializavam medicamentos industrializados. Já as pequenas indústrias, inserindo novas técnicas e fórmulas medicamentosas através do processo industrial de produção, dedicavam-se aos produtos compostos de extratos vegetais e minerais (FERNANDES, 2004, p. 31).

Ainda que em meados do século XIX tenham surgido os primeiros laboratórios farmacêuticos, foi a partir da segunda metade de 1910 que ocorreu o maior e mais duradouro avanço da indústria farmacêutica brasileira (EDLER, 2006). Tanto Edler (2006), quanto Fernandes (2004) reconhecem o crescimento, aquele afirma que "em 1913, o Brasil contava com 765 estabelecimentos produtores de medicamentos. Ao findar-se da Primeira Guerra Mundial, em 1918, esse número já era de 1.181 estabelecimentos, chegando a 1.329 em 1930" (EDLER, 2006, p. 104). Para os autores o que justifica esse grande avanço são os conflitos mundiais do período, que fizeram o país voltar-se para produção interna, e a grande demanda de técnicos formados e interessados em organizar laboratórios privados de produção de medicamentos (EDLER, 2006).

Nas farmácias, a relação afetuosa e de tratamento com os clientes foi substituída pelo consumo rápido dos frascos. O historiador Flavio Coelho Edler em seu livro *Boticas & Pharmacias: Uma história ilustrada da farmácia no Brasil* (2006) elenca que com a aceleração capitalista, o aumento de produção e venda dos remédios fizeram o farmacêutico assumir cada vez mais um papel de vendedor, se distanciando do boticário que produzia as fórmulas. Em acordo, Velloso reitera:

(...) era artesanal o trabalho dos farmacêuticos além de sua relação com a natureza nas atividades de recolher, conservar, preparar e misturar as substâncias para formar os remédios. As boticas, como seus espaços de trabalho, onde manipulavam e vendiam medicamentos, descritas pelos naturalistas viajantes, vêm reforçar o aspecto artesanal de suas atividades: a parte da oficina o laboratório localizada detrás do balcão de atendimento aos clientes, assemelhavam-se a verdadeiros ateliês com diversas substâncias dispostas nas prateleiras em potes, frascos e boiões de louça, muitas vezes de porcelana ornamentados e pintados; com sua bancada de mármore onde eram feitas as manipulações, ato que não ficava amostra dos clientes. (...) As boticas expressavam assim, um comércio que se misturava a segredos e crenças (VELLOSO, 2007, p. 103).

As farmácias da república construíram um perfil que condizia com o momento, voltadas para a modernidade e o progresso, assumindo aos poucos características de estabelecimento comercial. Essa transformação beneficiou muito a imprensa que passava por uma grande mudança estrutural e tecnológica e pôde investir não só nos anúncios terapêuticos como em ilustrações, cartazes, panfletos e propagandas no geral, que expunham os produtos nos espaços mais visíveis da cidade (EDLER, 2006).

Edler (2006) frisa que o processo de transformação das boticas em farmácias, laboratórios e indústrias variou de acordo com as regiões da cidade e do país. Nas zonas centrais, como os bairros da Cidade Velha do Rio de Janeiro, muitas farmácias se tornaram mais sofisticadas, seguindo a ordem de mudança visual da região. Nas regiões mais distantes

dos centros urbanos, como subúrbios e bairros afastados, onde médicos, hospitais e instituições de saúde eram raras e de difícil acesso, as farmácias acabavam tornando-se espaços de atividade médica, com consultas e pacientes constantes. Essa diferenciação na quantidade e na disponibilidade da saúde científica em locais isolados para com centros urbanos também é usada por pesquisadores como justificativa da persistência dos múltiplos ofícios de cura no país.

O lugar que as farmácias, depósitos e laboratórios ocupam na cidade aparecem também nos anúncios. Rua da Assembleia, Rua dos Ourives, Rua Uruguaiana, Rua de São Pedro, Rua do Ouvidor e Rua 1° de Março são alguns dos nomes de rua que aparecem na literatura do XIX, nos anúncios terapêuticos dos jornais em análise e nas placas contemporâneas da cidade do Rio de Janeiro. Podemos manter a relação da saúde com a cidade no âmbito das representações sociais e culturais, mas também encontramos sua ligação no palpável da tinta e do papel de jornal.

Por fim, com base em tudo que foi elencado até o momento, convido o leitor a transportar o conhecimento adquirido para a leitura dos capítulos seguintes, nos quais especificamos a metodologia, e a leitura histórica pelo viés das plantas medicinais, e analisamos os anúncios terapêuticos de 1890, marcos temporais na história da saúde e da doença e também na história da propaganda farmacêutica.

3. PLANTAS MEDICINAIS E PERIÓDICAS: UMA ANÁLISE COM RAÍZES, FOLHAS, FLORES E FRUTOS

No presente capítulo adentramos em uma divisão metafórica do trabalho aqui apresentado. Temos como objetivo elucidar os processos que levaram ao resultado final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o debate bibliográfico que fomenta a pesquisa, sua metodologia e o procedimento que será seguido na análise das fontes. Para tal, desenvolvemos o capítulo a partir de uma analogia que procura relacionar as partes de uma planta, suas raízes, folhas, flores e frutos, com os caminhos que foram percorridos e construíram essa pesquisa.

Ao analisarmos superficialmente um vegetal, temos acesso ao conjunto que o caracteriza como tal. Essa situação vai se alterando à medida em que buscamos entender e estudar suas partes de maneira isolada, como quem encara uma floresta e deixa de enxergar uma parede verde e passa a ver tipos, formas, cores e nomes diversos. Na pesquisa acadêmica situação semelhante pode ocorrer, ao lermos um trabalho já finalizado podemos desconhecer os processos que levaram e fazem parte de tal resultado.

Dessa forma, as raízes dessa pesquisa são os anos de graduação e formação histórica, bem como as leituras e debates que foram demonstrados nessas páginas. Com o intuito de explicar o caminho escolhido por meio das plantas medicinais e dos anúncios de remédio como fontes de pesquisa, fortalecemos as raízes desse trabalho; nos aprofundando também em como o debate sobre as plantas medicinais se estende para os conceitos de saúde e doença. Em seguida, as folhas de jornal são também as folhas da nossa planta, explicitando a metodologia seguida para chegar no resultado. A analogia parece encaixar quando pensamos nas flores e frutos, inevitáveis para reprodução das plantas, como resultados do produzido até aqui. Não só a tão esperada análise da fonte, como também o TCC em si. De maneira um tanto quanto paradoxal, ou cíclica, espera-se que o resultado seja também a semente de todo esse esforço, para que outras plantas - trabalhos e pesquisas - sejam feitas a partir do apresentado.

Dentro da pesquisa histórica, estudar uma planta envolve estudar os caminhos percorridos por ela, mas também o estudo do conhecimento humano sobre as plantas. Semelhante ao que ocorre no campo da historiografia, que a grosso modo, estuda a história da História, podemos escolher o viés das plantas como campo de análise e estudar o entender das espécies vegetais.

Segundo Maria Franco Medeiros, no livro *Etnobotânica histórica: princípios e procedimentos* (2009), esse estudo do conhecimento sobre as plantas pode ocorrer de maneira

mais sistemática, organizando informações sobre o uso de espécies por diferentes sociedades, ou investigativa, procurando interpretar as interações entre as sociedades humanas e as plantas na história (MEDEIROS, pg. 15). A autora trás essa divisão na busca de definir o que é Etnobotânica histórica e como seu campo, de maneira interdisciplinar, adentra uma divisão investigativa que alguns pesquisadores nomeiam de Paleoetnobotânica (Helbaek, 1960 *apud* Medeiros) e outros de Arqueoetnobotânica (Hastorf & Popper, 1988 *apud* Medeiros).

Sendo assim, Medeiros (2009) afirma que a "etnobotânica é a ciência que se preocupa em estudar as interrelações passadas e presentes que se estabelecem entre as pessoas e as plantas, em sua dimensão botânica, antropológica, ecológica e histórica" (p. 39). Mesmo não sendo a área de pesquisa aqui utilizada, temos muito a aprender com as pesquisas etnobotânicas e devemos muito à elas pelo resgate de conhecimentos que sociedades passadas ou não mais existentes tinham sobre as propriedades das plantas e sua utilização em diversos aspectos da vida humana (MEDEIROS, 2009, p. 41), principalmente quando essa busca dentro da pesquisa histórica se mostra tão recente.

De acordo com Yue Yue e Molly Chatalic (2022), é no início do século XX que a etnobotânica, como conhecemos, começa a surgir. Em concordância, afirmam que, baseado na etnociência, recorremos aos estudos do humano e sua relação com a natureza para entender como o uso das plantas, e mais especificamente a exploração de recursos como uma expressão da interrelação entre os seres humanos e o mundo vivo, reflete e sustenta por completo o desenvolvimento da cultura, das ideias e da tecnologia ao longo da história (YUE; CHATALIC, p. 8, 2021). Os autores defendem também que a ascensão e a queda de recursos naturais, como o uso e desuso de determinada planta como medicinal, estão intimamente ligados à sobrevivência, ao futuro da humanidade e à civilização emergindo e se desenvolvendo (YUE; CHATALIC, 2021). Como um complemento, Boumediene redige que:

Não se trata de "colocar em contexto" o uso das plantas medicinais em uma realidade muito maior que, sem elas, seria a mesma. [...] Mercadoria, cuidado, rito, modo de governo, etc.: dentre as numerosas dimensões que articulam, as plantas medicinais oferecem um ponto de vista através do qual se pode observar a totalidade de uma evolução histórica (BOUMEDIENE, 2016, p. 27, tradução nossa)⁸.

Não concordamos com a ideia de "evolução histórica", visto que o termo "evolução" torna hierárquico momentos históricos diversos, dando a entender que estamos sempre "melhores" que antes. No entanto, a partir disso, para compreendermos os conhecimentos

-

^{8 &}quot;Il ne s'agit donc pas de <<mettre en contexte >> l'usage des plantes médicinales dans une réalité plus vaste qui, sans elles, aurait été la même.[...] Marchandise, soin, rite, mode de gouvernement, etc.: par les nombreuses dimensions qu'elles articulent, les plantes médicinales offrent un point de vue à travers lequel observer la totalité d'une évolution historique" (BOUMEDIENE, 2016, p. 27).

humanos sobre as plantas e como elas estão diretamente ligadas às transformações da humanidade, devemos enfatizar que somos seres sociais e, dessa maneira,

(...) as pessoas inseridas em seus universos culturais designam os objetos ou os elementos da natureza. Com isso, a inter-relação do sujeito com a paisagem é tecida a partir de pressupostos mentais (conceitos) e é acompanhada de uma evolução histórica. Assim, como observado por Schama (1996), a natureza não se designa como tal, são os humanos que o fazem (grifo nosso). (MEDEIROS, pg. 23, 2009).

Adentramos assim na ideia de construção social do que é a natureza e de como essa noção se altera em relação aos grupos que a definem e ao momento em que ela se encontra. Não só a natureza é uma designação humana, como as nomenclaturas das plantas e suas funções medicinais também o são, tendo as plantas, assim, relações, funções, ocupações e entendimentos múltiplos na construção da história do homem no tempo.

Destarte, cada ser social percebe o objeto planta de uma forma e sua visão é influenciada pelo meio em que se encontra. Em concordância, Cabral (2008 *apud* MEDEIROS) ao analisar os processos político-econômicos de apropriação e uso de recursos ambientais afirma que uma apropriação de território é:

(...) um processo informado por racionalidades econômicas diversas e, na maioria das vezes, incongruentes, na medida em que as "oportunidades" oferecidas pela natureza são percebidas diferencialmente ao longo do espectro de atores e grupos sociais, eles mesmos possuidores de "necessidades" discrepantes (CABRAL, 2008, p. 132 apud MEDEIROS, 2009, p. 29).

Muito sabiamente, Medeiros trás um trecho de Klanovick (2002 apud Medeiros 2009) para complementar esse argumento: "a botânica, de um modo geral, relaciona-se com teorias, práticas e métodos que se desenvolveram não somente por amor às ciências, mas que também foram apropriados para fins políticos e culturais" (KLANOVICK, 2002 p. 134). Visto isso, lembramos que o estudo das plantas pela ciência é político e cultural, mas também o conhecimento humano delas o é. A escolha das que ocupam um meio social (ou não), das que são usadas como remédios pela ciência médica ou por outras formas de cura, das que são estudadas (ou não), das que são usadas para fins religiosos e das que são silenciadas, enfim, todas ocupam um lugar político e são grandes fontes de pesquisa na nossa construção histórica como país.

A história das plantas medicinais não é apenas uma história de compartilhamento de saberes e conexões, para Boumediene (2016), também é uma história de desentendimentos, mal-entendidos, segredos e proibições. Quando falamos da história do conhecimento, também falamos dos silêncios que erguem a história como um todo. Esses silêncios são vistos como obstáculos e rupturas, fatos considerados em sua maioria como insignificantes, mas que para o

autor são atos políticos por excelência. Para refinar esse argumento, podemos debruçar sobre esses dizeres de Jacques Le Goff (1990):

Quem detinha, em uma sociedade do passado, a produção dos testemunhos que, voluntária ou involuntariamente, tornaram-se documentos da história? (...). É preciso delimitar, explicar lacunas, os silêncios da história e assentá-la tanto sobre esses vazios quanto sobre os cheios que sobreviveram (...) (LE GOFF, 1990, p. 54).

Isto posto, buscamos entender os cheios e ocupar certos vazios por meio das plantas, mais especificamente plantas medicinais em anúncios de jornais, como fonte histórica. As plantas como objeto de uma pesquisa histórica ainda ocupam lugares não explorados, mesmo que sua existência seja mais antiga do que a humana, "elemento primário no nosso ambiente - uma forma de pele que protege a terra, um elemento fundamental de todos os ecossistemas" (YUE; CHATALIC, p. 10, 2021, tradução nossa)⁹.

No Brasil, quando falamos de interrelações e trocas sócio-culturais, devemos levar em conta as relações dos povos originários, pré e pós colonização, entre si, com os europeus e com populações africanas. Além disso, considerar também as relações de agressão escravista e toda troca colonizador-colonizado que se estende socialmente até hoje. As plantas medicinais estão na base de diferentes questões, que não sem conflito social, forjaram novas condições de estrutura social (MEDEIROS, 2009, p. 29) e podem nos auxiliar a entender relações de poder e necessidades em constante reconstrução.

Ao estudar anúncios terapêuticos adentramos no amplo escopo das representações, principalmente nas que definem saúde e doença. Isso pode ser muito proveitoso quando entendemos as muitas possibilidades que esses objetos podem proporcionar e estendemos esses debates para a questão medicinal das plantas, abrindo novos caminhos de análise. Anny Silveira e Dilene Nascimento (2004) elencam que:

(...) como objeto de estudo, a doença possibilita o conhecimento sobre estruturas e mudanças sociais, dinâmica demográfica e de deslocamento populacional, reações societárias, constituição do Estado e de identidades nacionais, emergência e distribuição de doenças, processos de construção de identidades individuais, constituição de campos de saber e disciplinas (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2004, p. 14).

As autoras, buscando condensar em um capítulo uma historiografia das doenças, frisam o não biológico também presente no conceito de doença. Para elas, a doença é composta pela junção entre sua natureza biológica e os sentidos que lhe são concedidos pela

-

⁹ "[...] herbs are a primary element in our environment – a form of skin that protects the earth, a fundamental element of all ecosystems" (YUE; CHATALIC, p. 10, 2021).

sociedade, sendo uma construção social composta de diversos elementos científicos, sociais e políticos, estudados em recortes temporais e espaciais. Posto isso, semelhante ao que ocorre com os desígnios do que é ou não natureza e planta, diferentes grupos, em seus múltiplos escopos de período e meio, dão significado e sentido específicos "à entidade fisiopatológica chamada doença" (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2004, p. 14).

Esse debate também elucida como a história social se beneficia ao adentrar nas camadas das práticas de cura e enfermidades. Na década de 70, os historiadores Jacques Revel e Jean-Pierre Peter defendem a doença como um novo objeto de pesquisa histórica, e seu argumento é que a doença, na maioria das vezes, é um elemento de desorganização e reorganização social (REVEL; PETER, 1976, p. 144), sendo na morbidade dos acontecimentos que encontramos respostas claras sobre mecanismos de poder, relações de poder e autocrítica social. Para além disso, as propagandas de remédio parecem unir esse espaço de reconhecimento que as doenças e os tratamentos ocupam e compartilhá-lo com a superfície clara de reflexão social que é o comércio de um grupo.

O filósofo da ciência Leônidas Heisenberg (1998) defende que o conceito de doença abre a possibilidade da ação médica (HEGENBERG, p.17). A arte de curar é vista por ele como concomitante à fundamentação e aos estudos das enfermidades, do enfermo e dos procedimentos que devem ser realizados. O conceito de doença, considerando noções de saúde de um lado e de pesquisas sobre meios de cura de outro, produz um conceito de medicina (HEGENBERG, 1998, p.17). Podemos estender essa ideia para todas as formas de cura, mesmo que não com uma paradigma científico, tratamentos de outros ofícios de cura são baseados em tentativas, erros e acertos que acompanham as doenças e fundamentam tradições.

Dilene R. do Nascimento, no texto *A Doença como Objeto da História* (2005), defende que reconhecer a doença como objeto de pesquisa foi resultado das mudanças que o campo historiográfico teve ao longo do final do século XX. Em consonância, a escritora e crítica literária Beatriz Sarlo (2007) defende que o final do século XX passou por um processo muito importante que alterou completamente o estudo historiográfico e a relação com a memória para as gerações futuras, processo esse chamado pela autora de "guinada subjetiva" (SARLO, 2007).

A partir desse período o olhar dentro da historiografía se voltou para o estudo do subjetivo, do excepcional, que até então era escondido e abafado pelo estudo dos grandes movimentos, dos grandes nomes e acontecimentos. Por meio da busca por novos sujeitos, o estudo das fontes também sofreu mudanças metodológicas que resultaram, assim, em

diferentes vertentes dentro desse meio. Ao renovarmos os domínios tradicionais da história, novos objetos de estudo e novas perspectivas nos já utilizados floresceram, sendo o corpo, a morte, a sexualidade, a saúde e a doença mais que complementos do fazer histórico (NASCIMENTO, 2005).

Dessa forma, encontramos também na história cultural o caminho que aqui seguimos, pois, é nessa área, segundo Silveira e Nascimento (2004) que a história da saúde quebra a barreira das fontes puramente médicas. As autoras nomeiam diversos historiadores que utilizam de numerosos tipos de fontes para entender a doença também pela visão do doente e seu meio social, fugindo do espaço científico e buscando compreender a imagem dos males que uma cultura coloca no centro de suas preocupações (p. 18). O enfoque cultural, para elas, entra na pesquisa quando valorizamos o papel das crenças, dos símbolos, do imagético, das representações, etc. Chegamos nesses tópicos quando diversificamos objetos de pesquisa, sendo os anúncios de remédio uma ótima forma de exemplificar a abrangência de opções. Pois, encontramos nesse suporte tipos de discurso, imagens, silêncios e abordagens que permitem caminhos profusos.

Outro debate que podemos adentrar aqui é a utilização do termo doença (história da doenças) quando falamos da vertente histórica escolhida para o trabalho. Alguns dos autores e autoras citados produzem estudos que reconhecem apenas a doença como fonte de pesquisa, o que não está de todo errado em decorrência dos seus objetivos e metodologias. Entretanto, optamos em fazer um estudo da história da saúde e da doença, mais especificamente da saúde, ao entendermos que o tratamento da saúde vai além do estar doente. Utilizamos dos resultados e bibliografías satisfatórios que a história das doenças pode proporcionar, mas escolhemos o caminho que abrange a história da saúde e da doença, com tudo que suas representações sociais podem englobar.

De maneira semelhante ao ato político de reconhecer as plantas medicinais como agentes sociais, podemos compreender doença e saúde como representações sociais e a partir disso entender como "esse conjunto de valores, de nomes sociais e modelos culturais é pensado e vivido pelos indivíduos de nossa sociedade, como se elabora, se estrutura, lógica e psicologicamente, a imagem desses objetos sociais que são a saúde e a doença" (HERZLICH, 2008, p. 14 tradução nossa)¹⁰.

¹⁰ "Étudier la représentation sociale de la santé et de la maladie, c'est observer comment cet ensemble de valeurs, de normes sociales et modèles culturels est pensé et vécu par des individus de notre société, étudier comment s'élabore, se structure, logiquement et psychologi tomb, l'image de ces objets sociaux que sont la santé et maladie" (HERZLICH, 2008, p. 14).

A socióloga Claudine Herzlich em seu livro "Santé et maladie: Analyse d'une représentation sociale" (2008), perpassa diferentes vertentes sociológicas e como seus estudos definem o estar/ser sadio e doente. A autora nos mostra como nós aprendemos socialmente a estar doente, desde o nome da doença dado pelo médico até as regras que esse nome implica ao vivermos em sociedade. A representação social da doença e da saúde, mesmo que envolvendo a experiência de cada pessoa, é importante pois ocupa um papel na construção da realidade social. Se a experiência micro ganha sentido macro ao entrar em contato com valores e modelos culturais, Herzlich (2008) defende que testemunhamos a fusão da experiência na realidade social, fazendo parte de um fenômeno único sobre o qual normas coletivas podem ser estabelecidas. O estudo torna-se, assim, a relação do indivíduo com a saúde e com a doença, na sociedade.

Esse fenômeno pode ser encontrado nas representações de doença e saúde existentes nos anúncios terapêuticos estudados. Por meio dessas fontes não podemos trabalhar com as experiências individuais, a não ser em casos isolados presentes como forma de propaganda nos periódicos, mas podemos pesquisar as categorias de conceituação comum e o imaginário dos períodos que constroem a realidade social. Um exemplo disso é como, com as mudanças no contexto do Brasil república, as propagandas de medicamentos passam a carregar ideias de individualismo, imediatismo e corpo produtivo. Essas propagandas em um cenário macro depositam nas pílulas e xaropes as soluções para questões corporais, relacionais e sociais que são causadas por uma sociedade em processo capitalizado e não podem ser curadas pelo uso potencial de terapêuticos, mas convencem as pessoas de que sim se agirem como indivíduos isolados (SANTOS, 2017).

Esse processo de síntese e troca mútua que constrói os conceitos de doença, saúde e até mesmo de plantas medicinais depende muito de todos os escopos de formação do ser humano, do espaço, do tempo e do sociocultural. Destarte, "uma das funções do historiador é perceber mudanças de atitude em relação à doença, no período de tempo por ele recortado e identificar elementos conjunturais que influenciam as transformações na concepção" (NASCIMENTO, 2005, p. 40).

Ademais Nascimento (2005) encontra na pesquisa de Herzlich embasamento para suas afirmações (p. 41 e 42). Por conseguinte, Nascimento (2005) vê a doença como uma construção social, assim como as concepções científicas e, acreditamos, que como todo ofício de cura. "Podemos pensar que entre diferentes grupos sociais existem diferenças marcantes no sofrer ou no modo de reagir às doenças (...). Existe uma historicidade nas doenças ligada a

todos os acontecimentos do ser humano" (p. 29), sendo cada grupo social, em seu contexto, responsável por dar significação e sentido específicos à doença.

Por fim, segundo a autora, as representações sociais são estruturas dinâmicas que possuem características flexíveis e permeáveis. Podendo ser inconstantes mas também passíveis de continuidade, são tanto expressões de permanência quanto de multiplicidade, estendendo-se em contextos sociais de longa e curta duração (NASCIMENTO, 2005).

Adentrando em como essa discussão teórica motivou a metodologia da pesquisa, no decorrer de sua construção encontramos empecilhos com relação a fonte primária escolhida. Além de lidar com um número relativamente curto de pesquisas que analisam anúncios de remédios no período e recorte espacial escolhidos, dependemos das digitalizações dos periódicos presentes no site da Biblioteca Nacional Digital Brasil (BNDigital)¹¹. É fato que a Hemeroteca Digital Brasileira encurta múltiplos caminhos e facilita a vida de qualquer pesquisador (a). Todavia, o documento digitalizado pode perder, ao estar arquivado de forma virtual, os vários momentos e espaços que ele reivindica e que sua materialidade exige. Por isso, Elizabeth Edwards (2021) defende que

não se trata de escolher entre analógico e digital, já que um não pode substituir o outro, mas de considerar o digital como um outro momento na biografia social do arquivo material, engendrando um espaço [...] no qual o digital se torna uma exegese do arquivo analógico para melhorar a compreensão histórica (EDWARDS, 2021, p. 27).

Outrossim, a historiadora Tania Regina de Luca (2015) nos rememora os riscos e facilidades em trabalhar com uma fonte tão fascinante. Um dos maiores erros dos (as) pesquisadores (as) ao estudar um periódico é buscar apenas aquilo que desejam confirmar, o que pode ocorrer quando desvinculamos uma palavra, uma linha, um texto, ou até mesmo um anúncio terapêutico inteiro de uma realidade (LUCA, 2015). A animação de encontrar as confirmações de nossas hipóteses possibilita que excluamos argumentos contrários que podem estar presentes e serem encontrados com semelhante facilidade. Por isso, Luca afirma a importância de filtrar nosso objeto de pesquisa através da crítica rigorosa (LUCA, 2015), ação essa que estará presente na metodologia desta pesquisa.

Boumediene (2016) sugere que olhemos para as plantas medicinais como "material-saber", considerando seu saber de mediação das relações interpessoais, relativo ao corpo, à doença e à saúde. Saber esse que ganha outro componente quando reconhecemos seus poderes em um meio de comunicação tão importante quanto um jornal e em um espaço de abordagem convidativa, como um anúncio. O saber também nos possibilita reconhecer os

¹¹ Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso em: 12 abril 2023.

outros conhecimentos, no plural, esquecidos e colocados na pilha dos "charlatanismos". Ao olharmos as plantas medicinais como "materiais-saber", olhamos também para a história da saúde com um olhar social.

Susan Francia e Anne Stobart (2015) acreditam que a história estudada pelo viés das plantas medicinais consegue incorporar vasta área em termos efetivos de cronologia e geografía, como em questões metodológicas e de prática histórica. Dividem a pesquisa sobre o tema em três categorias: plantas, pessoas e práticas. Explicam essa divisão ao afirmar que a fitoterapia, ou o tratamento através das plantas¹², pode ser usado para descrever um remédio com base em plantas, um recorte maior ao se referir à atividade ou ao indivíduo que utiliza plantas medicinais em um contexto doméstico ou, de fato, utiliza plantas em um tratamento clínico com abordagem terapêutica que também incorpora outros tratamentos (FRANCIA; STOBART, 2008).

Cada categoria, que deve ser estudada e adotada nos estudos de plantas medicinais, possui fontes específicas, simultaneamente ou não. As autoras exemplificam alta demanda delas e acredito que os anúncios terapêuticos estudados aqui como fonte abarcam, pelo menos nos momentos em que encontramos uso expressivo de vegetais em seus dizeres, um objeto para as três categorias. Assim é possível catalogar e analisar quantitativamente as plantas utilizadas no período escolhido e os remédios produzidos com elas, entender seus usos em espaços sociais e influências culturais, além de estudar suas práticas e indicações de tratamento.

Visando a qualidade e a concretude do trabalho, foram catalogados anúncios de um único jornal, o *Gazeta de Notícias*. Originário de 1875, o *Gazeta* marca o período pelas suas características: "barato, popular, liberal, vendido a quarenta réis o exemplar" (SODRÉ, 1966, p. 257), sendo também concorrente do único jornal consolidado da época, o *Jornal do Comércio*. O espaço que não era ocupado pelas colunas foi desenhado por anúncios diversos; mesmo não sendo o primeiro periódico a publicar um anúncio terapêutico no país, pesquisadores notabilizam a frequência e a quantidade com que os anúncios foram postados em suas folhas de forma ascendente ao longo do século XIX e durante todo o século XX (BUENO; TAITELBAUM, 2008).

O Projeto de Pesquisa deste TCC foi pensado utilizando anúncios catalogados do *Jornal do Comércio*, mas essa programação foi alterada de última hora por motivos técnicos.

-

¹² Para definição do termo fitoterápico, seguimos em concordância com Fernandes (2004): "Entende-se por fitoterápicos os medicamentos originados exclusivamente de material botânico integral (geralmente chás) ou seus extratos usados com o propósito de tratamento médico. Fitofármaco é a substância medicamentosa isolada de extratos de plantas" (FERNANDES, 2004, p. 14).

Apesar dos jornais estarem digitalizados no BNDigital, representantes do jornal nos informaram que a utilização em trabalhos acadêmicos para além da citação possui um custo. Como nos interessava analisar as imagens e disponibilizá-las com o objetivo de melhor proveito e compreensão de quem lê nosso estudo, alteramos a fonte de pesquisa. A mudança para o jornal *Gazeta de Notícias* foi inesperada, mas muito produtiva, pois além de ser uma fonte muito rica, se enquadra em uma demanda maior de venda e acessa mais camadas da sociedade, como afirma Sodré (1966).

Foram analisados o conjunto de anúncios existentes, normalmente nas últimas folhas dos jornais, no recorte temporal de uma edição por mês, visto que os anúncios aparecem de forma repetida ao longo dos meses, variando dias da semana e dias numéricos nos primeiros seis meses de 1890. Além da análise minuciosa que nos presenteou com anúncios recheados de referências a plantas medicinais e diferentes teorias médicas, encontramos no início da república um Brasil conturbado e farto de debates e disputas que precisam ainda ser estudadas pelos pesquisadores formados e em formação. Para mais, a escolha dos seis meses de catalogação e do número de fontes utilizadas foi realizada entendendo os limites de um TCC.

A priori, foram formuladas tabela (APÊNDICE B) referentes aos meses em questão em que encontramos a catalogação de todos os anúncios medicinais dos seis referidos jornais. As colunas foram nomeadas na seguinte ordem: "data", "jornal", "edição", "nome do remédio", "doenças", "plantas", "farmácia/laboratório/empresa", "idade", "gênero", "endereço", "página", "médico/farmacêutico/junta", "referências" e " outros".

Para questões de esclarecimento, as quatro primeiras categorias possuem exatamente as informações elencadas: na categoria "doença" encontramos os dizeres dos anúncios com relação a sintomas e doenças as quais os medicamentos seriam utilizados. Na categoria "plantas" encontramos, caso esteja presente no anúncio, o nome da planta ou vegetal que o remédio era produzido, quando não tinham plantas descritas na fonte a coluna recebia um "X". Na categoria "farmácia/laboratório/empresa", completamos com o nome das farmácias, laboratórios e empresas responsáveis pelo medicamento, quando essas informações não estavam presentes na fonte a coluna recebia um "X". Seguindo, nas categorias "idade", e "gênero", escrevemos referências existentes com relação às faixas etárias que deveriam usar o medicamento ou se eles eram indicados às mulheres ou homens, novamente quando essas informações não estavam presentes na fonte a coluna recebia um "X". A categoria "médico/farmacêutico/junta" explica-se pela constante aparição da aprovação por juntas de medicina/higiene e de nomes de médicos e farmacêuticos em apoio aos remédios, quando

essas informações não estavam presentes na fonte a coluna recebia um "X". Por fim, a coluna "outros" foi ocupada por comentários e impressões nossas sobre cada fonte.

Cada mês possui um número considerável de anúncios no total. Tirando março, com 15, e junho, com 28, encontramos entre 30 e 50 anúncios em cada um.

Tabela 1 - Número de Anúncios no geral

Mês	Anúncios
Janeiro	35
Fevereiro	44
Março	15
Abril	54
Maio	45
Junho	28

Fonte: Elaboração própria. Fonte dos dados: Gazeta de Notícias, 1890.

Optamos por catalogar os seis primeiros meses como uma forma de base quantitativa e estimativa para o resto do ano. A partir dessa informação, foram revisadas as tabelas e separados os anúncios com nomes de plantas, marcando suas cédulas para facilitar na segunda parte do processo, realizando com isso uma segunda tabela (APÊNDICE A) na qual encontramos os nomes das plantas/ referências vegetais que aparecem, a quantidade de vezes em cada mês e o total de vezes no final dos seis meses. Em suma, dos 221 anúncios catalogados 100 possuem plantas e são 46 tipos de referências às plantas diferentes.

Sendo as plantas: "quina", e nomes de referência "quino", "quinina/quinino", "angico", "tolu", "guaco", "anacahuita", "ataúba", "cabeça-de-negro", "cambará", "camomila", "caricina", "cânfora", "caroba miúda", "cáscara sagrada", "cacau", "coca", "copaiba", "cubeba", "aroeira", "mutamba", "gurjun", "tayuyá", "jurubeba", "mamão papaia", "mamona", "matico", "nafé", "nectandra", "norda", "columbo", "cascarrilha", "simaruba", "salsa", "sucupira", "salsaparrilha", "tanaceto" e "velame". Um total de 36 plantas diferentes, sem contar suas variações.

Com a finalização das tabelas, foram separadas, em pastas de acordo com o nome, ano, mês e quantidade de cada planta em evidência, imagens com o recorte dos anúncios analisados na pesquisa. Dividido assim de maneira a facilitar a visualização para análise e comparação das fontes obtidas.

Todas essas demandas estão presentes nas categorias de plantas, pessoas e práticas construídas por Francia e Stobart (2015). Optou-se por utilizar essa divisão como uma forma de facilitar e guiar o trabalho, no entanto não acreditamos que uma categoria se constrói sem a outra, mas sim que são um contraponto quase musical de tão harmonioso. A planta medicinal como um "material-saber" (BOUMEDIENE, 2016) coloca em voga o saber-conhecimento que se produz na convivência, no vivido e na história.

Em conclusão, fundamentado no construído ao longo deste capítulo produzimos o próximo. Argumentado o porquê dessa pesquisa seguir o caminho das flores, ou melhor das plantas, e de sua relação com conceitos de saúde e doença, adentraremos no suporte que o objeto de pesquisa se encontra: os jornais.

Outrossim, as flores e frutos dessa pesquisa serão coletadas ao, por meio da leitura e análise científica das fontes históricas escolhidas, compreendermos as mudanças que ocorreram na conjuntura do país e como elas interviram na medicina e na representação dela nos jornais da capital; ao investigarmos o papel das práticas de cura na sociedade, entendendo as disputas no espaço da saúde como resultado de diferentes processos serem detentores de importância cultural e política; e ao evidenciarmos os usos e os locais de disputa que as plantas medicinais ocupam nessas fontes, principalmente ao reconhecer que plantas possuem, sim, historicidade.

4. ANÚNCIOS TERAPÊUTICOS NOS PERIÓDICOS

Quando estudamos a história da saúde e da doença percebemos que o ser e o estar são locais de disputa. O ser humano aprende ao longo de sua existência, com base na sociedade que compõe, a estar doente (HERZLICH, 2008). Os nomes das doenças, as teorias médicas, os tipos de remédios, o uso (ou não) de plantas, as prescrições médicas que regem as atuações dos pacientes, as instituições, as tradições familiares, as informações adquiridas nas redes sociais, etc. Tudo isso constitui o ser social, sua aprendizagem como doente e sua relação com a saúde. Logo, o objetivo deste capítulo é analisar um produto das relações de disputa da sociedade, os anúncios terapêuticos em periódicos, e procurar compreender como a partir dele conseguimos visualizar os espaços que as diferentes maneiras de cura e teorias da saúde ocupavam no século XIX.

Das mais de 30 espécies encontradas nos anúncios catalogados, foram selecionadas 8 plantas para uma análise mais detalhada, distribuídas ao longo de anúncios de diferentes medicamentos. São elas: quina (*C. succirubra* e *C. calisaya*), aroeira-vermelha (*S. terebinthifolia*), mutamba (*G. ulmifolia*), anacauita (*S. molle*), cabeça-de-negro (*A. crassiflora*), taiuia (*C. tayuya*), gurjun (*D. turbinatus*) e norda (*N. jatamansi*). Essa escolha foi baseada nas semelhanças entre a origem das plantas, sendo a maior parte delas da América Latina, e na estrutura dos anúncios, que permitem uma análise mais detalhada e consistente com os objetivos desta pesquisa.

Outro fator importante que deve ser frisado é o recorte temporal escolhido, os seis primeiros meses de 1890. A capital de uma república recém instituída possui uma gama de questionamentos frescos nos quais os historiadores podem beber para compor suas pesquisas. A vida política de 1890 se refletia na estrutura urbana do Rio de Janeiro, e essa por sua vez, era projetada nos diferentes jornais que surgiam com as mudanças da imprensa (CRUZ, 2013). De acordo com Cruz (2013), devemos pensar a imprensa a partir de uma perspectiva de prática social e constituição massiva dos modos de viver em pensar o ser (p. 27); compreendendo também o papel dos periódicos no processo de formação humana e transformação da vida urbana.

Dentro desses espaços de mudanças, principalmente antes da virada do século, encontramos a predominância das plantas medicinais em anúncios que ainda estavam em suas formas embrionárias com relação à propaganda contemporânea. Com a catalogação e o estudo dos anúncios, foi possível perceber como a mudança na construção da imprensa e da

propaganda alterou a abordagem dos anúncios terapêuticos e substituiu os nomes de plantas por outras informações ou ilustrações mais convidativas.

A partir do que já foi elencado até o momento, sugerimos que essa mudança também possui relação com a forma que a sociedade entende a doenças e a saúde, visto que os anúncios são produtos de seu tempo. Contudo, ao percebermos como teorias médicas conversam entre si e se combinam em disputas e compartilhamentos ao longo da história, não podemos afirmar que a aparição cada vez mais restrita das plantas nos anúncios significou o mesmo na prática de cura. Por isso, indicamos também como, de maneira dialética, os anúncios analisados representam a sociedade, mas buscam, para além, formular a maneira como os seres sociais se expressam, se compreendem e entendem a saúde e a doença no seu cotidiano.

O Jornal *Gazeta de Notícias* é considerado por pesquisadores (LUCA; MARTINS, 2008; SODRÉ, 1999) um dos principais meios de comunicação do Rio de Janeiro no século XIX e início do XX. O preço, as ideias inovadoras e os grandes nomes literários da época em sua redação (FONSECA; CARDOSO, 2008) são alguns dos motivos que fazem dele uma fonte tão instigante e um jornal tão importante.

Como a maioria dos periódicos que caminham de maneira lucrativa fazem, o *Gazeta* aumentou suas tiragens. De acordo com as informações disponíveis no próprio jornal, em 1890 eram produzidos 35.000 exemplares, já entre 1895 e 1900 foram produzidos 40.000 exemplares. Nas fontes analisadas, os número de folhas variam entre 6 e 8 páginas, sendo as últimas 3, em média, reservadas apenas para anúncios (Figura 1). Sodré, reconhece essa peculiaridade e afirma: "Os dois maiores jornais brasileiros, o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*, realizam excelentes negócios; têm tantos anúncios que, não lhes bastando a terceira e quarta páginas, dedicam-lhes um suplemento" (SODRÉ, 1977, p. 289). Nesse período a diagramação ainda obedece certa rigidez ao separar anúncios e matérias (CRUZ, 2013). Entretanto, com o passar do tempo e do crescimento da propaganda nos periódicos, os anúncios ocuparam todas as páginas, começando pelos cantos até conquistar o todo.

Não era de se esperar que fosse diferente visto que financeiramente os jornais se mantêm, em parte, pela venda de seus espaços para propaganda (SODRÉ, 1977). Cruz (2013) sabiamente afirma que: "o reclame transforma-se numa das formas centrais de financiamento das publicações. O sucesso de um periódico, sua manutenção enquanto uma publicação competitiva e estável, passa a depender cada vez mais de sua capacidade de atrair recursos via propaganda" (p. 95). Os anúncios ocupam um espaço importante de popularização da imprensa, não por acreditar efetivamente numa democratização da língua e da leitura, mas por

buscar aquele que compra, o crescente populacional, a modernidade da capital e o capitalizado.

GAZETA DE NOTICIAS - Domingo 2 de Fevereiro de 1890 LENHA ECONOMICA C.P. LEILAO AGLI ITALIANI NICTHEROY CLUB DOS POLITICOS H. Rossigneux BAILE Á FANTASIA auctorisado por alvara do Illm. e Exm. Sr. Dr. juiz de ausentes, a requerimento do Dr. curador das heranças jacentes, representan-te do espolio do fi-nado João Martins de Almeida. (2° sabbatina) Sabbado, 8 de fevereiro de 1890 BALANÇAS CONTEVILLE Sem o passe firmado por este seu eria-do, ninguem poderá ter ingresso a cita GONORRHÉAS Almeida.
VENDERA SELIZILIO
AMANIIA
Segunda-faira 3 do cerrosta
AS 4 HORAS
OLAR SOCIALIS
OLAR SOCIALI der Green og og Unsergielde til med der Green og der Gree S. P. M.
PAZER DA GLORIA

GRANGE PARTER DA GLORIA

GRANGE PARTER DA GLORIA

GRANGE PARTER DA GRANGE

GRANGE PARTER DA GRANGE

GRANGE PARTER DA GRANGE

GRANGE PARTER DA GRANGE

BANGA PARTER DA GRANGE LIQUIDAÇÃO ATTISA E ROUPAS BRANCAS! CAP.'. AMOR AO TRABALHO A. de S. H. M. a Estiter de Carvalho 2º ccorvozação

Não se tendo remaido numero seffi-ciente de socios em 21 do janeiro stitisto, para constituir a assemblea geral, de soro são ocuvocados para torça-laira, 4 de corrente, io 7 horas da soite. Secretaria, 2 de fereveiro de 1800.—O secretaria, 2 dora Junior. AVISOS MARITIMOS Companhia Manufactu-reira Cruzeiro do Sul Escola Normal da Capital Logorar 1991 mer us Outprices

Do dia 3 de l'encere poutton dei
secretaris d'ords concis, des 19 hors de
secretaris, d'ords concis de
secretaris, d'ords concis de
secretaris, d'ords concis d'ords

Nilón de la least haje, 4 l'ores de tende
secretaris, de Euclis Normal de Gregsecretaris, d'ords concis d'ords

Nilón de la least haje, 4 l'ores de tende
secretaris, d'ords concis d'ords

Nilón de l'ords haje, 4 l'ores de tende
secretaris, d'ords concis d'ords

Nilón de l'ords haje, 4 l'ores de tende
secretaris, d'ords concis d'ords

Nilón de l'ords haje, 4 l'ores de tende
secretaris, d'ords haje, 4 l'ores de tende

Nilón de l'ords haje, 4 l'ores de tende
secretaris, d'ords haje, 4 l'ores de

Nilón de l'ords haje, 4 l'ores de tende

Nilón de l'ords haje, 4 l'ores de ten DLEO DE MAMONA QUINADO Vansourens

Ora que un individeo grita putora que un individeo de compañada, relativo ao anno
tentral de compañada de compa the spirit of the process of the spirit of the process of the proc MONTEVIDÉO Sahira no dia 5 de fevereiro para s
BAHIA
LISBOA 29 RUA DA QUITANDA 29 HAMBURGO Zustitut QUINA E FERRO Zintgen Chieross, Anemia, Debilidado De Chieross, Anemia, Debilidado De Chieross, Anemia, Debilidado De Chieros cos das prassagens de 3 incluen vinho de mesa, arga trala-se con o Sr. W. H. iven, run Primeiro de 10 17 l'embre Par carga train-se can o Sr. W. U.
Marchan and C. M. C. Marchandra de Marchan and C. M. Landra de Marchan and C. M. Landra de Marchan and C. Marchandra de M GUARATINGUETA ESTADO DE S. PAULO A PRAÇA AM No excriptorio d'esta Companhia, à run Primeiro de Marco n. 97, paga-se do dia i do corronta ensiante, das II são Boras-da tarda, o dividendo correspondente, ao semestre fisão, em 31 de desembro pra-terito, à razão de 68 por acção. Rio de Janeiro, I' do feverero de 1890. —O director-theatureiro, II. J. Foveiro Butra. MORDDEUTSCHER LLOYD, BREMEN PASTILHAS OHIO CHLORATO DE POTASSIO E COCAINA BOHIGO 2 DE FEVEREIRO

Insuguração da grande karacas
findo de flores Carris Urbanos de Nictheroy Duningo, 2 de ferceriro proximo vin-dozno, ao melodia, saria vendidos em hasta poblica no poteo do quartel en Ex-tacio de Sã, 20 cavallos que foran jui-gados inequares para o acrejo de regi-mento.

Ouartel en Barbonos, 30 de janoiro de 1800.—Gustaco N. Pereira Caropos, COOPERATIVA PORTUGUEZA
22 RUA DA CANDELARIA 22
Está em cobrença até e dia
ANNUNCIOS FIGADO DE BACALHÃO Hill de Santania de ferendro de 1800, O gereste, J. F. de Gries Santar, d' Secretaria da Agricultura punterma so constituira punterma so constituira sindia de Santaria de Santaria de Santaria de Santaria Figuralia de Santaria de Santaria de Santaria de Santaria Figuralia de Santaria de Santari Esperiosphilos de Cal e Soda.

Approvada pela Exma. Junio
Contral de Hygiene Publica e
autoricada nela enverse É O MELANOR REMEDIO ATÉ HAIS DESCOUERTÓ A. B. H. a D. Pedro de Al-cantara dem Tercetor all's. Descriptor del Cremische con Tercetor all's. Descriptor del Cremische serverfacion en caracters religiones per la convertacion en caracters religiones per la per la considera del convertacion del convertacion en considera del convertacion en caracters religiones per la l'instancia del Saste Trut des Hillittes REPUEZO POLITICA NA CAPITA. CON CONTENTA CO Provinces are interested on the province of th CARCANTA 73 RUA DOS OURIVES 73 V. O. T. dos Minimos de São Francisco de Paula CARNE e QUINA Sas paticio que se ente profession a co-lunnaça à loca do cefer de impedio de industrias e prolitates, relativo ao 1º es-mestre de ocerción de 1890. Os collectados que mão satisfaceros consecuentes na maita de 10º 1, do Especial propose. Ello de Jancio, 1 de Serceiro do 1800. — Pela atministrador, Jodo Fuailo da Criss Biessello. VINHO AROUD-QUINA MOENDAS DE CANNA ATTENÇÃO A. B. H. a.D. Pedro de UNIAO C. DOS VAREGISTAS Generalis VIIIa Isabel

A Dipuli ZOCLOGIO

A companita VIIIa Isabel sen carrie

A companita VIIIa Isabel sen carrie

travordinaria highe, en grande nuerce,

tra o nemo farellim, conte locari una

contenta carrie

travoltaria in prima del contenta

travoltaria in prima del contenta

travoltaria in prima del contenta

travoltaria contenta

travoltaria del S. B. A. MARCHEST & ST. BERGETT & ST. BERGET e dos inferium. se empreja para recobrar o apolile, promover a digenilo, toporar a riquiecor o sargue, rebuniceer o organismo e pervesir a anesia e a s originadas pelos calores, não ha belida supersor ao Vinha de Quina para conditronicales ... This data for information on consequences ... The state of the information on consequences ... The consequence TOSSE LIBERRYSON NES. C. LINITED AOS, SRS. CAPITALISTAS HOJE RELAESSE HOJE

Figura 1 - Página 3 da Gazeta de Notícias de 2 de fevereiro de 1890

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 2 fev 1890.

Não podemos utilizar um jornal como fonte sem reconhecer que, inicialmente, quem os consome é um grupo restrito de pessoas alfabetizadas. O valor acessível de um jornal, como é o caso da *Gazeta*, abre espaço para pensarmos que dentro deste grupo encontramos uma variedade maior de consumidores, provavelmente englobando um escopo mais abrangente de classes sociais. Outrossim, o que foi escrito também pode ser falado, logo, as notícias impressas provavelmente circulavam para além de suas folhas e de seus leitores assinantes, através de redes informais de comunicação (PEDRO, 1994).

Devemos aproveitar as tensões existentes dentro da fonte de pesquisa como material de análise, principalmente por que "as tensões e articulações entre a cultura letrada, campo privilegiado de expressão das elites, e a oralidade, constituem dimensão fundamental da formação das culturas urbanas e das relações de poder na cidade moderna" (CRUZ, 2013, p. 30). Não podemos excluir a possibilidade de que as informações presentes nos jornais chegavam até as pessoas não alfabetizadas, da mesma maneira que provavelmente chegavam até aqueles que não compraram o jornal de forma efetiva. Os anúncios que foram analisados neste capítulo são em seu ínterim compostos por textos, mas mesmo assim representam grande influência na população carioca do século XIX.

E se o aspecto propriamente comercial tornou-se uma das dimensões essenciais da atividade [venda], não se pode menosprezar os limites que as condições que o país impunha a tal processo e tampouco esquecer que o jornal vendia (e vende) uma mercadoria muito especial, capaz de despertar simpatia e oposição, mobilizar e levar à ação política, mas que também deveria infundir confiança nos que percorriam suas páginas (LUCA; MARTINS, 2008, p. 133).

Essa mercadoria especial que mobiliza e simpatiza, nas fontes aqui selecionadas, encontra-se estruturada pela escrita. Segundo Temporão (1986) encontramos na história da propaganda anúncios compostos de mensagens de duas grandes áreas de significação: componente icônico e componente escrito (TEMPORÃO, 1986, p. 43).

O escrito, como o próprio nome já diz, envolve o nome do produto (marca) e a explicação escrita (*slogan* ou texto); e o componente icônico, faz referência à reprodução icônica do produto (desenho, foto, ilustração) e a explicação icônica (conteúdo que transcende o produto) (TEMPORÃO, 1986, p. 43). Segundo o autor, nos anúncios do século XIX o caráter predominante é o informativo. Nos que serão analisados aqui, vemos uma predominância do comportamento escrito, da explicação sobre a qualidade do produto e sua formulação. Não negando os componentes icônicos mas reconhecendo um padrão voltado para o texto.

Dessa forma, o "componente escrito" dos anúncios é composto em constância dos nomes das plantas. É uma afirmação generalizada, porém considerável, que no tempo presente muitas pessoas reconhecem que existem nomes científicos e nomes populares de plantas, mas ainda assim os nomes populares predominam quando o assunto é nomenclatura. Mesmo o nome popular sofre variações diversas, principalmente quando pensamos questões culturais e geográficas. No início do século passado isso também ocorreu. Encontramos diferentes remédios que utilizam a mesma planta em sua base, mas vendem a planta e o produto com nomes diferentes, como veremos nos anúncios de remédio aqui selecionados.

O nome científico é uma linguagem utilizada globalmente e surgiu com a finalidade de facilitar a catalogação e o estudo das plantas quando pensadas para além das suas regiões de origem. O sistema de classificação criado por Lineu, publicado em 1753, apesar de facilitar a pesquisa biológica, exclui as nomenclaturas anteriores e possui um caráter enciclopedista característico do Iluminismo. O sistema foi rapidamente adotado já que os métodos utilizados até então não davam conta das muitas plantas sendo "descobertas" (FRY, 2014).

Sua classificação, quando partimos do pressuposto de que plantas semelhantes podem ter nomes populares diferentes e de que a ação antrópica faz com que plantas de mesma origem estejam presentes em locais distintos, realmente é muito útil. No entanto, com as transformações da ciência, muitas das divisões do século XVIII não fazem mais sentido, levando alguns cientistas a sugerirem que as plantas sejam renomeadas com base em códigos e suas relações evolutivas (FRY, 2014). Ademais, Paulo Basta (2020) nos lembra que "os nomes populares são utilizados localmente e definem o que se convencionou chamar de Conhecimento Tradicional Associado (CTA) ao uso dessas espécies" (BASTA, 2020, p.257), sendo importantes antropologicamente, mas também para auxiliar no subsídio de projetos relacionados à conservação de espécies e biodiversidade.

Segundo Medeiros, "O significado do nome popular muitas vezes está relacionado à percepção e ao uso que determinada sociedade tinha sobre os recursos vegetais que a cercavam, o que acabava determinando a eleição deste ou daquele significante (nome popular)" (MEDEIROS, 2009, p. 60). Além disso, a forma como as pessoas nomeiam e identificam os objetos de contato, normalmente está relacionada com o ambiente em que vivem, com aquilo que possuem conhecimento sobre, numa relação forte de comparação e referência muitas vezes inconsciente.

Essa situação ocorre com frequência quando encontramos "quina", "quinina/quinino" e "quino" referentes à mesma árvore de nome quina (*Cinchona*). No caso "quinino" é o nome

dado ao conjunto de todos os alcalóides retirados da casca da quina, árvore nativa da América do Sul (LAWS, 2013; BOUMEDIENE, 2016).

De acordo com pesquisas recentes (LAWS, 2013), os indígenas quíchuas, nome designado aos povos indígenas andinos que falam a língua quíchua, dominavam o uso medicinal da quina. Por ser uma árvore de muitas espécies, algumas tinham finalidades medicinais e outras não, o que levava à valorização de um tipo específico que recebeu o nome de "casca das cascas" ou "quina quina" (LAWS, 2013, p. 45). A "quina quina" possui cerca de 30 tipos de alcalóides diferentes, entre eles o quinino e a quinina, tão utilizados nos anúncios em análise.

 \mathbf{O} historiador Boumediene francês Samir (2016)defende existe, que aproximadamente, um século de diferença entre os primeiros usos da planta em Sevilha e Roma e a realização de uma descrição botânica detalhada da árvore de quina por estudiosos europeus no século XVIII (BOUMEDIENE, 2016, p. 266). La Condamine, em 1737, conseguiu esses registros e uma ilustração da região de Cajanuma, sendo o primeiro cientista europeu a descrever com precisão a árvore (BOUMEDIENE, 2016, p. 267). Todavia, o autor esclarece que no livro de memórias em que o cientista registra a quina, essa é vista mais como um produto do que como um vegetal, voltando sua existência ao comércio e como facilitar sua comercialização.

Em meados do XVIII, outro pesquisador botânico denominado Jussieu (BOUMEDIENE, 2016, p. 269), em suas pesquisas de catalogação e estudo das espécies de quina, entrou em contato com uma aldeia de Malacatos, no Equador, na qual aprendeu com os indígenas que o nome original da árvore é "yarachuchu carachucchu: Yara significa árvore, cara a casca, chucchu calafrio de febre, por assim dizer a árvore da febre intermitente" (BOUMEDIENE, 2016, p. 269, tradução nossa)¹³.

Essas descrições são utilizadas por Lineu em 1742 para estabelecer um novo gênero botânico que nomeou de *Cinchona*, de acordo com Boumediene, devido uma má interpretação de registros ainda mais antigos; "Cem anos depois de seu primeiro uso no Velho Continente, a quina entra para o grande livro da história natural e traz consigo muitas outras plantas americanas" (BOUMEDIENE, 2016, p. 270, tradução nossa)¹⁴.

¹⁴ "Cent ans après son premier usage sur le Vieux Continent, le quinquina entre dans le grand livre de l'histoire naturelle et entraîne, dans son sillage, de nombreux autres végétaux américains" (BOUMEDIENE, 2016, p. 270).

¹³ "[...] yarachucchu carachucchu: Yara signifie arbre, cara l'écorce, chucchu frisson de la fièvre, pour ainsi dire l'arbre de la fièvre intermittente" (BOUMEDIENE, 2016, p. 269).

O historiador disponibiliza na sua pesquisa uma fonte, realizada por oficiais de exploração de Loja, atual província do Equador, e Paita, no Peru, em qual encontramos uma classificação de quininas entre 1720 e 1730. Nela a origem geográfica das árvores é "da montanha de Cajanuma" (BOUMEDIENE, 2016, p. 256, tradução nossa)¹⁵, localizada no Equador. Considera empiricamente impossível saber se as cascas são realmente retiradas e originárias de Cajanuma, mesmo que, pelo o que parece, em 1730 um tabelião de Loja fora responsável por certificar a proveniência das quinas na região (BOUMEDIENE, 2016, p. 256).

De forma mais específica, suas diferentes espécies se estendem das montanhas do sul da Costa Rica e Norte do Panamá até as montanhas andinas da Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Bolívia (ANDERSSON, 1998 apud FERREIRA JÚNIOR *et al*, 2012). Mesmo não sendo listada como um gênero brasileiro, já foram encontradas espécies da mesma na floresta Amazônica. Desde o estabelecimento do gênero *Cinchona* por Lineu, muitas espécies foram encontradas, nomeadas e catalogadas, o que causou algumas confusões entre pesquisadores (ANDERSSON, 1998 apud FERREIRA JÚNIOR *et al*, 2012). Segundo Ferreira Júnior *et al* (2012) a pesquisa mais confiável reconhece 23 espécies para esse gênero.

Infelizmente, com base apenas nos anúncios, não é possível determinar quais espécies estamos analisando. Todavia, com o auxílio da pesquisa de Maria Franco Trindade Medeiros, Regina Helena Potsch Andreata e Luci de Senna Valle, intitulada "*Identificação de termos oitocentistas relacionados às plantas medicinais usadas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil*" (2010), podemos encontrar quais estavam sendo utilizadas no final do XIX na região central do Rio de Janeiro, mais especificamente no Mosteiro de São Bento, e supor sua continuidade. Eram elas¹⁶: *Cinchona calisaya*¹⁷ e *Cinchona succirubra*¹⁸.

Para além, o início do século XVIII, mais especificamente entre 1710 e 1730, é marcado por um movimento de intervenção científica chamado de "ética da exatidão" (BOUMEDIENE, 2016, p. 253). Entende-se que esse movimento tem origem nos documentos de instrução aos viajantes, escritos durante a segunda metade do século XVII. As instruções indicavam que o viajante tivesse uma percepção sem julgamentos, neutra, como um simples agente que manipula instrumentos e não como um mediador que transforma tudo o que

¹⁵ "Mont de Cajanuma" (BOUMEDIENE, 2016, p. 256).

¹⁶ Existem discordâncias em relação a continuidade desses nomes científicos, podemos encontrar suas existências no site Tropicos (disponível em: https://tropicos.org/home. Acesso em: 07 jul 2023) mas não no site Flora e Funga do Brasil (disponível em:

http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ResultadoDaConsultaNovaConsulta.do#CondicaoTaxonCP. Acesso em 07 jul 2023).

¹⁷ Conhecida como quina, quina amarela e peruviana no século XIX (MEDEIROS *et al*, 2010, p. 785)

¹⁸ Conhecida como quina vermelha (*Ibid*, p.785).

transfere (BOUMEDIENE, 2016, p. 254). Essa ideia de neutralidade é predominante no modelo de pesquisa em que "a periferia é apenas o local de amostragem, enquanto o centro é o local de constituição e validação do conhecimento" (BOUMEDIENE, 2016, p. 254, tradução nossa).

Boumediene trás a "ética da exatidão" como um movimento que finda em meados do XVIII com a busca e conquista do material-saber das medicinas não europeias. (BOUMEDIENE, 2016, p. 253). Sendo assim, as explorações científicas iam além da neutralidade e se envolviam com o encontrado nas terras "estrangeiras", com o objetivo de encontrar soluções no espaço colonizado para problemas colonizadores. A doença entra aqui como um problema, mas a visão do colonizador se mantém como superior mesmo que envolvida nos espaços que possuem a solução para seus problemas.

A quina é resultado da "ética de exatidão" e é um bom exemplo de como esse período lidava com o material-saber adquirido nas Américas. O autor elenca que essa árvore desempenhava papel duplo, sua oferta, que era rara e cara, exigiu que a ciência a conhecesse melhor. A eficácia de suas substância também leva os europeus a buscarem outras plantas e especificidades em terras colonizadas, "entre 1710 e 1750, as monarquias espanhola, francesa e inglesa empregaram assim as técnicas renovadas de construção erudita do mundo para roubar, ou para proteger, os recursos medicinais das Américas" (BOUMEDIENE, 2016, p. 255, tradução nossa).

A partir dos estudos de Vera Regina Beltrão Marques (1999) compreendemos mais sobre como, mesmo colocados em uma posição de inferioridade pela medicina acadêmica, muitos dos saberes da época provinham das populações indígenas das Américas e do uso secular do que a autora chama de curandeiros e pajés, conhecedores das matas e de caminhos nunca antes percorridos por invasores colonizadores. Como veremos ao longo deste capítulo, esses saberes, em sua grande maioria renegados por médicos e posições de institucionalização colonizadora, eram negados no plano do discurso, contudo, adaptados e utilizados na prática para a formação do que se constituiu como ciência farmacêutica na modernidade (MARQUES, 1999).

Outra pesquisa (FERREIRA JÚNIOR et al, 2012) afirma que existem registros de como o conhecimento do uso medicinal da quina viajou do sul da América, sendo

²⁰ "Entre 1710 et 1750, les monarchies espagnole, française et anglaise emploient ainsi les techniques renouvelées de la construction savante du monde pour dérober, ou pour protéger, les ressources médicinales de l'Amérique" (BOUMEDIENE, 2016, p. 255).

¹⁹ "La périphérie n'est que le lieu d'un prélèvement, tandis que le centre est le lieu de constitution et de validation du savoir" (BOUMEDIENE, 2016, p. 254). No trecho utilizado o autor utiliza o termo periferia para se referir às regiões colonizadas e o centro para se referir à Europa, centro colonizador.

principalmente utilizado pelos indígenas equatorianos "Malacotas", até os europeus. Nesta questão encontramos um exemplo claro sobre como a função da planta na prática medicinal varia de acordo com o grupo social que a manuseia, considerando também a representação de doença e saúde que incorporavam. Os registros citados na pesquisa reportam como esse grupo indígena utilizava a quina para tratar febres, não citando exatamente a forma como isso ocorria. Os jesuítas alastraram na região o uso da casca em pó dessa planta para o tratamento de malária, doença até então não existente na América do Sul mas que possui febre alta como sintoma.

Essa questão é abordada no artigo "Use and importance of quina (Cinchona spp.) and ipeca (Carapichea ipecacuanha (Brot.) L. Andersson): Plants for medicinal use from the 16th century to the present":

Também é desconhecido como os conquistadores chegaram ao uso efetivo da quina para tratar malária (Urdang, 1945), embora alguns autores afirmem que esta planta provavelmente foi usada na América para tratamento de malária (Patiño, 1963; Tene et al., 2007). No entanto, não é possível determinar se os povos indígenas começaram a usar quina para tratar esta doença, ou se conquistadores descobriram a eficácia das plantas por causa da semelhança nos sintomas entre febres comuns e febres causada pela malária (FERREIRA JÚNIOR *et al* 2012, p. 106, tradução nossa)²¹.

Em 1890, séculos após a classificação do gênero *Cinchona* na Europa, encontramos seu uso como febrífugo em um remédio denominado "Anti-febril Vegetal Carvalho" (Figura 2), "composto somente de **vegetais comestíveis e estomacaes** (grifo nosso)" ²². O anúncio desse remédio pode ser encontrado em diferentes edições do jornal *Gazeta de Notícias*, sendo analisadas aqui as edições de primeiro de janeiro, vinte e cinco de abril e vinte e um de maio.

Sua estrutura como anúncio envolve apenas dizeres, entretanto, as palavras "intermittentes", "febres", "palustres" e "resfriamentos" encontram-se sempre em negrito e em maior tamanho que o texto do anúncio. Antes de ler sobre os motivos de comprar o remédio o consumidor deve saber que sua ação é contra esses males, no caso aqui em análise até mesmo o nome do remédio é pequeno em comparação ao elencado.

em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5. Acesso em: 22 maio 2023.

²¹ "It is also unclear how Conquistadors came to effectively use quina to treat malaria (Urdang, 1945), although some authors claim that this plant had likely been used in America for malaria treatment (Patiño, 1963; Tene et al., 2007). However, it has not been possible to determine whether the indigenous people first started using quina to treat this disease, or whether the conquerors discovered the plants' effectiveness because of the similarity in symptoms between common fevers and fevers caused by malaria" (FERREIRA JÚNIOR et al, 2012, p. 106).

²² GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível

INTERMITTENTES PALUSTRES RESFRIAMENTOS, ETC. Curam-se prompta e radicalmento. ainda que tenham resistido á acção do sulphato de quinina, com a applicação do ANTI-FERRIL VEGATALI CARVALHO, approvado pela junta de hygiene publica-e composto sómente de VEGETAES COMESTIVEIS e estomacaes. Usado uma hora antes das comidas, é um excellente apperitivo s tambem é um reconstituinte; por isso muito se recommenda 205 convalescentes das mobstias acima, assim como a osem soffre de anemia, chlorise, suores nocturnos, rachitismo, etc. E' um potentissi-mo sudorifico e como tal deve son preferido a qualquer outro, pois tem a vantagem de atalhar as febres. Vende-se no deposito especial de F. Paulo de Freitas, rua dos Ourives n. 32 A. Vidro 28000. (-

Figura 2 - Anúncio "Anti-febril Vegetal Carvalho"

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1 jan 1890.

Outrossim, "febre palustre" é um dos nomes dados à malária²³ no Brasil, nos fazendo pensar em como anos depois o vegetal quina ainda é utilizado como remédio para as mesmas doenças dos séculos anteriores, visto que Boumediene (2016, p. 255) levanta que as compras da quina realizadas sob a ordem de Pontchartrain em 1687 à Cadix são as primeiras medidas tomadas por uma monarquia europeia para melhorar seu suprimento de febrífugos²⁴. Claro, a própria relação social com a malária mudou com o passar dos anos, mas o tratamento da febre a partir do quinino, principalmente a substância vinda da planta, tornou-se tradicional na arte da cura.

²³ De acordo com Benchimol, em 1891, "A malária reinou epidemicamente durante todo o ano, provocando 2.235 óbitos. Foi a maior epidemia conhecida. Segundo o médico demografista, sendo o germe da malária 'puramente telúrico', seu caráter epidêmico devia-se unicamente à insalubridade do solo da cidade"

(BENCHIMOL, 1992,p. 179).

²⁴ "Les achats de quinquina réalisés sur ordre de Pontchartrain en 1687 à Cadix sont les premières mesures prises par une monarchie européenne pour améliorer son approvisionnement en fébrifuge. Durant la première moitié du XVIII siècle, les Espagnols, les Français et les Anglais élaborent d'autres dispositifs pour faciliter leur accès à la ressource péruvienne" (BOUMEDIENE, 2016, p. 255).

A partir disso, Aline Mercan, em seu texto *Tradition, temporalité, modernité et plantes médicinales* (2014), questiona o que faz de uma tradição, uma tradição. Trazendo também questionamentos com relação ao uso das plantas medicinais: a utilização de uma planta ao longo da história, com mudanças no preparo, no motivo do uso e na metodologia, torna ela tradicional? Podemos ir ainda mais longe e pensar em como essa planta muda ao ser transportada e interagir de formas diversas com espaços geográficos diferentes e representações de saúde e doença diferentes, apesar dessas mudanças ela ainda pode ser tradicional? Como resposta a autora exemplifica plantas em continuidade e utiliza o seguinte trecho para afirmar que tradições também possuem variações: "Em suma, a tradição, supostamente em conservação, manifesta uma capacidade singular de variação, proporcionando uma espantosa margem de liberdade a quem a serve (ou a manipula)" (Lenclud, 1987 apud MERCAN, 2014, p. 157 tradução nossa)²⁵.

Encontramos no anúncio referências ao uso sintético do quinino: [as doenças citadas no anúncio] "curam-se prompta e radicalmente, ainda que tenham resistido á acção do sulfato de quinina". Trecho esse que é utilizado antes de falar da composição vegetal do medicamento, valorizando o uso de plantas no antifebril, pois, mesmo com a resistência do seu corpo às substâncias isoladas, o remédio em questão cura seus problemas.

Entrando na questão do isolamento dos alcalóides, até meados do século XIX o quinino natural era propriedade espanhola, tendo ele sido isolado quimicamente apenas uns anos antes, em 1820. Quando o quinino é isolado como princípio ativo, sua existência torna-se um dos motivos para as guerras de independência das colônias espanholas em que a quina cresce como vegetal e como produto (BOUMEDIENE, 2016, p. 289). Boumediene (2016, p. 289) afirma que a proclamação da República da Grã-Colômbia em 1819, território que hoje corresponde aos atuais países da Colômbia, Equador, Panamá e Venezuela, marca o fim da mediação espanhola na quina. Importante frisar que o fim da mediação europeia não foi o fim do comércio dessa planta. As repúblicas instauradas mantiveram, com as devidas especificidades e diferenças, o comércio de febrífugo, e construíram, em alguns casos, uma relação de patrimônio nacional com a árvore de casca medicinal.

Na edição de janeiro do jornal *Gazeta de Notícias* encontramos mais uma vez uma separação clara entre a quina planta e o quinino alcalóide (Figura 3). O "Vinho do Quinium

-

²⁵ "Bref la tradition, supposée être conservatrice, manifeste une singulière capacité à la variation, ménage une étonnante marge de liberté à ceux qui la servent (ou la manipulent) (Lenclud, 1987, 5)" (Lenclud, 1987 apud MERCAN, 2014, p. 157).

Labarraque" faz questão de frisar que é um condensado de todos os princípios da quina mas que "algumas gramas de Quinium produzem o mesmo effeito que varios kilos de quina" ²⁶.

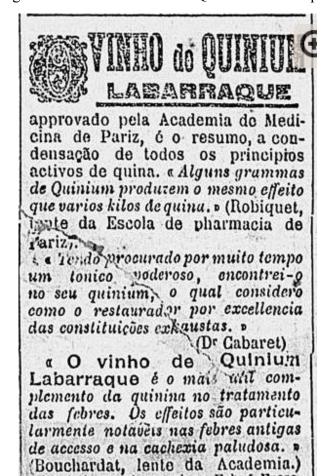


Figura 3 - Anúncio "Vinho do Quinium Labarraque"

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1 jan 1890.

Em todas as pharmacias.—Fabr.L.Frere.

Este anúncio terapêutico, presente na página cinco do jornal, também nos possibilita analisar relações de poder existentes no espaço da propaganda. Desde o primeiro trecho, deixa evidente os fatos científicos da Academia de Medicina de Paris e da Escola de Farmácia de Paris nas quais o produto se baseia. A falta de ilustrações é suprida pela confirmação de médicos e farmacêuticos de que esse é um bom produto. Temporão explica:

A qualidade do produto é atestada pelo renome do médico que o recomenda e as indicações são amplas o suficiente para servir a todas as mazelas. A técnica do anúncio ainda dava seus primeiros passos. Era importante, também, associar o medicamento a um determinado farmacêutico ou casa representante, o que o

-

²⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=5. Acesso em: 22 maio 2023.

legitimava; dava um conteúdo científico aos vidros, pós, pomadas e drágeas (TEMPORÃO, 1986, p. 38 - 39)

O Dr Cabaret declara: "Tendo procurado por muito tempo um tônico poderoso, encontrei-o no seu quinium, o qual considero como o restaurador por excelência das constituições exaustas"; O relato médico não seria adicionado ao anúncio se não significasse possíveis compras a partir disso, a ideia de capitalização vem congregada ao desejo de instrumentalização pedagógica (PEDRO, 1994. p. 32).

Ademais, podemos perceber também como as doenças que esse remédio auxilia a tratar aparecem de maneira mais singela com relação ao anúncio anterior. Ao tratar "febres antigas de acesso e cachexia paludosa", os responsáveis pelo "Vinho do Quinium Labarraque" acreditam mais no poder de venda de uma medicina científica e farmacêutica que não envolve a planta em si. Assim sendo, a fonte em estudo demonstra como nem sempre os anúncios que citam a planta o fazem para valorizar sua utilização e seus benefícios.

As plantas das regiões colonizadas e periféricas eram entendidas pela visão colonial como matéria bruta sem conhecimento científico (BOUMEDIENE, 2016, p. 299). Nessa lógica, apenas os europeus podem usufruir do conhecimento indígena, que estagnado na colônia torna-se inútil, e torná-lo ciência médica; nesse sentido acreditavam que os tratamentos com plantas "saíam daqui como saberes incivilizados, voltando como o mais genuíno e elaborado conhecimento científico português" (MARQUES, 1999, p. 283), ou no caso da quina, espanhol.

Como visto no primeiro capítulo do vigente trabalho, o conflito entre os tipos de conhecimento com relação à saúde e a doença se mantém até o final do século XIX, podemos dizer que até a atualidade, respeitando suas devidas especificidades. Os anúncios encontram-se imersos, como representações sociais de seus espaços, em um ambiente que compartilha e disputa conhecimentos "populares" e "científicos". A ciência médica não vem apenas do exterior nesse momento, mas ainda pressiona de maneira hierárquica a medicina popular e o que deriva dos conhecimentos indígenas e de matriz africana. Assim, essa medicina escolhe omitir ou ignorar que boa parte da base de sua formação se constitui nesses locais.

A indústria farmacêutica também possui papel importante nesse espaço. Temporão (1986) afirma algo que é a base dos questionamentos aqui inseridos: a farmácia ocupa um lugar de extremo destaque na publicidade, podendo-se afirmar que a história da propaganda confunde-se com a da propaganda de medicamentos, no Brasil (p. 37). A partir desse trajeto,

acompanhamos o processo de crescimento do ramo e vinculado a isso o crescimento da medicalização nas sociedades capitalistas (TEMPORÃO, 1986, p. 37).

No caso da quina foi crucial na questão de comercialização de suas substâncias e da planta em si, "a nascente indústria farmacêutica participa da expansão colonial. A estabilização do febrífugo, em que agora é possível controlar a concentração do princípio ativo, permite distribuí-lo em grandes quantidades e em todos os continentes" (BOUMEDIENE, 2016, p. 290, tradução nossa)²⁷.

Edler (2006) adiciona ao debate que, até as primeiras décadas do século passado, as farmácias eram responsáveis por preparar as receitas médicas e fabricar os elixires, vinhos e licores que aparecem com constância nas fontes em análise. Já as drogarias e depósitos vendiam esses produtos, importando os medicamentos e produtos de higiene do estrangeiro e em certos momentos distribuindo os produzidos em terreno nacional, voltando esses espaços para uma variedade de mercadorias, "(...) extratos fluidos de plantas, analgesicos a base de cocaina e outros componentes químicos, **sais de quinina**, morfina e diversos produtos injetáveis" (EDLER, 2006, p. 97, grifo nosso).

Podemos perceber nos anúncios que a produção estrangeira possui um depósito²⁸, mas no Brasil existem outros locais responsáveis pela venda do medicamento. O endereço do depósito brasileiro também aparece em múltiplos momentos, concedendo autonomia ao consumidor, que assim pode buscar o produto em sua origem, mas também relacionando ainda mais o urbano com o imaginário comercial. Principalmente porque, segundo Cruz (2013), é através da propaganda que uma cidade capitalizada e mercantil adentra a imprensa periódica, "afirmando novos valores, renovando as formas de dizer de antigas propostas, dirigindo as demandas e buscando criar desejos e necessidades no grande público, a propaganda participa ativamente do processo de formulação das novas linguagens do viver urbano" (CRUZ, 2013, p. 97).

²⁷ "L'industrie pharmaceutique naissante participe à l'expansion coloniale. La stabilisation du fébrifuge, dans lequel il est désormais possible de maîtriser la concentration en principe actif, permet de le distribuer en grande quantité, et sur l'ensemble des continents" (BOUMEDIENE, 2016, p. 290).

²⁸ De acordo com Edler (2006), as casas depositárias ou depósitos são o início da farmácia como espaço de comercialização e estrutura de mercado, especializados na venda e distribuição de produtos estrangeiros e nacionais (p. 96). Encontramos algumas referências ao depósito especial de "F. Paulo Freitas" (GAZETA DE NOTÍCIAS, janeiro, fevereiro, março, abril e maio 1890) e também à laboratórios estrangeiros como Lamman & Kemp responsável pelo "*Peitoral Anacahuita*" (GAZETA DE NOTÍCIAS, abril 1890). A diferença dos espaços se encontra aqui: no final do XIX e início do XX, as farmácias preparavam as receitas médicas e outros remédios de múltiplos suportes e as drogarias e depósitos vendiam o produzido em laboratórios estrangeiros e nacionais (EDLER, 2006, p. 98).

Além dos endereços mais específicos, encontramos remédios como o "Xarope e pilulas de Rebillon" (Figura 4) que pode ser encontrado em "depositos em todas as principais pharmacias e drogarias do Brazil" ²⁹.



Figura 4 - Anúncio "Xarope e pilulas de Rebillon"

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, fev 1890.

Ao longo do fim do século XIX, e durante o século XX, a disputa pelo controle da quina se estendeu para a Grã-Bretanha e a Holanda. Sua função principal era o tratamento contra malária, mas encontramos aqui o uso contra disenterias, dores de estômago, diarréias, anemia, febres e como fortificante, um tônico. A disputa sedenta que apenas derrubava árvores, retirava as cascas e descartava o resto, foi substituída pela versão sintética do quinino e pela preservação capitalizada que encontra na árvore, mais lucro.

No anúncio do "Xarope e pilulas de Rebillon", nos deparamos com essas outras doenças que não apenas a febre intensa, mas também doenças de corpos que menstruam, como "flores brancas, suppressão e desordens da mesntruação". Interessante perceber que em 1890 o recorte de gênero nos anúncios ainda não chegou ao nuance de separar os remédios femininos dos remédios masculinos, como acontece mais à frente na história da propaganda farmacêutica.

²⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, fev 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=158. Acesso em: 22 maio 2023.

³⁰ "Flores brancas" atualmente recebem o nome de corrimento. O termo utilizado como um eufemismo mostra a relação complicada com o falar sobre doenças da cavidade vaginal durante o século XX, "(...) infecções ginecológicas caracterizadas pela leucorreia. Esses corrimentos vaginais, hoje em dia rapidamente tratáveis, eram um tormento crônico para as mulheres do século passado (século XIX), que viviam anos a fio infectadas, com poucas chances de cura" (LIMA, 1995, p. 62).

Mesmo assim, é surpreendente a quantidade de doenças que um único remédio "Rebillon" é capaz de curar, demonstrando como a relação entre saúde e doença, no mercado, está diretamente ligada ao número de doenças que o consumidor consegue reconhecer em si. Vende-se a cura e a saúde, vendendo a doença. A mercadoria, no caso o remédio, representa algo benéfico, detentor de solução ou recurso para evitar doenças e derivados (LEFÈVRE, 1991, p. 38). "É o único remédio que pôde ser empregado com exclusão de qualquer outra substancia", um único remédio para mais de dez doenças ou sintomas.

Torna-se tanto quanto irônico pensar que a formulação dos remédios produzidos a partir da quina, planta estritamente sul americana, é a Europa. Esse fato, exemplificado pelos dados históricos demonstrados até agora e pelos anúncios em análise, é fomentado também pelo aspecto político que a planta como fonte de pesquisa histórica possui.

A aposta comercial representada pelo febrífugo traduz claramente a utilidade política que lhe foi atribuída no século XIX. A quinina é um instrumento das guerras de conquista lideradas pelos europeus. A assimetria que cresceu no século XIX entre as potências imperiais e o resto do mundo resumiu-se perfeitamente ao destino dos febrífugos: quando a África e a Ásia foram tomadas de assalto pelos europeus, o comércio do quinino é roubado das antigas colônias espanholas. No início do século XX, a exploração da quina era quase uma memória antiga em Loja (BOUMEDIENE, 2016, p. 292, tradução nossa)³¹.

Outrossim, ao folhear os jornais - mesmo que digitalmente - encontramos exemplos em que o aspecto político das plantas e sua relação com a colonização aparecem em dose dupla. Como é o caso dos remédios que utilizam quina e cacau em sua composição, dois vegetais de origem latino americana que foram explorados, incorporados por costumes europeus e regurgitados de volta às Américas.

O uso de uma segunda planta na estrutura do remédio pode ter relação com os objetivos que o medicamento busca proporcionar. Visto que encontramos dois anúncios no jornal de junho que utilizam o cacau e a quina como tônicos. "Anemia, Cirrose, Febres, Doenças nervósas de toda sorte, Convalescencias, Diarrheia chrônica, Hemorragias, Cores pallidas, Affecções escrofulósas, Gastralgias, Horror da comida, Dôres de estomago, Consumição" são os problemas que o "Vinho de Bugeaud Toni-Nutritivo" (Figura 5) pode

³² GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jun 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831. Acesso em: 22 maio 2023.

-

³¹ "L'or amer est devenu une arme de guerre. L'asymétrie qui s'accentue au XIX siècle entre les puissances impériales et le reste du monde est parfaitement résumée par le destin du fébrifuge: au moment où l'Afrique et l'Asie sont prises d'assaut par les Européens, le commerce de la quinine est dérobé aux anciennes colonies espagnoles. Au début du XX siècle, l'exploitation des arbres à quinquina est presque un vieux souvenir à Loja" (BOUMEDIENE, 2016, p. 292).

solucionar. Nele as doenças são mais voltadas a problemas de fortalecimento, sangue e digestivos.



Figura 5 - Anúncio "Vinho de Bugeaud Toni-Nutritivo"

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jun 1890.

Outro medicamento tonificante e não necessariamente febrífugo, é o "Vinho de cacao, peptona, lactophosphato de cal e quina; tonico e reconstituinte" Nem o nome do remédio ou o anúncio em si, utilizam uma farmácia, empresa ou depósito como referência. Voltado mais para o convencimento pelo texto, é possível ler que "são notabillissimas e incontestaveis as vantagens do seu emprego nas molestias devidas ao enfraquecimento das crianças", especificando seu uso no público infantil que por muitos anos é o público alvo dos tônicos, mas também "vigora as forças apóz a decadencia produzida por molestias prolongadas, pneumonias e perniciosas, fortalece o combate a tuberculose pulmonar" adentrando nos

³³ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jun 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830. Acesso em: 22 maio 2023.

³⁴ Como uma informação externa, mas importante, no ano de 1890 foram, registrados 2.202 óbitos causados por tuberculose (BENCHIMOL, 1992, p. 179). Valor não tão alto comparado a outras doenças e epidemias, mas muito significativo para o período.

tratamentos respiratórios que possuem relação direta com o uso do vinho como remédio (ESTEVES, 2012, p. 133).

Os tônicos nutritivos na forma de vinho, e utilizando a quina em sua composição, são predominantes como suporte nos anúncios em análise. Dos onze anúncios com referência a quina ao longo dos seis meses e seis jornais escolhidos³⁵, seis utilizam o tratamento por meio de vinhos. No Brasil, a relação do vinho com a saúde remete às tradições portuguesas de alimentação e cuidados médicos (SALES, 2010)³⁶. O historiador Fernand Braudel (1970), ao analisar o cotidiano etílico europeu, afirma que mesmo com a circulação de bebidas alcoólicas em todo o continente, existem áreas de consumação delimitadas geograficamente, sendo o vinho predominante nas regiões Sul e Oeste (p. 191).

Os conceitos já trabalhados aqui, de progresso e modernidade, de maneira estendida ao urbano, também adentram o social quando falamos do corpo que trabalha e constrói efetivamente o urbano. O consumo do álcool pelas bases populares nesse período é visto como uma ameaça à estrutura social, pois corrompe o trabalhador e seus deveres como cidadão:

O trabalho era reconhecido como elemento fundamental para o progresso do Brasil, sendo o trabalhador o elemento básico de toda essa estrutura e o alcoolismo sua corrosão. Sob a ótica do trabalho, o alcoolista era mão de obra inutilizada e prejuízo para toda a sociedade, diminuído em sua força e no ritmo da produção deixava de cumprir com seu dever de conduzir a economia brasileira a uma posição de destaque no cenário mundial, além disso, representava gastos vultosos para o Estado em verbas hospitalares, nas internações em hospícios e nas prisões (SALES, 2010, p. 200).

Em 1890, encontramos um momento conflituoso em que o vinho de quina é "um poderoso e energico tonico e febrifugo"³⁷ indicado pelos "mais abalizados clinicos d'esta capital", como afirma o anúncio do "Vinho de Quinio Janvront", mas também um risco ao trabalhador brasileiro. A situação fica ainda mais interessante e conflituosa, quando entendemos o papel do tônico na sociedade brasileira do início da república, sendo

Existe um grande debate histórico sobre o uso e desuso do álcool como remédio. Em 1890, lidamos com um recorte muito específico desse debate em que grande parte da ciência reconhece os problemas do álcool e do alcoolismo, procurando entender como isso se estende aos tratamentos médicos e remédios em produção farmacêutica (SALES, 2010). Não obstante, também existe o peso cultural do tratamento alcoólico. Segundo Sales (2010, p. 199), no Brasil o alcoolismo se destacava desde meados do século XIX em produções acadêmicas nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. A linha entre seu valor terapêutico e sua nocividade ganha força e intervenção no período aqui em análise, e se constitui mais sistematicamente no século XX, "influenciada pelo alienismo francês e numa conjuntura caracterizada pela progressiva emancipação dos escravos e o crescente aumento das imigrações, pelo regime republicano e pela tentativa de elevar o país à categoria de 'civilizado'" (SALES, 2010, p.199).

37 GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jun 1890. versão digitalizada.

³⁵ Não numerando os que aparecem de maneira repetida ao longo do recorte temporal escolhido.

³⁷ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jun 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831. Acesso em: 22 maio 2023.

engrenagem na construção imagética do que é ser um forte e sadio trabalhador no mundo capitalista do final do XIX e início dos XX.

Não é por acaso que encontramos tantos anúncios com quina e mais tantos tônicos. Segundo Fernando Lefèvre, para pensarmos o sentido do medicamento em uma sociedade, precisamos pensar também o sentido da saúde nesta (1991). O autor reconhece que a saúde faz parte do sistema produtivo de bens de consumo, "o que equivale dizer, que a Saúde (através das mercadorias de saúde) é um produto à venda no mercado, da mesma forma que o transporte individual (através do automóvel), da mesma forma que o abrigo (através da moradia), da mesma forma que o lazer (através da televisão)" (LEFÈVRE, 1991, p. 35).

Destarte, no recorte brasileiro, a saúde pode ser entendida como resultante de uma sociedade "na condição de máquina de produção de mercadorias" (LEFÈVRE, 1991, p. 35); principalmente quando lemos a saúde pela perspectiva teórica marxista que Lefevre elenca, demonstrando como a saúde na sociedade capitalista brasileira é um ente exterior do tipo mercadoria, não escapando de alienações e reificações (LEFÈVRE, 1991, p. 38).

Os tônicos presentes aqui são o início do que será comercializado como remédio fortificante em meados do século XX. Encontramos certa sutileza na forma como os comerciantes vendem a ideia de estar sadio para o trabalho, principalmente ao intercalar diferentes doenças em um mesmo anúncio. Mas não podemos esquecer que, em uma sociedade alienada e cada vez mais dominada pela mercadoria, a saúde passa a ter sentido quando acoplada à doença (LEFÈVRE, 1991, p.38).

Um exemplo de convencimento sutil é encontrado no anúncio do "Vinho Aroud de Quina" (Figura 6), onde lemos: "Carne e quina! São os dois unicos elementos que entram na composição d'este poderoso reparador das forças vitaes, d'este **fortificante por excelência.** Excessivamente agradavel no palladar, é o inimigo figada da *Anemia* e das *Debilibdades* nas *Convalescenças* das *Enfermidades*, das *Diarrheas* e *Affecções* do *Estomago* e dos intestino"³⁸.

Como podemos perceber, o anúncio frisa sua função fortificante. Dessa forma, vende a importância da força e a falta dela como doença. O próprio momento de recuperação pós enfermidade, a convalesça, pode ser solucionado por um remédio. O indivíduo, assim, questiona sua recuperação e as debilidades que um corpo em recuperação enferma possui. Lefèvre (1991) reconhece isso como uma forma de estender o conceito de doença, de maneira negativa, "mais genericamente podemos colocar que para a saúde ser oferecida como mercadoria - que é a Necessidade do Sistema em sociedades como a nossa -, é preciso que se

³⁸ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=156. Acesso em: 22 maio 2023.

amplie o grau da sua inexistência nos indivíduos, é preciso que os indivíduos tenham expandido o seu grau de carência de saúde" (LEFÉVRE, 1991, p. 39).

O Alimento mais reparador junto ao Tonico mais energico.

E DE TODOS OS PRINCIPIOS NUTRITIVOS SOLUVEIS DA CARNE

CARME e QUENA! São os dois unicos elementos que entram na composição d'este poderoso reparador das forças vitaes, d'este fortificante por excellencia. Excessivamente agradavel nó palladar, é o mimigo figada da Anemía e das Debitidades nas Convalescenças das Enfermidades, das Diarrheas e Affecções do Estomago e dos intestinos.

Quardo se emprega para recobrar o apetile, promover a digestão, reparar as forças, enriquecer o sangue, robustecer o organismo e prevenir a anemía e as epidemias originadas pelos calores, não ha bebida superior ao Vinho de Quina Aroud.

Venda por grosso, em Paris, na pharm' de J. FERBÉ, 102, r. Richelieu, successor de AROUD HACCHTRA-SE A VENDA NAS PRINCIPAES PHARMACIAS DO ESTEAMGEIRO.

EXIGIR O DOMB AROUD

Figura 6 - Anúncio "Vinho Aroud de Quina"

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, fev 1890.

Lefèvre também adentra no paradoxo da saúde, mais especificamente no final do século XX, mas podemos pensar em como esse paradoxo age 100 anos antes. O que o autor chama de paradoxo da saúde é a sociedade vender, por meio das mercadorias, a cura para os problemas e doenças criados por essa mesma sociedade, visto seu modo de organização social e econômico (LEFÈVRE, 1991, p. 45). Lembra que suas afirmações não procuram ser essencialistas, pois vê o medicamento como produto da ciência e do avanço do homem junto à tecnologia, prevenindo e buscando o equilíbrio corporal. Todavia, reitera: "A dificuldade, quando se o considera como um avanço tecnológico, é separar as agressões não humanas e não voluntárias das agressões geradas pela ação do próprio homem frente a si mesmo e aos outros homens, e frente à natureza." (LEFÈVRE, 1991, p. 51).

O antropólogo François Laplantine, no livro "Antropologia da doença" (1991), busca unir as múltiplas formas de cura, estudando suas semelhanças e diferenças na sociedade contemporânea francesa. Afirma que o objetivo deste estudo é : "visado por uma antropologia das formas elementares do normal e do patológico, a transformação das representações da

doença e da cura, tal como são empiricamente vivenciadas pelos interessados (os que curam e os que são curados), em verdadeiros modelos etiológico-terapêuticos" (LAPLANTINE, 1991, p. 12).

Em concordância com Lefèvre, Laplantine (1991) reconhece que a prática médica não pode ser isolada de seu valor social, propondo que:

Estar doente, estar bem de saúde são noções que transbordam de significações (econômicas, políticas, morais, religiosas, existenciais), mas toda sociedade *opta* por uma certa ideia de normalidade que é necessariamente acompanhada por uma capacidade normativa e, para alguns, por uma normalização dos comportamentos (LAPLANTINE, 1991, p. 102).

Dessa maneira, opta-se por uma normalidade construída que favoreça o capitalismo e o trabalho sem interrupções. Não que exista uma preocupação real com os trabalhadores e com suas saúdes, apenas que consumam um remédio que possa aumentar sua força de trabalho ou pelo menos impedir faltas ou adiar doenças mais sérias. A saúde, em uma sociedade em que estar doente é não cumprir o papel como trabalhador, pode ser vista também com "a capacidade de cumprir tarefas" (LEFÈVRE, 1991, p. 72).

Outra questão que pode ser analisada por meio do anúncio de "Vinho Aroud de Quina", é a relação entre cura e medicina humoral no período em questão, principalmente na dita medicina científica, mas de forma singela e enraizada na tradição popular de saúde. A arqueóloga Tania A. Lima (1996) estuda essas influências e procura entender de que formas as transformações das práticas medicinais e seus vestígios arqueológicos estão associados à emergência das novas classes socioeconômicas e políticas dos séculos XIX e XX.

Provavelmente a medicina hipocrática, revisada e reestruturada por Galeno, chegará ao Brasil por meio dos portugueses, sobrevivendo milênios desde suas primeiras hipóteses (LIMA, 1996, p. 46). Segundo a arqueóloga, a utilização de remédios laxantes e purgativos está diretamente relacionada com os estímulos constantes à evacuação, oriundos da ideia dos humores, da busca pela desobstrução e pelo equilíbrio corporal como cura. Mesmo em anúncios com objetivos diferentes essa relação aparece, como podemos perceber no seguinte trecho: "quando se emprega para recobrar o apetite, promover a digestão, reparar as forças, enriquecer o sangue, robustecer o organismo e prevenir anemia e as **epidemias originadas pelos calores** (grifo nosso)"³⁹.

Galeno ao estudou as ideias de Hipócrates conferiu aos humores um caráter fluente e dinâmico, os humores assim passam a ser:

³⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=156. Acesso em: 22 maio 2023.

(...) produzidos no corpo a partir dos alimentos, tendo o calor como grande força propulsora a influenciar decisivamente sua formação e dinâmica, ditavam (os humores) a compleição do organismo ao se equilibrarem de forma diferenciada, com um deles predominando sempre sobre os demais, sem prejuízo para a saúde. Cabia ao médico interferir apenas na eliminação do agente daninho e restabelecer o doente. Como recursos adicionais à expulsão, Galeno utilizava amplamente em seu arsenal terapêutico purgantes (...) atendendo à seguinte metodologia: remédios 'frios' contra doenças 'quentes' e vice-versa (LIMA, 1996, p. 49).

No século XIX a medicina na Europa passava por diversas discordâncias e concordâncias (HEGENBERG, 1998). Mudanças com relação aos estudos do corpo, suas divisões e organizações compartilham espaço com concepções ainda remanescentes da teoria humoral, gerando críticas e conflitos dentro do espaço científico (HEGENBERG, 1998, p. 26). Instigante perceber como não podemos afirmar que existia apenas uma forma de ver a saúde e a doença em um só espaço de tempo. Para além da divisão bem refletida aqui entre medicina científica e medicina popular, fica claro como diferentes visões sobre como lidar com uma dor ou uma tosse compartilham espaço e teoria dentro da Faculdade de Medicina, mas também nas ruas e boticas.

Em acordo, Laplantine defende que ao longo da história, podemos dividir as tantas formas de ver a saúde e a doença entre a medicina da doença e a medicina do homem doente:

No campo extremamente diversificado das imputações etiológicas etnograficamente conhecidas, é possível distinguir duas grandes tendências: as medicinas centradas na doença e cujos sistemas de representações são comandados por um modelo ontológico de natureza mais frequentemente física; as medicinas centradas no homem doente e cujos sistemas de representações são comandados por um modelo relacional que pode ser pensado em termos físiológicos, psicológicos, cosmológicos ou sociais (LAPLANTINE, 1991, p. 49).

Sendo assim, a medicina humoral entra no modelo relacional. A doença não é vista como uma entidade inimiga e estranha - como um vírus ou um micróbio - mas como um desequilíbrio interno, por excesso ou por falta (LAPLANTINE, 1991, p. 55). Esse desequilíbrio também pode ser resultado da relação do ser com o meio ou com o cosmos (LAPLANTINE, 1991).

Além de suas funções como febrífugo, que ocupam lugar de destaque, fortificante e anti-inflamatório para as vias respiratórias, encontramos anúncios que utilizam a quina diretamente para o tratamento de questões intestinais e digestivas. O "Xarope adstringente de quina, cascarilha e simaruba" (Figura 7) atua nas "dysenterias e diarrhéas" e procura deixar

⁴⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=577. Acesso em: 22 maio 2023.

isso bem claro pela letra garrafal que os nomes das doenças ocupam no recorte periódico. O imediatismo com que a cura é vendida, "remedio efficaz para curar radicalmente, em poucos dias", também faz parte da ideia de saúde capitalizada em que o corpo precisa se recuperar o mais rápido possível.

Figura 7 - Anúncio "Xarope adstringente de quina, cascarilha e simaruba"

e diarrhéas. Xarope adstringente de quina, cascarilha e simaruba, remedio efficaz para curai radicalmente, em poucos dias, as diarrhéas e dysenterias recentes ou chronicas; vende-se unicamente na pharmacia Raspail, rua da Assembléa n. 78. Preço de um frasco 23, duzia 208000.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, abril 1890.

Outro anúncio que difere dos já comentados é o "Elixir Grez" (Figura 8), um tônico digestivo composto de quina, coca e pepsina, que utiliza os hospitais como estratégia de venda. Afirma que as "doenças do estomaco, disgestões difficeis, dyspepsias, gastralgias, anemia, perda de appetite, vomitos e diarrhea" ⁴¹ são solucionadas ao seu consumo. A pepsina é uma enzima digestiva normalmente produzida no estômago e utilizada ainda hoje em tratamentos na falta digestiva. Sua presença no anúncio exemplifica a ocorrência dos isolamentos de substâncias em laboratório e em estudos anatômicos.

Outrossim, a coca, também presente no anúncio, é outra amostra da intervenção europeia nas tradições medicinais das populações originárias das Américas. Originária da região andina (LAWS, 2013) era utilizada pelos indígenas de maneira seletiva, medicinal e ritualística. Sua função analgésica ganhou grande espaço no comércio de plantas durante o século XVII, tornando-se também, principalmente em excesso, letal devido aos vícios que se sucedem pela dopamina que o corpo libera ao consumi-la (LAWS, 2013). Aqui, semelhante ao que ocorre com a utilização do vinho como medicamento, a coca ainda era comercializada, e passará por longos debates e processos até ser considerada proibida em diversos locais do mundo.

⁴¹ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831. Acesso em: 22 maio 2023.



Figura 8 - Anúncio "Elixir Grez"

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jun 1890.

A relação da sociedade com as epidemias também é uma forma de lermos os anúncios. As diferentes medicinas do XIX entendem os tratamentos e as soluções para problemas epidêmicos de múltiplas maneiras, e isso repercute de maneira exorbitante na convivência entre medicina popular e científica (SIGOLO, 2015, p. 201). No anúncio do "Anti Febril Vegetal Carvalho" do jornal de abril, além das questões já estudadas, encontramos em parênteses o seguinte trecho: "Este novo medicamento prestou grandes beneficios por occasião da epidemia em 1889". Não podemos afirmar com precisão qual epidemia o anúncio está se referindo, visto que muitas epidemias ocorreram no país, mesmo antes de o Brasil ser constituído nacionalmente da forma como o conhecemos hoje.

Considerando que o remédio faz menção ao tratamento de febres e resfriamentos, podemos relacioná-lo à pandemia de influenza que durou de 1889 a 1890, detectada primeiramente no sul da Rússia, mas chegando ao Brasil por meio de um paquete de Hamburgo aportado em Salvador (BERTOLLI FILHO, 2003, 69). Ao chegar no Rio de Janeiro não deixou uma grande legião de vítimas fatais, todavia possui um papel importante na área da ciência por ser "a primeira devastação gripal ocorrida no período que se convencionou denominar de 'Era Bacteriológica' (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 68).

⁴² GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=577. Acesso em: 22 maio 2023.

Na divisão de Laplantine (1991), a microbiologia faz parte do modelo exógeno (p. 68). Mesmo compartilhando espaço com teorias como a humoral ou a miasmática, diverge delas ao, a partir de pesquisas químicas, explicar a doença por infecções e sujeitos externos, os micróbios (LAPLANTINE, 1991). Ao tirar a causa das doenças dos meios e espaços insalubres, e do ar fétido, a ciência pausteriana une uma causalidade totalmente exógena à uma representação ontológica (LAPLANTINE, 1991). Com isso, o ser humano não se encontra na origem da sua doença, a culpa é de um organismo externo e invisível a olho nu que infecciona não o indivíduo como um todo, mas a algum dos meus órgãos; objetificando o estar doente e, para Laplantine, justificando a aceitação maciça das interpretações pasteurianas e neopauterianas pela população (LAPLANTINE, 1991, p.70).

Encontramos na catalogação um número relevante de anúncios que envolvem remédios para o trato das doenças respiratórias. Isso é justificável quando Bertolli Filho (2003), ao fazer um apanhado das epidemias e pandemias de influenza no Brasil antes de 1918, encontra registros de pelo menos 13 epidemias gripais entre 1780 e 1890 (p. 69). O historiador afirma que fontes comprovam ocorrências de epidemias gripais no Rio de Janeiro desde 1835 e semelhantes sintomas em outras, com datações de 1852, 1862, 1865 e 1867 (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 69).

Para os moradores da capital em 1890 os sintomas gripais e as epidemias não eram um problema, visto que o "Xarope Balsamico Peitoral de Flores de Aroeira e Mutamba" (Figura 9) era vendido na Rua Visconde do Rio Branco e possuía resultados no tratamento das "molestias das vias respiratórias, no catarrho pulmonar, bronchites agudas ou chronicas, hemoptises, laryngite, broncorrhéa, coqueluche, asthima incipiente e tosse noturna pertinaz" 43

Um dos fatores que mais chama atenção neste anúncio é como ele se refere à Aroeira e a Mutamba como "agentes therapeuticos nacionaes". Realmente, tanto a aroeira quanto a mutamba são árvores nativas brasileiras. No caso da aroeira é difícil saber qual espécie o anúncio se refere, visto que encontramos cerca de seis espécies mais conhecidas e no livro "Árvores Brasileiras - Manual de identificação e cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil", de Harri Lorenzi (1992), existem pelo menos 20 formas populares de nomenclatura dessa.

⁴³ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=830. Acesso em: 22 maio 2023.



Figura 9 - Xarope Balsamico Peitoral de Flores de Aroeira e Mutamba

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jun 1890.

A aroeira-vermelha (*S. terebinthifolia*) aparece na edição de 1890 do "*Dicionário de medicina popular*" do médico polones Pedro Luiz Napoleão Chernoviz. Segundo Chernoviz, a aroeira é uma:

Arvore do Brazil. Tem as folhas compostas de foliolos dispostos como barbas de penna, ovaes, denteados, de sabor amargoso e um pouco adstringente; flores dispostas em racimos; casca avermelhada, coberta de epiderme cinzenta, de sabor adstringente e cheiro resinoso; fructo, baga trilocular, contendo uma semente em cada loculamento. A casca da aroeira pôde ser empregada em medicina como adstringente. Fervem-se 15 grammas da casca em meio litro d'agua, e este cozimento frio pôde usar-se em banhos contra as inchações das pernas. No Rio Grande do Sul chamam aroeira o *Schinus antarthritica*, Martius, de cuja casca, quando um tanto aquecida, reçuma resina, á qual os Rio-Grandenses dão grande importância, e usam em fôrma de emplasto, contra as dores rheumaticas (CHERNOVIZ, 1890, p. 213).

Em adendo, também encontramos o registo da aroeira-vermelha no "Flora brasiliensis" de von Martius (Figura 10), sendo seu registro datado de 1876.

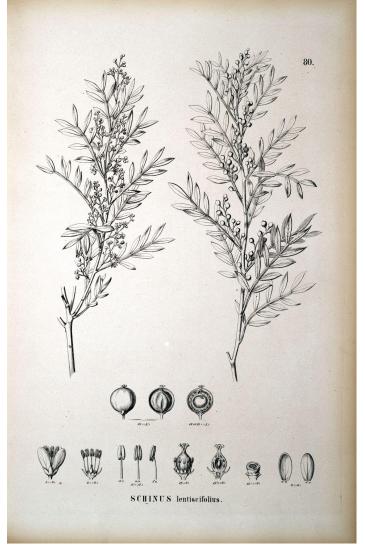


Figura 10 - Aroeira- vermelha (S. terebinthifolia Raddi)

VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. Flora brasiliensis. Vol. XII, Part II, Fasc. 71 Coluna 383 - 384, 1876.

Também encontramos referências à aroeira em tradições indígenas. No livro "Pohã Ñana; nãnombarete, tekoha, guarani ha kaiowá arandu rehegua: Plantas medicinais: fortalecimento, território e memória guarani e kaiowá" nos deparamos com diversas plantas medicinais e seus manuseios pelas tradições Guarani e Kaiowá. Segundo o autor, para essas populações a aroeira se chama Yrunde'y e é utilizada

para dor de estômago e vários tipos de doenças [...]. É considerada boa para "preguiça" (tirar o cansaço). Para isso, coloca-se a entrecasca no chimarrão durante 3 a 4 dias. "Ferve bem, côa e pode ser tomado como água". "Bom para ficar forte". Quando utilizada com a planta Yru Kurã (sangue d'água) e a entrecasca do Jatobá, possui propriedades para fortalecer o sistema imunológico. Também é utilizada em casos de gripe e para fortalecer o sangue (BASTA, 2020, p. 91).

Mutamba (G. ulmifolia) é outra árvore possuidora de muitos nomes populares que sofrem mudanças grandes de acordo com a região do Brasil que a nomeia. No estado do Rio

de Janeiro, por exemplo, ela é conhecida como algodão (CARVALHO, 2007). Infelizmente não existem registros dela no "Dicionário de Medicina Popular" de Chernoviz e a prancha ilustrada do "Flora Brasiliensis" registra até seu gênero, não especificando a espécie. Entretanto, encontramos registros do seu uso como medicinal para questões "cicatrizante de feridas e de úlceras; desobstruente do figado; no tratamento de dermatoses, da sífilis, da bronquite, da asma, da tosse, da pneumonia e de outras afecções do aparelho respiratório" (TESKE & TRENTINI, 1997 apud CARVALHO, 2007, p. 8).

Ambas as árvores no anúncio em análise parecem oferecer a flor como suporte medicinal, porém não foram encontrados registros do uso apenas das flores como tratamento. Das informações encontradas podemos retirar a confirmação das ações medicinais para o trato respiratório, mas também muitos outros possíveis tratamentos a partir desses vegetais nativos.

Mantendo a análise no tratamento de doenças respiratórias encontramos o seguinte anúncio do "Peitoral Anacahuita" 44:

Se por acaso visseis que um perigo imminente vos acercava, esperarieis voluntariamente que o seu contacto inevitavel vos privasse da vida? Se uma grande e calamitosa inundação vos ameaçasse, porventura ficarieis quedos e tranquillos até que a mesma vos viesse arrebatar? - Por certo que não! Sabei, pois, que se não fizerdes caso de uma tosse, de uma catarrho, ou de uma dôr de garganta, isto poder-se-ha tornar tão fatal como um incendio ou uma inundação. Cada um accesso, ou paroxysmo violento de tosse, é um golpe que debilita e prosta vossa vida. Sede, pois, prudentes e precavidos contra o perigo, munindo-vos immediatamente do maravilhoso *Peitoral de Anacahuita*. **Em suas qualidades calmantes e salutiferas se encontra a verdadeira segurança e a propria vida**. Nem a tosse, nem as inflammações da garganta, nem a asthma, nem a irritação dos pulmões, finalmente, nenhuma enfermidade pulmonar, precursora da tisica confirmada, póde resistir á sua poderosa influencia curativa; o seu poder é immenso, o seu valor é impagavel (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1890, grifo nosso).

A abordagem exagerada e emocionada que objetiva convencer o consumidor é constante para os olhos contemporâneos, mas inovadora para os olhos da *belle époque*. Essa peça de propaganda é uma definição social de saúde na qual esta aparece incorporada ao remédio que a representa, de maneira que podemos sintetizar o anúncio afirmando que no "Peitoral de Anacahuita" encontramos saúde, segurança e vida.

A relação imagética das tosses, dores de garganta e incômodos semelhantes com situações e desastres naturais levantam algumas questões. Ao mesmo tempo que protagonizam o doente, afirmando que ele tem voz ativa e capacidade de prevenir, controlar e curar suas enfermidades, também situam essas doenças como externas e maléficas.

⁴⁴ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575. Acesso em: 22 maio 2023.

Laplantine (1991) elabora mais uma dualidade na antropologia das doenças, o modelo maléfico contra o modelo benéfico de doença. É predominante na visão do saber médico ocidental a lógica do mal absoluto (LAPLANTINE, 1991, p.102). Não que tudo que envolva doença e saúde deva ser visto como algo positivo, mas a normativa é encarar desproporcionalmente a doença como

[...] nociva, perniciosa, indesejável. Ela é completamente privadora: é a a-normalidade ou a a-normalia que deve ser evitada - por uma rede muito densa de tabus nas sociedades tradicionais, pela profilaxia e a prevenção em nossas sociedades - e, quando ela se produz, deve ser combatida seja frontalmente por uma contra-agressão, como no caso da terapia antibiótica, seja lateralmente por uma correção quantitativa, como no caso das terapias de inspiração psicológica (LAPLANTINE, 1991, p.102).

A profilaxia no período em estudo ainda começava a se constituir como teoria dentro da ciência médica, mas, ainda assim, encontramos muito do mal absoluto e da contra-agressão na propaganda acima. A visão benéfica de doença, que encontra nos sintomas possíveis valores e sentidos a serem interpretados sobre o próprio corpo (LAPLANTINE, 1991, p.116), não favorece o mercado da mesma forma que o imediatismo da visão maléfica faz. Como adendo Lefèvre elenca: "nas formações sociais capitalistas, como a brasileira, o sentido das mercadorias de saúde é, portanto, o de aparecer como "solução" de uma tensão entre estados humanos antagônicos: um estado "mau" de carência ou necessidade de saúde e um estado "bom" de satisfação" (LEFÈVRE, 1991, p. 39). Quem não quer alcançar o bem-estar que a "poderosa influencia curativa" do Peitoral de Anacahuita pode proporcionar?

Analisando a planta do anúncio, encontramos uma espécie de aroeira. Anacauita, ou anacahuita, é um dos nomes populares da aroeira-salsa (*S. molle*) (LORENZI, 1992), catalogada no "*Flora brasiliensis*" em 1876, porém sem chapa ilustrativa.

A historiadora Nikelen Witter (2005) em um apanhado histórico sobre o estudo das práticas de cura como objeto de pesquisa durante o século XX, demonstra que as mudanças que ocorreram no campo da pesquisa histórica, também alteraram a visão dos pesquisadores sobre a medicina e sobre o lugar ocupado pelas práticas de cura e tratamento entre os populares (WITTER, 2005, p. 16). Apesar desse movimento de revisão começar na antropologia e na sociologia (WITTER, 2005, p. 16), o campo da história teve e ainda tem muito a ganhar com a interdisciplinaridade e o compartilhamento de ideias e metodologias.

Segundo a autora,

As investigações que daí surgiram tinham a intenção de romper com a ideia de que estas (práticas de cura) sobreviviam apenas em nichos populacionais onde o abandono governamental e a "ignorância" seriam maiores; para isto, era necessário

compreender a lógica de determinados grupos, bem como suas concepções de doença e de cura (WITTER, 2005, p. 16).

Com sua síntese sobre essas pesquisas Witter cita abordagens que reconhecem no amplo escopo das práticas populares diferenças de entendimentos, racionalidades específicas e necessidades práticas e simbólicas que caracterizam e dão valor para ações que, especificando o período em análise mas não ignorando o tempo presente, eram assemelhadas à ignorâncias, superstições e atrasos, "Pelo contrário, as práticas de cura populares seriam uma criação original e não simplesmente reativa a outros saberes ou à falta deles" (WITTER, 2005, p. 16).

Foi por meio desse movimento que questões levantadas nesta pesquisa existem e são base para novos questionamentos. Acreditamos que por meio dos anúncios terapêuticos podemos perceber a linha tênue que distancia o saber médico oficial dos saberes populares (WITTER, 2005), quase como um emaranhado de linhas quando percebemos as complexidades existentes dentro das representações de saúde, doença e cura.

Encontramos também o que Witter (2005) defende como ideal, a utilização do termo "medicinas", visto a existência de conflitos não só entre ciência e conhecimento popular, mas entre os próprios acadêmicos e as teorias e terapias que utilizavam (p. 17). E por fim, a ideia de que o empírico - a magia e o espiritual - andava junto com a medicina, para uma boa parte da população brasileira, e isso influencia nas escolhas terapêuticas e dos curadores; um chá ou um comprimido? Um médico, curandeiro ou uma benzedeira? Um anúncio de remédio com ou sem planta?

O trecho a seguir do "Elixir Cabeça de Negro" (Figura 11), do grupo Hermes de Souza Pereira & C. exemplifica essas questões, além de mostrar que muito do que estudamos agora já era questionado então ou era sabido pelos orgãos científicos e insdústrias farmacêuticas.

Sendo a Cabeça de Negro **um vegetal de geral applicação empirica, e já muito conhecido por seus efeitos verificados e sanccionados** pela analyse quer feita em o nosso laboratorio de hygiene, quer em Pariz, sou de parecer que se conceda a respectiva licença. 'Inspectoria Geral de Hygiene, em 20 de maio de 1889 - Dr. Pires de Almeida' (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1890, p. 3 grifo nosso).

Figura 11 - Anúncio "Elixir Cabeça de Negro"

E' este o legitimo

Elixir Cabeça de Negro, de Hermes de Souza Pereira & C., successores, de provadissimos effeitos para a cura radical dos rheumatismos emolestias syphiliticas analysado, approvado e licenciado com o parocer seguinte:

« Sendo a Cabeça de Negro um vegetal de garal applicação empirica, e já muito

de geral applicação empirica, e já muito conhecido por seus effeitos verificados e sanccionados pela analyse quer feita em o nosso laboratorio de hygiene, quer em Pariz, sou de parecer que se conceda a respectiva licença.

" Inspectoria Geral de Hygiene, em 20 de maio de 1889.—Dr. Pires de Almeida.»

Que se offerece com toda a garantia de responsabilidade profissional do criterioso chimico-pharmaceutico que o prepara na pharmacia da rua Marquez de Olinda, em Pernambuco.

Aviso. — O legitimo Elixir Cabeça de Negro, de Hermes de Souza Pereira & C., successores, não tem — uma cara preta gravada no rotulo do frasco e vende-se na drogaria Granado, à rua Primeiro de Março. (*

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, maio 1890.

A "Inspectoria Geral de Hygiene"- que também aparece como Junta Central de Hygiene⁴⁵, inspectoria de Eygiene do Império do Brazil⁴⁶, Junta Hygiene Publica da Corte⁴⁷, Junta de Hygiene⁴⁸, inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro⁴⁹, etc - foi criada em 1851, de acordo com Bueno e Taitelbaum (2008), com o objetivo de controlar os anúncios desenfreados que geravam brigas entre os médicos e outros terapeutas (p.12). A Inspetoria é a ancestral do que hoje chamamos de Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e as múltiplas nomenclaturas encontradas nos anúncio demonstram o conturbado período do início

⁴⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=830. Acesso em: 22 maio 2023.

 ⁴⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156. Acesso em: 22 maio 2023.
 47 GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157. Acesso em: 22 maio 2023.
 48 Idem.

⁴⁹ Idem.

da república, no qual os jornais e mercadores de 1890 ainda lidam com as alternâncias de um governo recente.

A Junta de Higiene regulamenta e fiscaliza o mercado de remédios (PIMENTA, 2004). Portanto, todos os remédios presentes nos anúncios deveriam ser aprovados pelas autoridades da Junta, possuindo sua composição fiscalizada. De acordo com Pimenta (2004), muitos aproveitavam da aprovação do órgão para valorizar seus produtos, ainda que alheios às determinações oficiais (p. 82). Mesmo com a demanda crescente de anúncios, a fiscalização era constante, apesar de em alguns momentos ser demorada por conta das burocracias. Cabia aos terapeutas "oficiais" (ou não), farmacêuticos e representantes de laboratórios considerarem se valia a pena o risco da mentira, pois "se não tivessem autorização da Junta, os medicamentos [...] não poderiam ser vendidos nem anunciados em jornais ou cartazes pela cidade. A desobediência seria punida com multa e fechamento da loja do infrator, caso tivesse, por três meses" (PIMENTA, 2004, p. 85).

Em seu texto, Pimenta (2004) também argumenta, com fontes diversas, sobre os diferentes anúncios e documentos do início do XIX que possuíam a formulação e a composição dos medicamentos em seus dizeres. A existência desses fatos na propaganda, como acontece nos anúncios em análise neste trabalho, devia ser comprovada pela Junta, visto que além de poder ser uma inverdade, muitas partes dos vegetais poderiam ser usadas (com a alcunha de um nome de planta medicinal que abarca tudo) e muitas moléstias poderiam ser retiradas do texto propagandicio.

Além do mais, Pimenta (2004) também nos lembra da importância deste órgão quando pensamos em que momento de suas histórias institucionais a medicina e a farmácia se encontravam (como trabalhado no primeiro capítulo):

No Brasil, a situação também era preocupante do ponto de vista dos médicos, e apenas com a Junta de Higiene, a partir de meados do século XIX, houve uma fiscalização mais intensa [dos remédios]. A academia e a faculdade tinham funções meramente consultivas, e a Câmara Municipal, responsável pela fiscalização e punição, tinha dezenas de outros assuntos com que se preocupar. A Junta, por sua vez, agregava as atividades de avaliação e autorização, além de ter um trânsito bem mais direto com os fiscais da Câmara, que deveriam acompanhar os seus empregados na fiscalização; com a polícia, que punia os transgressores de seu regulamento; e com o Ministério do Império, ao qual estava diretamente subordinada (PIMENTA, 2004, p. 84).

No anúncio do "Elixir Cabeça de Negro" a fala de legitimação do doutor representante da Inspetoria está recheada de respostas e nos conecta com a relação entre o médico academico e a Junta de Higiene. Além de reconhecer resultados através do tratamento com vegetais, afirma que o uso do mesmo é empírico, demonstrando o que Witter (2005) e muito

outros pesquisadores da área da história da saúde e da doença defendem: os médicos do século XIX não só sabiam dos conhecimentos populares, mas buscavam abafá-los por conta da grande demanda que geravam na população, existindo momentos em que encontramos médicos acadêmicos que utilizam do conhecimento popular como ferramenta. Esse silenciamento não decorre de um desejo de não resolução das doenças e/ou melhoria na saúde de seus pacientes, mas sim da procura por afastar a concorrência e fomentar um monopólio médico.

Utilizado para a "cura radical dos rheumatismos e molestias syphiliticas", o anúncio também disponibiliza ao debate sobre o rótulo do frasco e a legitimidade dos concorrentes, "o legitimo [...] não tem - uma cara preta - gravada no rótulo do frasco". O racismo existente no nome popular do vegetal utilizado aqui é evidente, além disso, fica o questionamento do porquê foi necessário frisar que seu rótulo não possui uma pessoa preta ilustrada, existiam falsificações?

A planta Cabeça-de-negro, conforme o Dicionário Terminológico Bilingue de Plantas Estrangeiras e Brasileiras da USP ⁵⁰, é o nome popular dado para diversas plantas da família *Annonaceae* e do gênero *Annona*. Como é o caso da planta *A. crassiflora* (Figura 12), que possui registro no "*Flora Brasiliensis*" que data de 1841.

Sua origem é um debate constante entre arqueólogos, historiadores e biólogos. Tal qual outras plantas que possuem muitas sementes, sua propagação é muito quantitativa, o que faz pesquisadores questionarem se as muitas espécies de *Annona* são da região andina, mais especificamente Equador e Peru, ou da América Central (SCHELDEMAN, 2002). Existem registros que refletem sobre a importância da cabeça-de-negro para a região de Loja, no Equador, local onde encontramos também grande parte da história da quina. O nome comum em inglês, *cherimoya*, parece vir da língua falada pelas populações indígenas quíchuas, sendo registrada como *chirimuya* na grafia indígena (SCHELDEMAN, 2002, p. 25). O uso do nome popular tal qual 1890 é um questionamento anti racista que deve ser feito, visto a existência de outras nomenclaturas.

 $^{^{50}}$ Disponível em: $\underline{\text{https://www.esalq.usp.br/d-plant/}}$. Acesso em: 22 maio 2023.



Figura 12 - Cabeça-de-negro (A. crassiflora)

VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. Flora brasiliensis. Vol. XIII, Part I, Fasc. 2 Coluna 7 - 8, 1841.

Durante a catalogação das fontes foi possível reconhecer um remédio com diferentes anúncios que indicavam o mesmo tratamento e o mesmo depósito como fornecedor. No caso específico é um trio de medicamentos que estão sempre juntos, o "Elixir Gynocardico Composto", o "Unguento de Gurjun Composto" e as pílulas indígenas de "Tayuyá composto"⁵¹. Um dos anúncios (Figura 13), encontrado nos jornais de fevereiro e abril, afirma que a fórmula dos remédios é do Dr. Monte Godinho, característica normal para os anúncios da época mesmo que esse envolva um nome específico e não apenas afirme ser aprovado por

⁵¹ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=157. Acesso em: 22 maio 2023.

médicos. Porém, além disso, reitera a formulação no seguinte trecho "estes preparados, não sendo de fórmula SECRETA, são diariamente administrados pelos Srs. medicos, visto saberem o que receitam".

Elucidar o que o doente consome ao comprar os medicamentos parece ser uma preocupação, pois além de informarem quem formula o remédio e esclarecerem sua fama na comunidade médica afirmam: "para mais explicações, dão-se e remettem-se prospectos explicativos pelo correio a quem pedir". Iniciativa que aparece pouco nos anúncios encontrados, mas que conversa com uma moda que logo será aderida por grande parte da população brasileira, que são os almanaques e revistas (médicas ou não) com assinaturas (BUENO, TAITELBAUM, 2008; FERREIRA, 2003; LIMA, 1996; SIGOLO, 2015; TEMPORÃO, 1991).

Figura 13 - Anúncio "Elixir Gynocardico Composto, Unguento de Gurjun Composto e as pílulas indígenas de Tayuyá composto"

Morphén, molestina da pelle, feridas, syphilis, permas inchadas, darthros, etc.

São curadas sómente com o Elixir Gynocardico Composto, Unquento Gurjun Composto e as pilulas Indigenas de TAYUYA composto, da formula do Dr. Monte Godinho, medicamentos estes os unicos approvados pela inspectoria de hygiene e privilegiados pelo governo para a cuna e tratamento das molestias acima indicadas. A reunião d'estes tres poderosos preparados forma a medicação mais energica para combater taes molestias, e tanto isso é verdade, que os melhores medicos, quer d'aqui, quer do estrangeiro, os receitam, colhendo optimos resultados. Estes preparados, não sendo de formula securra, são diariamente administrados pelos Srs. medicos, visto saberem o que receitam. Para mais explicações dão-se e remettem-se prospectos explicativos pelo correio a quem os pedir. Podem ser procurados á rua dos Ourives, no deposito especial de F. Paulo Freitas.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, maio 1890.

"Morphea, molestias da pelle, feridas, syphilis, pernas inchadas, darthos, **maus humores**" (grifo nosso) são as doenças que o "Elixir Gynocardico Composto", o "Unguento

--

⁵² GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=157. Acesso em: 22 maio 2023.

de Gurjun Composto" e as pílulas indígenas de "Tayuyá composto", em conjunto, prometem solucionar. A teoria humoral, como foi comentada anteriormente, aparece trazendo mais um exemplo da correlação de teorias no espaço científico.

Tal qual Porter (2002) afirma, o uso combinado das plantas medicinais, como podemos perceber na fonte, é recorrente na história (p. 74). Na teoria galênica, "cada planta medicinal (ou qualquer outro remédio) tinha duas ações potenciais: a cálida ou refrescante e dessecante ou umidificante. As plantas medicinais eram usadas isoladas ou em combinação com outras para contrabalançar a perturbação do paciente" (PORTER, 2002, p. 74).

Nos meses de janeiro, fevereiro e março os mesmo remédios atuam em doenças diferentes: "Morphea, molestias da pelle, syphilis, ulceras, feridas, boubas, ozoma, darthos, empigens, etc... etc"⁵³. Os anúncios de fevereiro (Figura 14), que aparecem de forma concomitante em páginas diferentes, nos fazem refletir sobre motivos e valores econômicos que possibilitaram que um mesmo remédio ocupasse dois espaços de divulgação no periódico.

Figura 14 - Anúncio "Elixir Gynocardico Composto, Unguento de Gurjun Composto e pílulas indígenas de Tayuá composto" (II)



GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, fev 1890.

⁵³ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=155. Acesso em: 22 maio 2023.

Ao mesmo tempo que o anúncio reconhece a origem indígena do uso medicinal de tayuyá, ele apropria uma tradição em nome do mercado. Tayuyá, no inglês, ou taiuiá, é uma planta nativa brasileira, com espécies em outros países da América do Sul, que possui diferentes nomes populares como taiuiá-do-mato ou taiuiá-de-comer. Isso torna dificultosa a percepção de qual espécie estamos nos debruçando, porém, em uma pesquisa recente que comprova as ações anti-inflamatórias e anti-reumáticas da taiuiá (AQUILA, GINER, RECIO, SPEGAZZANI, RÍOS, 2008) encontramos a afirmação de que em 1929 a *C. tayuya* foi catalogada pela primeira vez na "*Brazilian Pharmacopoeia*". Em concordância com as doenças que promete tratar a pesquisa afirma que taiuiá:

Demonstrou possuir diversas propriedades farmacológicas, agindo como analgesico, diuretico, anti-inflamatorio, tonico, purificador do sangue e desintoxicante. e tem sido usado pela medicina popular para tratar várias patologias, incluindo doenças de pele, artrites e reumatismos. Também é comumente empregada como analgésico geral em muitas condições (Brandão et al., 2008 apud (AQUILA, GINER, RECIO, SPEGAZZANI, RÍOS, 2008, tradução nossa).

O vegetal taiuiá aparece também, em 1866, na coleção de óleos essenciais do farmacêutico Peckolt. A coleção conta com 221 objetos e foi catalogada, analisada e enviada para a Exposição de Paris de 1867 (SANTOS, 2005). Nela encontramos os seguintes dizeres: "taiuína ou trianospermina, provavelmente caiaponina, princípio extraído do taiuiá (*C. tayuya*)" (SANTOS, 2007, p. 525) confirmando nossas suposições de qual espécie era encontrada no país.

A outra planta em evidência no anúncio no tempo presente recebe o nome popular de Gurjan (*D. turbinatus*), mas na fonte lê-se Gurjun. Diferente do trabalhado até então, ela é uma planta advinda da Índia e regiões centrais da Ásia (KADER, 2003) e a forma mais tradicional de usá-la como remédio é por meio de óleos para doenças da pele, como já indicou o Dr. Monte Godinho. Essa informação é relevante devido ao suporte em que o Gurjan é vendido na fonte, por meio do unguento, um medicamento semelhante à pomada que precisa de uma base gordurosa para ser produzido.

No artigo "Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos" (2004) a autora Tânia Salgado Pimenta elenca que a morféia⁵⁴ era uma moléstia associada a tratamentos por terapia popular no começo do século XIX (PIMENTA, 2004, p.80). Para tal, ela utiliza de anúncios e pareceres para legitimar essa afirmação, demonstrando como ocorriam disputas nos jornais entre terapeutas populares e

⁵⁴ "Podiam ser incluídos em morféia outros termos empregados na época como elefantíase, inchações e lepra" (PIMENTA, 2004, p. 90).

"terapeutas acadêmicos" para curar a morféia. Mesmo que nosso recorte temporal seja de anos depois, essa moléstia é um exemplo de como as disputas medicinais se estendem também para os tipos de doença em tratamento, sendo consenso populacional e institucional que tal doença é melhor tratada com um médico e outra com um curandeiro.

Seguindo, outro anúncio utiliza plantas de origem oriental em sua produção, mas dessa vez de maneira muito mais expressiva. O "Sabão Oriental Alcamphorado medicinal" (Figura 15) vende sua qualidade por ser feito da essência oleosa de "arvores e plantas laurineas do Oriente. A mistura d'estes oleos ethereos é conhecida sob a denominação de NARDO, sendo empregada n'estes países para untar o corpo"⁵⁵. Os países a que ele se refere são citados no anúncio "Cirassia, Arabia e Palestina". Diferente dos anúncios vistos até agora, esse procura trazer informações extras tanto biológicas, como o nome da família das plantas, como históricas.

Figura 15 - Anúncio "Sabão Oriental Alcamphorado medicinal"



GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jan 1890.

Encontramos discordâncias entre as informações contidas na fonte e a pesquisa histórica disponível. A região que engloba os países citados, desde o Mediterrâneo, até o norte da África e o Oriente Médio, possui muitos registros da utilização de óleos e unguentos para a

⁵⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=5. Acesso em: 22 maio 2023.

hidratação e tratos de doenças dermatológicas (PORTER, 2002; SIGOLO, 2015). No entanto, não encontramos registros de uma mistura de óleos que possui a denominação nardo, mas sim em uma planta específica de nome nardo (*N. jatamansi*) que possui registros de seu uso como óleo e unguento na Bíblia⁵⁶, o que pode justificar o termo etéreo quando o anúncio se refere aos óleos da mistura oriental.

"De sorte que este Sabão não só se torna precioso tanto para os que soffrem, como para os que gozão saude, mas tem ainda a virtude de embelleze, animando os nervos da cutis e dos rins [...] as pessoas que gozão saude conservão a belleza, a energia da cutis e sobretudo a alvura da pelle", como podemos ler nesse, trecho a concepção de doente é colocada a prova novamente. É interessante que se venda aos enfermos, mas os que estão bem de saúde também devem consumir este produto; fazendo com que os indivíduos expandam seu grau de carência de saúde (LEFÈVRE, 1991), e tornando a profilaxia uma ferramenta propagandista e de mercado.

Nos diversos anúncios analisados encontramos relações com a cidade, com as instituições de controle sanitário, com o estrangeiro, com a conjuntura do país, com tratamentos diferentes para as mesmas doenças, com teorias que diferem entre si mas compartilham espaços científicos e populares, com tradições indígenas de cura, com controle corporal e social e muito mais.

Nesse suporte tão rico nos deparamos também com o que aqui é o personagem principal, as plantas. Não podemos afirmar com certeza absoluta o porquê de um anúncio, objeto de comunicação voltado para o consumo e o mercado, encontrar vantagens em possuir o nome de diferentes plantas e sua redação. No entanto, podemos supor que essa escolha vai para além do fato de que o tratamento com plantas medicinais funciona. As plantas nos anúncios terapêuticos talvez induzam ao consumo, por serem historicamente relacionadas aos tratamentos populares de saúde (PORTER, 2002), visto que quase naturalmente e hegemonicamente as plantas são relacionadas às medicinas e nesse cenário o popular parece ganhar algum destaque.

Outrossim, também podemos afirmar que elas estão ali por serem científicas, visto que são usadas pela medicina acadêmica, estudadas em laboratórios e são a base farmacológica de muitos remédios. Nesse cenário o ser científico ganha mais destaque e a medicina acadêmica ocupa o local de melhor propagadora do que é a saúde e do que deve ser consumido.

⁵⁶ "E, estando ele em betânia, assentado à mesa, em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher, que trazia um vaso de alabastro, com ungüento de nardo puro, de muito preço, e quebrando o vaso, lho derramou sobre a cabeça." A BÍBLIA. Marcos 14:3. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. Velho Testamento e Novo Testamento.

Não podemos excluir a possibilidade de que ambos cenários conversem, visto que tanto em um caso quanto no outro lemos as plantas como "materiais-saberes" (BOUMEDIENE, 2016) capazes de transformar e serem transformadas em todas as representações de saúde e doença e maneiras de cura que diferentes sociedades comportam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma resumida, pode-se declarar que o capitalismo e o avanço industrial de uma república brasileira recente aparecem nos anúncios para além do que se espera de um recorte comercial de jornal. O controle se estende para os corpos, para o que se entende por saúde, para o que devemos ou não ingerir, cultivar ou declarar como medicinal.

As plantas trabalhadas aqui são utilizadas pela humanidade há pelo menos 500 anos. Essa afirmação parece banal quando pensamos no fato das plantas já estarem na terra antes mesmo de nos entendermos como seres vivos, visto que "desde o início, o homem teve que se contentar com as plantas do mundo, cujas ele temia e respeitava: para alimentar-se e vestir-se, e para suprir suas necessidades medicinais e espirituais, o homem organizou sua vida ao redor de certas plantas" (YUE; CHATALIC, p. 10, 2021, tradução nossa)⁵⁷.

Mas o papel que elas ocupam nos anúncios terapêuticos de 1890 ultrapassa o alimentar e o vestir, extrapolando barreiras até mesmo no tópico medicinal, dividindo suposições entre tradições culturais-sociais e estratégias de comércio. No objeto de pesquisa encontramos a planta medicinal sendo cúmplice nos controles corporais do século XIX, mas também conquistando um espaço importante de vocalização à curas e resultados satisfatórios por meio de terapias outras que não a acadêmica; pois mesmo que o remédio no jornal passe por uma série de testes e aprovações de entidades governamentais, o simples nome da planta em circulação pode suscitar o interesse no tratamento natural e a memória dos cuidados tradicionais e familiares.

Como dito anteriormente, o urbano é vivo e a cultura da modernidade edifica-se nesse espaço borbulhante e em formação. Como podemos pensar isso em nossas fontes? O imaginário contemporâneo pode nos levar a projetar uma cidade em que plantas não ocupam a paisagem, pelo menos não da mesma forma que crescem e se desenvolvem no rural do século XIX. Realmente, a partir dos relatos que constituem a ideia de cidade da Belle Époque, a natureza é ornamental e paisagística, pensada para ser controlada pelo homem. Todavia, é interessante cogitar a origem da matéria-bruta dos medicamentos em análise, esses são cultivados no Brasil ou são importados? Chegam nas boticas e farmácias em que suporte? Adentram as casas e canteiros como estratégia individual de cura? Mesmo que não in natura

⁵⁷ "From the very start, Man had to contend with the plant world which he both feared and respected: to feed and clothe himself, and to carer to his medical and spiritual needs, Man organized his life around certain plants" (YUE; CHANTALIC, 2022, p. 10).

as plantas estão em circulação pelos anúncios e ocupam formas de espaço diferentes, para além do físico.

Esses debates também nos levam de volta ao primeiro capítulo, quando pensamos no novo grupo populacional massivo que acessa as terras cariocas. Quais são os saberes e conhecimentos que essas pessoas carregam para o urbano? O que dele é incorporado pela cidade, pelas medicinas e pelas farmácias? O que dele é descartado? Não podemos responder com precisão essas perguntas, mas podemos cogitar se o uso das plantas nos anúncios é um processo de identificação, reconhecendo que muito do que se vê em propagandas está ali para agradar os olhares de quem compra. Essa nova demanda rural, que de fato existiu nas cidades, pode ter sofrido uma quebra de ruptura de seus conhecimentos tradicionais por uma relação saúde - doença acelerada, isolada, depressiva e capitalizada (SEVCENKO, 2002) e a indústria farmacêutica talvez tenha encontrado nessa mudança abrupta uma forma de capitalização. No entanto, não devemos excluir o processo que foi a construção da propaganda de medicamentos, considerando-se a abordagem e o protagonismo das plantas são uma maneira de conquistar públicos específicos, alguns que já estavam no urbano e outros que chegaram aos poucos no fim do século XIX.

Outrossim, por meio desses questionamentos aprofunda-se nas diferentes artes de cura que o crescimento populacional alimenta na cidade. Debate que Pimenta (2004) nos rememora e retomamos aqui, ao refletirmos sobre quais tipos de medicina grupos sociais distintos se identificam, comprovando com clareza que devemos olhar para medicina popular de maneira plural, um conceito composto de muitos escopos e caminhos que não só fazem oposição à uma medicina científica. Não obstante, como isso aparece nos anúncios? Como visto no primeiro capítulo, em 1890 existe um controle governamental muito maior do que é ou não medicina, esse controle em consonância com a entidade da Junta de Higiene define quais remédios serão vendidos e quais anúncios terapêuticos serão divulgados. O que não aparece nos jornais, aqui, diz muito do que um grupo seleto de mando acredita que seja medicina, em sua maioria pessoas ligadas à "ciência". Argumento esse que fica ainda mais evidente quando encontramos, como visto ao longo do terceiro capítulo, legitimação médica e de instituições de medicina, nacionais e estrangeiras, nos anúncios.

Para mais, o recorte dos laboratórios farmacêuticos, depósitos e farmácias que aparecem nos anúncios demonstram a influência histórica que a França, e outros países estrangeiros, possuem na medicina e no comércio nacional. Além de representarem quais lugares, dos muitos que começaram a surgir na época, investiam em anúncios, eram aprovados pelos órgãos de controle, faziam parte de uma elite comercial, etc. O não dito no

suporte estudado, evidencia hierarquias narrativas (BENJAMIN, 1994) e silenciamentos históricos que fazem parte da maneira como "qualquer narração histórica é um manejo particular de silêncios resultados de um processo único" (TROUILLOT, 1995, p.71).

Como percebido, a história da Medicina, da Farmácia e das plantas caminham juntas e em alguns momentos tornam-se uma só. Todavia, Francia e Stobart (2015) afirmam que existe uma significativa diferença entre elas, principalmente quando consideramos o desenvolvimento do conhecimento sobre plantas e o trajeto profissional "tradicional" da medicina (p. 12). A autoras parafraseiam Ludmilla Jordanova e elencam: "a história da medicina não pode ser tratada puramente como a história da ciência, e reivindica [Jordanova] que o foco da ciência é problemático, além de marginalizar muitas práticas e comportamentos de cura" (FRANCIA; STOBART, 2015, p. 12)⁵⁸.

Concorda-se em parte com o dito. Sim, não podemos ignorar as muitas medicinas que constituíram e constituem a sociedade em prol de uma única forma de cura. Principalmente por que, essa forma de cura acadêmica, como vimos neste trabalho, é composta e influenciada pela absorção de outras terapias não oficiais. Todavia, acreditamos no poder das plantas em demonstrar isso, não concordamos que as diferenças no caminhar das duas narrativas devam ser expandidas, mas que essas singularidades devam se completar para erguer narrativas sociais e democráticas em uníssono.

Dentro dessas narrativas encontramos a doença e a saúde. Esperamos que nossa pesquisa tenha demonstrado o subjetivo dentro dos fenômenos sociais que ambos se encaixam, induzindo, mesmo que rapidamente, à ideia de que as relações entre teorias, pessoas e plantas são muito mais complexas do que aparentam ser. Laplantine (1991) conseguiu representar muito bem o defendido ao dizer:

Quando se fala de etiologia em nossa sociedade, considera-se quase sempre exclusivamente a única etiologia científica da Medicina contemporânea e praticamente jamais a etiologia subjetiva, mas simultaneamente social, que é a dos próprios doentes. A ideia largamente predominante é que a causalidade (bio)médica é isenta de representações, como se sentíssemos dificuldade em admitir que a doença é um fenômeno social que não é unicamente produto do especialista, mas absolutamente de todos (LAPLANTINE, 1991, p. 14).

A forma subjetiva como uma sociedade elabora a doença e a saúde, fenômenos sociais e produtos de todos, pode ser reconhecida na estrutura dos anúncios terapêuticos. A ordem corporal aparece ligada a ordem social e isso nos possibilita problematizar a maneira com que

⁵⁸ "[...] the history of medicine cannot be treated purely as the history of science, and claims that a science focus is problematic as it marginalizes many healing practices and behaviors" (FRANCIA; STOBART, 2015, p. 12).

as moléstias aparecem nos anúncios analisados. Doenças que por conta da higienização das ideias e capitalização dos corpos tornaram-se tabus, e até o presente momento ainda são processadas com heranças machistas e racistas pela sociedade, aparecem de maneira natural nas propagandas. No nosso recorte tempo-espaço encontramos o início deste trajeto, um controle que começa com convencimento, todos os sintomas inconvenientes que o indivíduo possui devem ser citados e resolvidos por remédios, que ao ganhar legitimidade descobre resultado na popularização e venda de moléstias específicas.

Muitos dos questionamentos elucidados aqui ainda não possuem respostas. Dos anúncios catalogados, alguns foram escolhidos e, desses, um número também específico de análises foi feito. Por isso, potencializamos que nossos frutos e sementes, os resultados da nossa pesquisa, podem ser alavancas para outras que virão. Em um campo de pesquisa tão abrangente, questões mil não foram abordadas, mas esperamos que se não forem estudadas por nós em outro momento, sejam por outros pesquisadores e pesquisadoras que encontraram aqui o estímulo que faltava para ler a História da saúde e da doença de maneira social e para historicizar plantas medicinais.

Acreditamos ainda que esse trabalho incorpora o escopo de certa forma escasso de pesquisas pela abordagem de uma história das plantas medicinais, olhando de maneira distinta os anúncios terapêuticos, protagonizando o vegetal e reconhecendo seu potencial interdisciplinar de relevância para uma grande variedade de pessoas, problemas e disciplinas (FRANCIA; STOBART, 2015). Com o intento primoroso de que auxilie a comunidade e supra minimamente o risco que é a falta de conhecimento das plantas medicinais por parte da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Marcos 14:3. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. Velho Testamento e Novo Testamento.

BASTA, Paulo. Pohã Ñana; nãnombarete, tekoha, guarani ha kaiowá arandu rehegua. Plantas medicinais: fortalecimento, território e memória guarani e kaiowá.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical, A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentários e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito da história, 1940.** In: Idem. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BOUMEDIENE, Samir. La colonisation du savoir. Une histoire des plantes médicinales du "Nouveau Monde" (1492 - 1750). Vaulx - en - Velin: Les Éditions des Mondes à faire, 2016.

BUENO, Eduardo. TAITELBAUM, Paula. **Vendendo Saúdo, A História da Propaganda de Medicamentos no Brasil**. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008.

BRAUDEL, Fernand. Civilização Material e Capitalismo, séculos XV- XVIII. Volume. I: As estruturas do cotidiano. Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1970, p.191.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para história do Brasil. In.: PAULA, Eurípedes Simões de. **Portos, Rotas e Comércio**. Campinas: Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH, 1971.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. Ficha Técnica Mutamba *Guazuma ulmifolia*. Embrapa: Paraná. Novembro, 2007. Disponível em:

https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/312825/1/Circular141.pdf. Acesso em: 27 maio 2023.

CORADINI, Odaci Luiz. A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, n° 35, 2005. p. 3 - 22.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 15.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta: Periodismo e Vida Urbana - 1890/1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

EDLER, Flavio Coelho. **Boticas & Pharmacias.** Uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

EDWARDS, Elizabeth. Fotografias: a forma material e o arquivo *dinâmico*. In.: FLORES, Teresa Mendes; CORREA, Sílvio Marcus de Souza; VASCONCELOS, Soraya. **Imagens & Arquivos: Fotografia e Filmes**. Coleção: Livros ICNOVA, 2021.

ESTEVES, Alexandra. Comer para sarar, sarar para comer: As dietas alimentares do Hospital de Caminha no século XIX. *In*.: O tempo dos alimentos e os alimentos no tempo. CITCEM:

Portugal, 2012.EDWARDS, Elizabeth. Fotografias: a forma material e o arquivo *dinâmico*. In.: FLORES, Teresa Mendes; CORREA, Sílvio Marcus de Souza; VASCONCELOS, Soraya. **Imagens & Arquivos: Fotografia e Filmes**. Coleção: Livros ICNOVA, 2021.

FERNANDES, Tania Maria. **Plantas medicinais: memória da ciência no Brasi**l [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. 260 p.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). *In*.: CHALHOUB, Sidney. **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003. Cap. 3, p. 101 – 122.

FERREIRA JÚNIOR, Washington Soares *et al.* Use and importance of quina (*Cinchona spp.*) and ipeca (*Carapichea ipecacuanha* (Brot.) L. Andersson): Plants for medicinal use from the 16th century to the present. Journal of herbal medicine 2 (2 0 1 2) 103–112, 2012

FRANCIA, Susan; STOBART, Anne. Fragmentation of Herbal History: The Way Forward. In.: **Critical Approaches to the History of Western Herbal Medicine**. London: Bloomsbury, 2015. 1 - 15 p.

FONSECA, Letícia Pedruce; CARDOSO, Rafael. A Construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX. Rio de Janeiro, 2008. 214p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5. Acesso em: 22 maio 2023.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, fev 1890. versão digitalizada. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=158. Acesso em: 22 maio 2023.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jun 1890. versão digitalizada. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831. Acesso em: 22 maio 2023.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, jun 1890. versão digitalizada. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830. Acesso em: 22 maio 2023.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156. Acesso em: 22 maio 2023.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576. Acesso em: 22 maio 2023.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1890. versão digitalizada. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577. Acesso em: 22 maio 2023.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar**: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. Orientador: Prof. Dr. Flavio Coelho Edler. 2003. 101 p. Dissertação (Mestrado) - História das Ciências da Saúde, Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:

https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6128. Acesso em: 06 fev 2022.

HEGENBERG, Leonidas. Evolução Histórica do conceito de doença. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998.

HELOU, João Haikal. Evolução da Farmacotécnica no Brasil. Revista da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986. p. 103 - 116.

HERZLICH, Claudine. Santé et maladie: Analyse d'une représentation sociale. 2008.

HUNT, Lynn. "Ossos dos seus ossos" Abolindo a tortura. In.: A Invenção dos Direitos Humanos. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

KADER, Md. Manzurul. MONOGRAPH ON GARJAN (*Dipterocarpus turbinatus Gaertn. f.*). Forestry and Wood Technology Disciplin, University Khulna, 2003.

LAPLANTINE, François. Antropologia da doença. Livraria Martins Fontes Editora: São Paulo, 1991.

LE GOFF, Jacques. História e memória; tradução de Bernardo Leitão ... [et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEFÈVRE, Fernando. O medicamento como mercadoria simbólica. São Paulo: Cortez, 1991.

LORENZI, Harri. Árvores Brasileiras: manual identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. São Paulo: Editora Plantarum, 1992.

LIMA, Tania Andrade. Humores e Odores: Ordem Corporal e Ordem Social no Rio de Janeiro, século XIX. História, Ciências, Saúde Manguinhos, Rio de Janeiro, 11(3), 44-96, nov. 1995 - Feb. 1996.

LUCA, Tania Regina de. Histórias dos, nos e por meio dos periódicos. *In*.: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

MACHADO, Vanderlei. A saúde da mulher e a virilidade masculina: imagens de corpo e gênero em anúncios de medicamentos - Florianópolis (1900-1930). **Nuevo Mundo Mundos Nuevo**s, 2007. Disponível em: https://journals.openedition.org/nuevomundo/4013?lang=pt. Acesso em: 03 setembro 2021.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em Boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista.** Campinas, Editora da Unicamp/Centro de Memória, Unicamp, 1999.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade. Etnobotânica histórica: princípios e procedimentos. Recife: Nupeea/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 84 p., volume 6, 2009.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; *et al*. Identificação de termos oitocentistas relacionados às plantas medicinais usadas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil. Acta bot. bras. 24(3): 780-789. 2010.

MERCAN, Aline. Tradition, temporalité, modernité et plantes médicinales. In.: Temp des plantes, temps des humains. Edited by Pierre Lieutaghi and Danielle Musset, Forcalquier, Atelier et éditions c'est-à-dire, 2014, p. 153-168.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo. A Doença como Objeto da História. In.: As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

NEEDELL, Jeffrey D. Belle Époque Tropical. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEDRO, Joana Maria. Imagens femininas na formação da elite de Desterro. In: **Mulheres faladas, mulheres honestas: uma questão de classe.** Florianópolis: UFSC, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.

PIMENTA, Tânia Salgado. Curas, rituais e amansamentos com plantas entre escravizados e libertos no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1810 a 1850. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 17, n. 1, e20210076, 2022.

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1), 2004. p. 67-92.

PORTER, Roy (org.) Medicina: a história da cura. Lisboa, Centralivros, 2002.

RAMA, Angel. A Cidade das Letras. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. "O corpo: O homem doente em sua história". In.: História - Novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

RIO, João do. A alma encantadora das Ruas. Rio de Janeiro: Editora Martins Claret, 2009.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SAHU et al. Orient. J. Chem. Medicinal Properties of Nardostachys jatamansi (A Review). Department of Phytopharmacognosy, Shri Rawatpura Sarkar Institute of Pharmacy, Kumhari, Durg, C.G, India, Vol. 32(2), 859-866, 2016. Disponível em: https://www.orientjchem.org/pdf/vol32no2/OJC Vol32 No2 p 859-866.pdf. Acesso em: 27

maio 2023.

SANTOS, N. P. dos. Theodoro Peckolt: a produção científica de um pioneiro da fitoquímica no Brasil. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, v. 12, n. 2, 2005. p. 515 - 533.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos Santos. **Rastros na memória: propagandas de medicamentos, história e patologização da vida**. Ficção e Poder: Oralidade, Imagem e Escrita, Fortaleza, 2017.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHELDEMAN, Xavier. Distribution and Potential of cherimoya (*Annona Cherimola Mill*) and highland papayas (*Vaconcellea Spp*) In Ecuador. Faculty of Agricultural and Applied Biological Sciences Department Plant Productio, Belgica, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Ela vai cair: o fim da monarquia no Brasil. In. SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil** – república: da Belle Époque à Era do Rádio, vol. 3. 2002.

SOARES, Marcio de S. "Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial". História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 407-438, jul./ago. 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SIGOLO, Renata Palandri. Healing Through Plants: relationships among knowledge systems in the brazilian press of the 1970s In: YUE, Yue; CHANTALIC, Molly (org.). Herbs and the evolution of human societies. Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2022. p.75-96.

SIGOLO, Palandri Renata. Plantas medicinais no Brasil contemporâneo: da "botica da natureza" à "saúde em frascos". *In.*: **Plantas Medicinais e os cuidados com a Saúde**: **contando várias histórias.** Florianópolis: NUPPe/UFSC, 2015.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da; NASCIMENTO Dilene Raimundo do. A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças. In.: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de. Uma História brasileira das doenças. Brasília: Paralelo 15, 2004.

STANCIK, Marco Antonio. Medicina e Saúde Pública no Brasil: Dos pajés e físicos aos homens de ciência do século XX. **Revista Esboços**, Volume 16, Nº 21, pp. 111-136 — UFSC, 2009.

TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1986.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the Past**. Power and the Production of History. Boston: Beacon Press, 1995.

VELLOSO, Verônica Pimenta. Farmácia na Corte Imperial (1851 - 1887): práticas e saberes. Rio de Janeiro, 2007.

VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. Flora brasiliensis. Vol. XIII, Part I, Fasc. 2 Coluna 7 - 8, 1841. Disponível em: http://florabrasiliensis.cria.org.br/opus. Acesso em: 22 maio 2023.

VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. Flora brasiliensis. Vol. XII, Part II, Fasc. 71 Coluna 383 - 384, 1876. Disponível em: http://florabrasiliensis.cria.org.br/opus. Acesso em: 22 maio 2023.

WITTER, Nikelen Acosta. Curar como Arte e Oficio: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. Tempo: Rio de Janeiro, nº 19, pp. 13-25. 2005.

YUE, Yue; CHANTALIC, Molly (org.). Herbs and the evolution of human societies. Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2022. p.75-96.

APÊNDICE A - Tabela de anúncios com plantas divididos por meses

Copahyba e cubeba 1 1 0 0 0 Caroba miuda 1 1 0 0 0 0 Mamona 1 0 0 1 0 0 1 0 0 Matico 1 0 0 1 0	Plantas	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Total
Mamona 1 0 0 1 0 0 Matico 1 0 0 1 0 1 Angico composto 1 1 0 0 0 0 Quinio 1 0 0 1 2 0 Angico, Alcatrão e Tolú 1 0 0 0 0 0 Tayuyá 1 1 2 0 0 0 0 Gurjun 1 1 1 0 <td>Copahyba e cubeba</td> <td>1</td> <td>1</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>2</td>	Copahyba e cubeba	1	1	0	0	0	0	2
Matico 1 0 0 1 0 0 Angico composto 1 1 0 0 0 0 Quinio 1 0 0 1 2 0 Angico, Alcatrão e Tolú 1 0 0 0 0 0 Tayuyá 1 1 1 2 0 0 0 Gurjun 1 1 1 0 0 0 0 Quina e Columbo 1 0 0 0 0 0 0 Camomilla e Caricina 1 1 0	Caroba miuda	1	1	0	0	0	0	2
Angico composto	Mamona	1	0	0	1	0	0	2
Quinio 1 0 0 1 2 0 Angico, Alcatrão e Tolú 1 0 0 0 0 0 Tayuyá 1 1 2 0 0 0 Gurjun 1 1 1 1 0 0 0 Gurjun 1 1 1 1 0 0 0 Quina e Columbo 1 0 0 0 0 0 0 0 Cammilla e Caricina 1 1 0 0 0 0 0 0 Quinia e Columbo 1 1 0	Matico	1	0	0	1	0	1	3
Angico, Alcatrão e Tolú 1 0 0 0 0 0 0 0 1 Tayuyá 1 1 1 2 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0	Angico composto	1	1	0	0	0	0	2
Tayuyá 1 1 2 0 0 0 Gurjun 1 1 1 0 0 0 Tanaceto 1 1 1 0 0 0 0 Quina e Columbo 1 0 0 0 0 0 0 Camomilla e Caricina 1 1 0 0 0 0 0 0 Quinia e Columbo 1 1 0	Quinio	1	0	0	1	2	0	4
Gurjun 1 1 1 0 0 0 Tanaceto 1 1 1 0 0 0 0 Quina e Columbo 1 0 0 0 0 0 0 Camomilla e Caricina 1 1 0 0 0 0 0 0 Quinina e Columbo 1 1 0 <td>Angico, Alcatrão e Tolú</td> <td>1</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>1</td>	Angico, Alcatrão e Tolú	1	0	0	0	0	0	1
Tanaceto 1 1 1 0 0 0 Quina e Columbo 1 0 0 0 0 0 Camomilla e Caricina 1 1 0 0 0 0 Quinina 1 0 0 1 1 0 Norda 1 0 0 0 0 0 Cascara Sagrada 1 0 0 0 0 0 Velame 0 2 0 2 0 0 0 Gurjun e Tayuá 1 2 1 1 1 0 </td <td>Tayuyá</td> <td>1</td> <td>1</td> <td>2</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>4</td>	Tayuyá	1	1	2	0	0	0	4
Quina e Columbo 1 0 0 0 0 Camomilla e Caricina 1 1 0 0 0 0 Quinina 1 0 0 1 1 0 Norda 1 0 0 0 0 0 Cascara Sagrada 1 0 0 0 0 0 Velame 0 2 0 2 0 0 0 Gurjun e Tayuá 1 2 1 1 1 0 0 0 0 Mectandra 0 1 0<	Gurjun	1	1	1	0	0	0	3
Camomilla e Caricina 1 1 0 0 0 Quinina 1 0 0 1 1 0 Norda 1 0 0 0 0 0 Cascara Sagrada 1 0 0 0 0 0 Velame 0 2 0 2 0 0 0 Gurjun e Tayuá 1 2 1 1 1 0 <td>Tanaceto</td> <td>1</td> <td>1</td> <td>1</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>3</td>	Tanaceto	1	1	1	0	0	0	3
Quinina 1 0 0 1 1 0 Norda 1 0 0 0 0 0 Cascara Sagrada 1 0 0 0 0 0 Velame 0 2 0 2 0 0 0 Gurjun e Tayuá 1 2 1 1 1 0 <td>Quina e Columbo</td> <td>1</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>1</td>	Quina e Columbo	1	0	0	0	0	0	1
Norda 1 0 0 0 0 Cascara Sagrada 1 0 0 0 0 Velame 0 2 0 2 0 0 Gurjun e Tayuá 1 2 1 1 1 0 Nectandra 0 1 0 0 0 0 Bálsamo 0 1 0 1 0 0 0 Quina e Ferro 0 1 0 1 0 <td>Camomilla e Caricina</td> <td>1</td> <td>1</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>0</td> <td>2</td>	Camomilla e Caricina	1	1	0	0	0	0	2
Cascara Sagrada 1 0 0 0 0 Velame 0 2 0 2 0 0 Gurjun e Tayuá 1 2 1 1 1 0 Nectandra 0 1 0 0 0 0 Bálsamo 0 1 0 1 0 0 0 Quina e Ferro 0 1 0 1 0 0 0 0 Cocaina 0 1 0<	Quinina	1	0	0	1	1	0	3
Velame 0 2 0 2 0 0 Gurjun e Tayuá 1 2 1 1 1 0 Nectandra 0 1 0 0 0 0 Bálsamo 0 1 0 1 0 0 0 Quina e Ferro 0 1 0 1 0 0 0 0 Cocaina 0 1 0 <	Norda	1	0	0	0	0	0	1
Gurjun e Tayuá 1 2 1 1 1 0	Cascara Sagrada	1	0	0	0	0	0	1
Nectandra 0 1 0 0 0 Bálsamo 0 1 0 1 0 0 Quina e Ferro 0 1 0 1 0 0 0 Cocaina 0 1 0	Velame	0	2	0	2	0	0	4
Bálsamo 0 1 0 1 0 0 Quina e Ferro 0 1 0 1 0 0 Cocaina 0 1 0 0 0 0 Quina 1 1 1 0 0 0 0 Copaiba, Cubeba, catto 0 1 0 0 0 0 0 Alcalino do Centeio 0 1 0 0 0 0 0 Quininio 0 1 0 0 0 0 0 Quininio 0 1 0 0 0 0 0 0 Jurubeba 0 1 0 0 0 0 0 0 0 0 0 Salsaparrilha 0 1 0 1	Gurjun e Tayuá	1	2	1	1	1	0	6
Quina e Ferro 0 1 0 1 0 0 Cocaina 0 1 0 0 0 0 Quina 1 1 1 0 0 0 0 Copaiba, Cubeba, catto 0 1 0 0 0 0 0 Alcalino do Centeio 0 1 0	Nectandra	0	1	0	0	0	0	1
Cocaina 0 1 0 0 0 Quina 1 1 1 0 0 0 Copaiba, Cubeba, catto 0 1 0 0 0 0 Alcalino do Centeio 0 1 0 0 0 0 Quininio 0 1 0 0 0 0 Jurubeba 0 1 0 1 1 1 Nafé 0 1 0 1 0 0 Salsaparrilha 0 1 0 1 1 1 Codeína pura (papoula) 0 1 0 0 0 0 0 Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 1 0 0 Cambará 0 0 0 3 2 1 Anacahuita 0	Bálsamo	0	1	0	1	0	0	2
Quina 1 1 0 0 0 Copaiba, Cubeba, catto 0 1 0 0 0 Alcalino do Centeio 0 1 0 0 0 Quininio 0 1 0 0 0 Jurubeba 0 1 0 1 1 1 Nafé 0 1 0 1 0 0 0 Salsaparrilha 0 1 0 1 1 1 1 Codeína pura (papoula) 0 1 0 0 0 0 0 0 0 Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 1 0 0 Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 1 0 0 Anacahuita	Quina e Ferro	0	1	0	1	0	0	2
Copaiba, Cubeba, catto 0 1 0 0 0 Alcalino do Centeio 0 1 0 0 0 Quininio 0 1 0 0 0 Jurubeba 0 1 0 1 1 Nafé 0 1 0 1 0 0 Salsaparrilha 0 1 0 1 1 1 Codeína pura (papoula) 0 1 0 0 0 0 Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 2 1 0 Cambará 0 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Cocaina	0	1	0	0	0	0	1
Alcalino do Centeio 0 1 0 0 0 Quininio 0 1 0 0 0 Jurubeba 0 1 0 1 1 1 Nafé 0 1 0 1 0 0 Salsaparrilha 0 1 0 1 1 1 Codeína pura (papoula) 0 1 0 0 0 0 Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 2 1 0 Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Quina	1	1	0	0	0	0	2
Quininio 0 1 0 0 0 Jurubeba 0 1 0 1 1 1 Nafé 0 1 0 1 0 0 Salsaparrilha 0 1 0 1 1 1 Codeína pura (papoula) 0 1 0 0 0 0 Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 2 1 0 Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Copaiba, Cubeba, catto	0	1	0	0	0	0	1
Jurubeba 0 1 0 1 1 1 Nafé 0 1 0 1 0 0 Salsaparrilha 0 1 0 1 1 1 Codeína pura (papoula) 0 1 0 0 0 0 Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 2 1 0 Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Alcalino do Centeio	0	1	0	0	0	0	1
Nafé 0 1 0 1 0 0 Salsaparrilha 0 1 0 1 1 1 1 Codeína pura (papoula) 0 1 0 0 0 0 0 Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 2 1 0 Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Quininio	0	1	0	0	0	0	1
Salsaparrilha 0 1 0 1 1 1 Codeína pura (papoula) 0 1 0 0 0 0 Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 2 1 0 Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Jurubeba	0	1	0	1	1	1	4
Codeína pura (papoula) 0 1 0 0 0 Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 2 1 0 Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Nafé	0	1	0	1	0	0	2
Fedegoso, Angico e Alcatrão 0 0 0 0 3 2 0 Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 2 1 0 Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Salsaparrilha	0	1	0	1	1	1	4
Salsa, Caroba e Sucupira Branca 0 0 0 2 1 0 Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Codeína pura (papoula)	0	1	0	0	0	0	1
Cambará 0 0 0 1 0 0 Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Fedegoso, Angico e Alcatrão	0	0	0	3	2	0	5
Camomilla 1 0 0 3 2 1 Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Salsa, Caroba e Sucupira Branca	0	0	0	2	1	0	3
Anacahuita 0 0 0 1 0 0	Cambará	0	0	0	1	0	0	1
	Camomilla	1	0	0	3	2	1	7
Mamão papaia 0 0 0 2 1 0	Anacahuita	0	0	0	1	0	0	1
	Mamão papaia	0	0	0	2	1	0	3
Angico, Tolú e Guaco 0 0 1 0 0	Angico, Tolú e Guaco	0	0	0	1	0	0	1
Codeina pura, Tolú 0 0 0 1 0 0	Codeina pura, Tolú	0	0	0	1	0	0	1
Quina, Cascarilha e Simaruba 0 0 0 1 0 0	Quina, Cascarilha e Simaruba	0	0	0	1	0	0	1
Cabeça de Negro 0 0 0 1 0	Cabeça de Negro	0	0	0	0	1	0	1

Alcatrão	0	0	0	0	1	0	1
Camphora	0	0	0	0	1	0	1
Chocolate com Sanfonina	0	0	0	0	1	1	2
Quina e Cacau	0	0	0	0	0	2	2
Flôres de Aroeira e Mutamba	0	0	0	0	0	1	1
Quina, Coca e pepsina	0	0	0	0	0	1	1
Atauba de Sabyra	0	0	0	0	1	1	2

APÊNDICE B - Tabelas de anúncios dos meses de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril,
Maio e Junho

DATA JORNAL EDIÇÃO NOM	ME REMEDIO	DOENÇAS	PLANTAS	FARMÁCIA/LABORATÓRIO/EMPRESA	IDADE	GENERO	ENDEREÇO	PÁGINA MÉDICO/FARMACEUTICO/JUNTA	REFS
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Acido Phosphato de Horsford		Insomnia "exceso de trabalho mental e bebida"	X	Horsford's	X	X	X	4 Dr. C. R. Dake	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=4
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Elixir alimenticio Ducro		Molestias do peito	X	Ducro	X	X	Paris, 20, Place des Vosges	4 Junta d'Hygiene do Rio-Janeiro	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=4
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Electuario de copahyba e cubebas forruginosos		Gonorrhéas cronicas e recentes, flores brancas	Copahyba e cubeba	Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=4
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Elixir de pepsina composto		Doenças do Estomago - dyspepsias, vomitos, enjôos, falta de appetite, colicas do figado e intestinaes, flatulencias, vertigens, dôres de cabeça	X	Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=4
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Elixir de pepsina composto 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Essencia depurativa cocentrada de caroba miuda 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Xarope peitoral de Desessartz e alcatrão da Noruega 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Oleo de mamona quinado 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Pomada anti-herpetica de Raspail 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Leito Virginal		Rheumatismo	Caroba miuda	Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 Junta de Hygiene publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=4
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Xarope peitoral de Desessartz e alcatrão da Noruega		Tosses - bronchites, coqueluche, defluxos, rouquidão, tosses nervosas e rebeldes, defluxo asthmatico e todas as moloestias do peito	X	Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=4
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Oleo de mamona quinado		Tesouro do cabello - fazer crescer o cabello e impedir-lhe a quéda, dar-lhe um brilho magnifico	Mamona	Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=4
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Pomada anti-herpetica de Raspail		Molestias da pelle	X	Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=4
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Leite Virginal		Restaurador da Beleza - sardas, pannos, borbulhas e manchasdo rosto	X	Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=4
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Leite Virginal 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Xarope e pílulas de matico ferruginoso 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Xarope peitoral		Gonorrhéas, blenorrhagias, flores brancas Tosses - bronchites, asthma e defluxos	Matico	X	X	X	Rua da Uruguayana n.99	5 Junta de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Xarope peitoral		Tosses - bronchites, asthma e defluxos	Angico composto	Pharmacia Bragança, todas as boas pharmacias e drogarias	s X	X	Rua da Uruguayana n.99	5 J. M. Pimental , sucessor de Mendes Bragança & C	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Noticias Edição 00001 Uguento seccativo de M. Cardoso		feridas, darlliros, empigens, cancos venereos etc	X	M. Cardoso	X	X	Rua dos Ourives n. 163, praça da Constituição n. 26 e Nietheroy: Rua do Visconde de Itaborahy n. 103	5 Junta de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Injecção do Dr. Ricord 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Vinho de Quino Janvrot 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Xarope de Angico, Alcatrão e Tolú de Janvrot		Gonorrhéas	X	Dr. Ricord	X	X	Rua dos Ourives n. 163	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Vinho de Quino Janvrot		energico tonico e febrifugo	Quinio	Drogaria Janvrot	X	X	Rua da Quitanda n. 35	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Xarope de Angico, Alcatrão e Tolú de Janvrot		aflecções do peito e da garganta: bronchites, tosses, rouquidões, etc	Angico, Alcatrão, Tolu	Drogaria Janvrot	X	X	Rua João Alfredo n.35. antiga da Quitanda	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 MORPHÉ(ilegível) - Gynorcabico composto, unguento de CURJU	UN composto e pilulas INDIGENAS de Tayuya composto	molestias da pelle, syphilis, ulceras, feridas, boubas, ozena, darthros, empigens	GURJUN Tayuyá	Deposito especial de F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives 32 A	5 propriedade e formula do Dr. Monte Godinho/ auctorisados pela Exma inspectoria geral de hygiene, com privilegio do governo brasileiro	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Pilulas INDIGENAS de TAYUYA composto		PRISÃO de ventre, falta de menstruação, tonteirs, dôres d ecabeça, maú estar, hemorrhoides, vertigens, digestões difficeis, molestias do figado, excesso de bilis	Tayuyá	Deposito especial de F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives 32 A	5 privilegiadas pelo governo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Unguento de GURJUN		FERIDAS darthos, ulceras, ozena, boubas, empigena etcs	Curjun (?)	Deposito especial de F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives 32 A	5 privilegiado pelo governo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Licor das crianças 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Vinho de Bellini 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Vinho Uranado Pesqui 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Elixir Estomacal 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Vinho do Dr Cabanes 1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Oleo Trigueiro Claro de Figado de Bacalhau do Dr de Jongh		Lombrigas	Tanaceto	Deposito especial de F. Paulo de Freitas	crianças	X	Rua dos Ourives 32 A	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Vinho de Bellini		pobreza de sangue, febres e dienças nevrosas	Quina e Columbo	J. Fayard	Creanças, pessoas idosas	Senhoras	Phy. Em PARIS	5 sello official do Governo francese	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Vinho Uranado Pesqui		Cura da diabetes	X	Pesqui	X	X	Deposito no Rio-de-Janeiro André de Oliveira & GAD/ Venda por atacado: PESQUI, Bordéos (França)	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Elixir Estomacal		molestias do estomago e dos intestinos	Camomilla e Caricina	Pharmaceutico Pedro Doria	X	X	Depositona Drogaria Sul Americana de Silva Gomes & C. 22 e 24 Rua de S. Pedro	5 Approvado pela dignissima inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Vinho do Dr Cabanes		Diabetes, affecção da medulla, hysteria, Bullepsia, Rachitismo, forças, molestias tropicaes e vomitos	X		dá extraordinário vigor às criancinhas de mama	melhor exito ás mulheres enfraquecidaspor excessos de toda especie, trabvalho, prazeres, menstruação, edade criticae amamentação prolongada	Troutte-Perret, 264, bould Voltaire Paris	5 / O senhor Trousseau, Guórar e Velpeau, professores da faculdade de medicina de Paris	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Oleo Trigueiro Claro de Figado de Bacalhau do Dr de Jongh		Tisica, molestias do peito e da garganta, debilidade geral, rachitis e affecções escrofilosas		0 Ansar, Harford & Co	emagrecimento das crianças	X	, 210, High Holborn, Londres	5 Dr De Jongh Cavalheio da ordem de leeopoldina da Belgica; Cavalheiro da Legião de honra de França; Commendador da ordem de (?) de Portugal; Universalmente recommendado pelos medicos mais eminentes/ Licenciado pela Inspectoria de Hygiebne do Imperio do Brasil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890Gazeta de NotíciasEdição 00001Pilulas de Blancard de Iodurato de Forro Inaltoravel1 January 1890Gazeta de NotíciasEdição 00001Vinho do Quinium Labarraque		Germe escrofulosos (tumores, , enfartes, humores frios, etc), modificar as constituições lymphaticas fracas ou debilitadas	X	Pharmaceutico em Paris	X	Chlorosis (pallidez das meninas não menstruadas), Leucorrhoa (flores branca ou fluxo alvo), a Amenorrhed (menstruação nulla ou dificil), Tisica, Syphillis, conatitucional		5 Aprovadas pela Academia de Medicina de Paris, adoptadas pelo formulario official francez; Autorizadas pelo conselho medico de São - Petesburgo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Vinho do Quinium Labarraque		Febres	Quina	X	X	X	Frere 19 rue Jacob Pariz	5 approvado pela Academias de Medicina de Pariz	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Emulsão de Scott de oleo puro de figado de bacalhau		?, Bronohites, Escrofulae, Raohitie, Anemia, Debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da Carganta.	X	Drogarias e Boticas	X	X	X	5 Approvada pela Exma. Junta Central de Hygiene Publica e autorisada pelo governo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Xarope as pilulas de matico ferruginoso		Gonorrhéas e flores brancas (Icucorrhéa)	X	Pharmacia Bragantina	X	X	Rua Uruguayana	5 Approvados pela Exma. Junta de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Sabão Oriental Alcamphorado medicinal		Decomposição de sangue, cura as feridas dos pés, frieiras, empigems, contusões, quédas de cabello, alporcas, nodoas de sangue, suores de maqualidade e molestias cutaneas; mal da garganta, rouquidão, defluxo, catarrho pulmonar, fraqueza do peito, dores rheumaticas e gottosas, dores rins, son dores respectivos.	irrit Nardo/ arvores e plantas laurineas do Oriente	Casa Laermmert & C.	X	X	Ruado Ouvidor 66	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Antifebril Vegetal Carvalho		Febres, anemia chonica, suores nocturnos, racitismo, etc.	Quinina	Deposito Especial de F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives n. 32	5 Approvado pela junta de hygiene publica e composto sómente de VEGETAIS COMESTIVEIS e estomacaes	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Especificos do ? Dr. Humphreys de Nova York		Cita 35 curas	X	Deposito Especial de F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives n. 32	5 Exma inspectoria geral de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Semola Mouriès		Recomendado ás mulheres gravidas, ás amas de leite e ás crianças no periodo de dentição e crescimento	X	Atacado L. Frere	Crianças durante a dentição e o crescimento	Mulheres gravidas e amammentação	Rua Jacob, Pariz e em todas as drogarias	5 A Academia de Medicina votou felicitaçõesao Sir, Mouriès e o instituto da França concedeu-lhe uma mdalha de iniciamento no concurso do premio Montyon	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=5
1 January 1890 Gazeta de Notícias Edição 00001 Grageas Demazière		Prisão de Ventre, falta de menstruação, tonteirs, dores decabeça, maú estar, hemorrhoides, vertigens, digestões difficeis, molestias do figado, excesso de bilis	Cascara Sagrada	Pharmacia G. Demazière	X	X	Rua D'Oliveira, Rio de Janeiro (Avenie de Villiers, Paris)	6 Approvadas pela Ispectoria de Hygiene do Brasil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=6_
1 January 1890Gazeta de NotíciasEdição 00001Semola Mouriès1 January 1890Gazeta de NotíciasEdição 00001Grageas Demazière1 January 1890Gazeta de NotíciasEdição 00001Elixir Estomachio de Camomilla		Doenças do Estomago - dyspepsias, vomitos, enjôos, falta de appetite, colicas do figado e intestinaes, flatulencias, vertigens, dôres de cabeça	Camomilla e Caricina	Rebello & Granjo	X	X	Rua Primeiro de Março n. 94	Exma junta de hygiene e pelo governo imperial	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=6_

DATA JORNAL EDIÇÃO NOME REMÉDIO	DOENÇAS	PLANTAS FARMÁCIA/LABORATÓRIO/EMPRESA	IDADE	GENERO	ENDEREÇO	PÁGINA MÉDICO/FARMACEUTICO/JUNTA	REFS
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Elixir de Velame	Rheumatismo	Velame Rauliviera	X	X	X	2 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=154
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Oleo puro medicinal de figado de bacalhau de Laumman e Kemp	Molestias do figado e do pulmão	X Thymolina Raulivera	X	X	X	3 Jornais de medicina	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=155
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Elixir Gynocardico Composto, Unguento Gurjun Composto, pilulas Indigenas de Tayuá composto	Morphea, molestias da pelle, feridas, syphilis, pernas inchadas, darthos, maus humores	Gurjun e Tayuá F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives deposito especial de F. Paulo Freitas	3 Unicos approvados pela junta de hygiene e privilegiados pelo governo para a CURA e tratamento das molestias; melhore medicos do mundo/ Dr. Monte Godinho	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=155
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Vinho Reconstituinte Morrhuol Maltinado e lactophosphato de cal glycerinado	Molestias do peito, anemia, tisica, suores noeturnos, falta de appetite, rachitismo, enfraquecimentos etc	X Dr. Monte Godinho	X	X	Rua dos Ourives deposito especial de F. Paulo Freitas	3 Approvados pela inspectoria de hygiene e privilegiados pelo governo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=155
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Nectandra Amara	Indigestões, nauseas, colicas violentas, colerinas, camaras de sangue, diarrhéas, dyspepsias, molestias do estomago e desaranjos intestinaes	Nectandra Remedio paulista de Antero Leivas	X	X	X	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=156
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Cardigia	Molestias nervosas e do coração	X Pharmacia homoepathiea de Adolpho Vasconcellos	X	X	Rua da Quitanda	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=156
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Cardigia 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Elixir de Velame 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Pastilhas de Dethan	Depurativos do sangue	Velame Rauliviera	X	X	X	A X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Pastilhas de Dethan	Doenças da garganta, extincções da voz, inflammações da boca. effeitos perniciosos do Mercurio, irritação causada pelo fumo	X Adh Dethan	X	particularmente aos Sñrs	X	$4 \mathbf{X}$	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Xarope Peitoral Balsamico	Contra tossesrebeldes, coqueluches, bronchites, catarrhos chronicos, tisica pulmonar e laryngéa	Bálsamo Rebello & Granjo formula Dr. Figueiredo Magalhães	X	X	Rua Priemirio de Março	4 Approvados pela Exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Oleo de figado de bacalhau	X	x Derocque	X	X	Paris, Rue de Poltou	4 Apreciado pelos médicos	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Vinhos titulados de Ossian Henry 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Pastilhas de Chlorato de Potassio e Cocaina	Chlorese, côres pallidas, anemia, flores brancas, constituições fracas	Quina e Ferro Ossian Henry	X	X	Paris/ Amsterdam Rua André D'Oliveira & Gad no Rio de Janeiro	4 Approvados pela inspectoria de Eygiene do Império do Brazil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Pastilhas de Chlorato de Potassio e Cocaina	Molestias da boca e garganta	Cocaina Werneck e Leoni	X	X	Rua dos Ourives 73	4 Textinho sobre o uso e aprovação médica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Vinho de Aroud de Quina	Molestias da boca e garganta Anemia, debilidades nas convalescenças das enfermidades, diarrheas e affecções do estomago e intestinos	Quina Aroud	X	X	Principais pharmacias e uma em Paris	4 \mathbf{x}	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Oleo de Trigueiro Claro de Fígado de Bacalhau do Dr De Jonch 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Electuario de Copahyba e cubebas ferruginoso	Tisica, molestias do peito e da garganta, debilidade geral, rachitis e affecções escrofilosas	X Ansar, Harford & Co	emagrecimento das crianças	X	, 210, High Holborn, Londres	4 Dr De Jongh Cavalheio da ordem de leeopoldina da Belgica; Cavalheiro da Legião de honra de França; Commendador da ordem de Christo de Portugal; Universalmente recommendado pelos medicos mais eminentes/ Licenciado pela Inspectoria de Hygiebne do Imperio do Brasil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Electuario de Copahyba e cubebas ferruginoso	Gonorrhéas chronicas, flôres brancas, ec	Copahyba e cubebas Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembleia 78	4 \mathbf{X}	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Elixirde Pepsina composto 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Essencia depurativa cocentrada de caroba miuda	Doenças do Estomago - dyspepsias, vomitos, enjôos, falta de appetite, colicas do figado e intestinaes, flatulencias, vertigens, dôres de cabeça	X Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembleia 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Essencia depurativa cocentrada de caroba miuda	Rheumatismo	Caroba miuda Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 Junta de Hygiene publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Xarope peitoral de Desessartz e alcatrão da Noruega	Tosses - bronchites, coqueluche, defluxos, rouquidão, tosses nervosas e rebeldes, defluxo asthmatico e todas as moloestias do peito	X Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Pomada Anti-herpetica 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Emulsão de Scott de oleo puro de figado de bacalhao 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Sabão Russo	Molestias da pelle - empigens, sarnas, comichões, darthros, pannos, manchas	X Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Emulsão de Scott de oleo puro de figado de bacalhao	Tisica, Bronohites, Escrofulae, Raohitie, Anemia, Debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da Carganta.	X Drogarias e Boticas	X	X	X	4 Approvada pela Exma. Junta Central de Hygiene Publica e autorisada pelo governo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=156
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Sabão Russo	Queimaduras, nevralgias, contusões, darthros, erupigens, pannos, caspas, espinhas, dores rheumaticas, dores de cabeça, ferimentos, srdas, chagas, rugas, erupções cutaneas e merdeduras de insetos venenosos	X Drogarias, pharmacias e lojas de perfumarias	X	X	X	5 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica da Corte	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Xarope e pilulas de matico ferruginoso 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Xarope peitoral 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Electnario de Acido Copahybico, Cubebina e Catto	Gonorrhéas, blenorrhagias e flores brancas Tosses - bronchites, asthma e defluxos	X X	X	X	Rua Uruguayana n. 99	Approvada pela Exma. Junta Central de Hygiene Publica e autorisada pelo governo Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica da Corte Approvados pela Junta de Hygiene J. M. Pimental, sucessor de Mendes Bragança & C	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Xarope peitoral	Tosses - bronchites, asthma e defluxos	Angico composto Pharmacia Bragança, todas as boas pharmacias e drogarias	X	X	Rua da Uruguayana n.99	5 J. M. Pimental, sucessor de Mendes Bragança & C	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Electrario de Acido Copahybico, Cubebina e Catto	Gonorrhéas	Copaiba, Cubeba, catto Pharmacia Pedroso Souto & Mathias	X	X	Rua dos Ourives n. 137	5 Chimico pharmaceutico Antonio Pedroso Souto	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Unguento Seccativo	Feridas darthos, empigens, caneros venereos	X Pharmacia	X	X	Rua dos Ourives n. 163,d'Ajuda n 69, praça da Constituição	5 Mais de uma, semnomes específicos	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Elixir Gynocardico Composto, Unguento Gurjun Composto, pilulas Indigenas de Tayuá composto	Morphea, molestias da pelle, feridas, syphilis, pernas inchadas, darthos, maus humores	Gurjun e Tayuá Dr. Monte Godinho	X	X	Rua dos Ourives n. 32	5 Unicos auctorisados pela Exma. inspectoria geral de hygiene, com privilegio do governo brasileiro	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Pilulas indigenas de TAYUYÁ composto	PRISÃO de ventre, falta de menstruação, tonteirs, dõres d ecabeça, maú estar, hemorrhoides, vertigens, digestões difficeis, molestias do figado, excesso de bilis	Tayuyá F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives 32 A	5 privilegiadas pelo governo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Unguento de GURJUN composto	FERIDAS darthos, ulceras, ozena, boubas, empigena etcs	Gurjun (?) F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives 32 A	5 privilegiado pelo governo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Licor das crianças	LOMBRIGAS	Tanaceto F. Paulo de Freitas	Para crianças	X	Rua dos Ourives 32 A	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_ http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Elixir Estomacal	molestias do estomago e dos intestinos	Camomilla e Caricina Pharmaceutico Pedro Doria, Deposito e Drogaria Sul Americana	X	X	Depositona Drogaria Sul Americana de Silva Gomes & C. 22 e 24 Rua de S. Pedro	5 Approvado pela dignissima inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Xarope de Digitale de Labélonye	Doenças do coração, ?, Bronchites nervosas, Coqueluches, Asthmas	X X	X	X	X	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Ergotina e Graceas d'ergotina	Hemostatico, facilitar o trabalho de parto e fazer parar as hemorrhagias	alcalino do Centeio X	X	trabalho de parto	Depositos nas principais pharmacias de cada citade (Paris)	5 Medalha d'Ouro na Sociedade de Pharmacia de Paris	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Hemoglobina solúvel de V. Deschiens, preparado na forma de vinho, xarope e gragêas	Chlorese, anemia, enfraquecimento geral, côres pallidas, desapparição do appetite, doenças do estomago	X Sociedado Franceza Productos Pharmaceutixos, Adrian & Cia	X	X	Despositos em todas as pharmacias	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Xaropes e pilulas de Rebellion de Iodureto duplo de ferro e quinino	Chlorose, flores brancas, supressão de seorden da menstruação, molestias do peito, dores de estomago, gastralgia, rachitismo, escrofulas, febres simples, molestias nervosas	Ouinino Ch Vimard & Petit	X	X	Despositos em todas as pharmacias do BRAZIL	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Oleo de São Jacob	Rheumatismo, nevralgia, gota, sciatica e dor nas costas, queimaduras, inchações, dores da garganta, de cabeça, dentes e ouvidos, dislocações e tambem toda a especie de dores e pontadas	X A. vogeler & Cia, Baltimore MD EUA	X	X	Rua da Candelaria 8 A (à venda em todas as boticas e pharmacias)	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Vinho de Jurubeba Composto	Doencas do Figado	Jurubeba Rebello & Granio	X	X	Rua primeiro de março n. 64 B	5 Approvados pela Exma. junta de hygiene e auctorisado pelo governo imperial	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Pasta peitoral e Xarope de Nafé	Constipações, bronchites, irritação do peito e da garganta	Nafé Delangrenier	exito e segurança às crianças soffrendo de tosse e coqueluche	X	Depositose pharmacias do mundo inteiro	5 Verificada pelos membros da Academia de Medicina de França	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Injecção Anti-blenorrhagica	Gonorrhéas	X Rebello & Granio	X	X	Rua primeiro de março n. 64 B	5 ApprovadA pela Exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Pilulas do doutor Dehaut de Paris	Purgativo	X Dehaut	X	X	X	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Extraxto liquido de salsaparrilha	Doentes da pelle	Salsanarrilha Rebello & Granio	X	X	Rua primeiro de março n. 64 B	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Elixir/ Vinho/ Pos. de Pepsina Boudault	Enfermidades do estomago - dispepsias, gatrites - gastralgias, digestões tardias e peniveis, falta d'appetite	X Roudault	Y	X	Principais pharmacias e uma em Paris	5 Approvada pela academia de Medicina - nome de premios ganhados pelo mundo datando desde meados do XIX	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Acido phosphato de Horsford	Incomnia	Y Horeford's	Y	Y	Principais pharmacias e drogarias Principais pharmacias e drogarias	5 Y	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=157_
2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Acido phosphato de Horsford 2 February 1890 Gazeta de Notícias Edição 00033 Xarope e pasta de Berthé	Defluyos branchites catarra asma malestias da gangarta insamnias tosse malestias da neita	Codeína pura (papoula) Renthá	Y Y	V		5 Sello azul do Estado Francez	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=158
2 reducity 1070 Gazeta de Noticias Edição 00055 Matope e pasta de Defilie	Defluxos, bronchites, catarro, asma, molestias da gangarta, insomnias, tosse, molestias do peito	Coucina pura (papoura)	Λ	Λ	Casa Clin &Cia e por intermedio de qualquer pharmacia	J Sello azul do Estado Francez	mup.//memoria.on.on/bockeauci/bockeauci.aspx:oio=103/30_03&pagiis=136

DATA JORNAL EDIÇÃO NOME REMÉDIO	DOENÇAS	PLANTAS FARMÁCIA/LABORATO	ORIO/EMPRESA IDADE GENERO	ENDEREÇO	PÁGINA MÉDICO/FARMACEUTICO/JUNTA	REFS
12 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Anticatarrhal Cardus Benedictus	Influenza, resfriamentos	X X	X X	X	4 pharmaceutico Granado	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=342
12 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Pilulas de Tayuyá Composto (vegetaes) 12 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Elixir Gynocardico Composto, Unguento Gurjun Composto, pilulas Indigenas de T	Prisão de ventre, molestias do figado, excesso de bilis, opilação, tonteiras, falta de mesntruação, mau estar, vertigens, hemorrhoides, dores de cabeça	Tayuyá F. Paulo de Freitas	X X	Rua dos Ourives	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=342
12 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Elixir Gynocardico Composto, Unguento Gurjun Composto, pilulas Indigenas de T	ayuá composto Morphea, molestias da pelle, syphilis, ulceras, feridas boubas, ozena, darthos, empigons	Gurjun e TayuYá F. Paulo de Freitas	X X	Rua dos Ourives n. 30	5 Autorisados pela Exma. inspectoria geral de hygiene, com privilegiao do governo brasileiro/ Dr. Monte Godinho	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343
12 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Pilulas indigenas de TAYUYÁ composto	PRISÃO de ventre, falta de menstruação, tonteiras, dõres d ecabeça, maú estar, hemorrhoides, vertigens, digestões difficeis, molestias do figado, excesso de bilis	Tayuyá F. Paulo de Freitas	X X	Rua dos Ourives n. 30	5 privilegiadas pelo governo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343
2 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Unguento de GURJUN composto	FERIDAS darthos, ulceras, ozena, boubas, empigena etcs	Gurjun (?) F. Paulo de Freitas	X X	Rua dos Ourives n. 30	5 privilegiado pelo governo	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343
12 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Licor das crianças	LOMBRIGAS	Tanaceto F. Paulo de Freitas	Para crianças X	Rua dos Ourives n. 30	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343
2 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Pilulas do Docteur Moussette	Nevralgias - Enxaqueca, gastalgia, sciatica, affecções rheumatismaes	X Clin & Cia	X X	Todas as drogarias e pharmacias	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343
2 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Capsulas e Injecções Raquin	"Doeças secretas" Fluxos agudos ou chronicos "Muito util também como preservativo"	X Raquin	X X	Paris/ Todas as pharmacias	5 Approvadas pela academia de Medicina de Paris	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343
março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Elixir/ Vinho/ Pos. de Pepsina Boudault	Enfermidades do estomago - dispepsias, gatrites - gastralgias, digestões tardias e peniveis, falta d'appetite	X Boudault	X X	Principais pharmacias e uma em Paris	5 Approvada pela academia de Medicina - nome de premios ganhados pelo mundo datando desde meados do XIX	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343
2 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Injecção Anti-blenorrhagica	Gonorrhéas	X Rebello & Granjo	X X	Rua primeiro de março n. 64 B	5 Approvada pela Exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343
2 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Pomada de Ricord	Feridas Antigas	X Ricord		Rua da Assembleia n. 89	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343
2 março 1890 Gazeta de Notícias Edição 00071 Acido phosphato de Horsford	Prostação	X Horsford's	XX	Principais pharmacias e drogarias	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=343

25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Velame de Rauliveira25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Vinho Tônico e Nutritivo25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Salsa, Caroba e Sucupira Branca25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Velamo de Rauliveira	ma, tosses e bronchites erace, enemia e frequeza	Fedegoso, Angico e Alcatrão	FARMÁCIA/LABORATÓRIO/EMPRESA Carvalho Ferreira & Cia	X	Υ	Y	PÁGINA MÉDICO/FARMACEUTICO/JUNTA	http://www.nia.hu.hu/DaaDaadau/DaaDaadau.anu.Ohit. 400700 000 u.a.fia 575
25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Velame de Rauliveira25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Vinho Tônico e Nutritivo25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Salsa, Caroba e Sucupira Branca25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Velamo de Rauliveira		\/			^		- $ -$	пир://memoria.bn.br/Dockeader/Dockeader.aspx /bi0=103/30_03& pagris=5/5
25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Salsa, Caroba e Sucupira BrancaEmpigen25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Velamo de RauliveiraFeridas e	orace enemia a frequeza	Velame	X	X	X	drogaria Sul - Americana	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575
25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Salsa, Caroba e Sucupira BrancaEmpigen25 April 1890Gazeta de NotíciasEdição 00115Velamo de Rauliveira	orose, anemia e fraqueza	X	Carvalho Ferreira & Cia	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Velamo de Rauliveira Feridas e	igenas, molestias da pelle	Salsa, Caroba e Sucupira Branca	Carvalho Ferreira & Cia	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575
	las e molestias da pelle	X	Silva Gomes & Cia	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575
	ohea, molestias da pelle, feridas, syphilis, pernas inchadas, darthos, maus humores	Gurjun e Tayuá	F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives deposito especial de F. Paulo Freitas	3 Unicos approvados pela junta de hygiene e privilegiados pelo governo para a CURA e tratamento das molestias; melhore medicos do mundo/ Dr. Monte Godinho	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&paofis=575
	enza, resfriamentos	X	X	X	X	X	3 pharmaceutico Granado	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=575
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Peitoral de Cambará Da mai	nais simples tosse até a mais grave enfermidade pulmonar	Cambará	Silva Gomes & Cia	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Elixir de Velame de Rauliveira Depurativ	ırativo do sangue	X	X	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575
	eas do estomago, dyspepsia	Camomilla	Carvalho Ferreira & Cia	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Pó Laxativa de Vichy Prisão r´	io de Ventre	X	X	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=575
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Thymolina Rauliveira Uso na	na cutis	X	X	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=575
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Peitoral de Anacahuita Tosse,	e, inflammações da garganta, constipações e catarrhos, asthma, irritação dos pulmãos, enfermidade pulmonar, tisica	Anacahuita	Lanman & Kemp	X	X	Todas as boticas e drogarias	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Thymolina Rauliveira Uso na co 25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Peitoral de Anacahuita Tosse, in 25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Elixir Estomachio de Camomilla Doentes of	ntes do Estomago	Camomilla	Rebello & Granjo	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=575
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Thymolina Rauliveira Espinhr	nhas	X	X	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=575
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Elixir digestivo Trouette- Perret de Papaina (pepsina vegeral) Affecçõe	cções do estomago, gastrites, gastralgias, diarreas, vomitos, peso no estomago, ma digestão, dureza de ventre	Mamão papaia	Trouette- perret	X	X	Principais pharmacias e drogarias (4 Sello União dos Fabricantes	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Xarope Fedegoso, Angico e Alcatrão Tosse,	e, escarros sanguineos, expectorações mucosas e muco-purulentas, hemoptyses, irritação da mucosa, orgãos respiratorios, tisica, cicatrisação das cavernas pulmonares, regulação das funções digestivas	Fedegoso, Angico e Alcatrão	Carvalho Ferreira & Cia	X	X	Rua da Assembleia n. 89	4 Approvação da Junta Central de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576_
	tipações e molestias do peito	X	Briant	X	X	Paris/ todas as pharmacias	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
L 25 April 1890. IGazeta de Notícias — IEdicão 00115 — IVinhos titulados de Ossian Henry — — — — — — — — — — — — — — — — — — —	rese, côres pallidas, anemia, flores brancas, constituições fracas	Quina e Ferro	Ossian Henry; Bain & Fournier	X	X	Paris/ Amsterdam Rua André D'Oliveira & Gad no Rio de Janeiro	4 Approvados pela inspectoria de Eygiene do Império do Brazil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Xarope de Angico composto com Tolú e Guaco de Santa Catharina tosses.	s, bronchites, rouqidão, asthma, coqueluche, resfriados, perda de voz, desfluxo, e em molestias das vias respiratorias	Angico, Tolú e Guaco Codeina pura, Tolú e Agua de Louro cereja	Peitiral Catharinense; Raulino Horne & Oliveira (unicos fabricantes e propietarios); Silva, Gomes & Cia (repositário das preparações medicinaes de Rauliveira)	X	X	Rua de S. Pedro n. 22 e 24	4 Approvado pela inspectoria de Hygiene publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edicão 00115 Xarope e Pasta - Zed Bronch	chite, tosses, resfriamentos, pneumias, coquel uche, catarros, insomnias tenazes, dores abdominales	Codeina pura. Tolú e Agua de Louro cereia	Zed	X	X	Rua Drouot e pharmacias d'esta	4 Licenciado pela Inspectoria geral de Hygiene do Imperio do Brazil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576_
	a, molestias do peito e da garganta, debilidade geral, emagrecimento das crianças, rachitis e affecções escrofulosas	X	Ansar, Harford & Co	emagrecimento das crianças	X	, 210, High Holborn, Londres	4 Dr De Jongh Cavalheio da ordem de lecopoldina da Belgica: Cavalheiro da Legião de honra de Franca: Commendador da ordem de Christo de Portugal: Universalmente recommendado pelos medicos mais eminentes/ Licenciado pela Inspectoria de Hygiebne do Imperio do Brasil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&paofis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Depurativos Ioduretados do Dr. Gibert/ Xarope e Graceas Affecção	coões Syphilicas, vicios do sangue	X	L Augendre Pharmaceutico Maisons' Laffette; preparados por Boutighy Duhamel	X	X	X	4 Dr De Jongh Cavalheio da ordem de lecopoldina da Belgica; Cavalheiro da Legião de honra de França; Commendador da ordem de Christo de Portugal; Universalmente recommendado pelos medicos mais eminentes/ Licenciado pela Inspectoria de Hygiebne do Imperio do Brasil 4 Dr. Gibert/ Sello do Governo Francez e o da União dos Fabricantes	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Capsulas Creosotadas do Dr. Fourner Bronch	cções Syphilicas, vicios do sangue chites, constipções, catarros, affeoções pulmonares	X	Dr. Fourner	X	X	Paris; todas as principais pharmacias do Brazil	4 Dr. Fourner; "Trabal hos dos mais autorisados medicos"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Vesicatorio Albespeyres X	, 13 , , 3 1	X	Fumouze-Albespeyres	X	X	Paris, principais pharmacia	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Ferro Quevenne Anemir	mia, pobreza do sangue, perda, dores de estomago	X	Em. Genevoix	X	X	Paris	4 Unico Approvado pela Academia de Medicina de Paris	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Oleo de Mamona Quinado Cabello,	mia, pobreza do sangue, perda, dores de estomago Alo, fazer crescer, impedir-lhe a queda e dar-lhe brilho	Mamona	Pharmacia Raspail Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Pomada anti-herpetica de Raspail Molesti	estias da pelle - empigens, sarnas, comichões, darthos, pannos, manchas	X	Pharmacia Raspail Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
	enterias e diarrhéas	Quina, Cascarilha e Simaruba	Pharmacia Raspail Pharmacia Raspail	X	X	Rua da Assembléa n. 78	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576_
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edicão 00115 Pomada de Ricord Feridas a	las antigas	X	X	X	X	Rua da Assembléa n. 89	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=576
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Vinho de Quinio Janvrot	co e febrifugo	Quinio	Drogaria Janvrot	X	X	Quitanda n. 35	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577_
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Vinho de Quinio Janvrot 25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Uguento seccativo de M. Cardoso 25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Solução e Capsulas de Antipyrina do Dr. Clin 25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Solução do Doutor Clin Cotta, Rh	as, darlliros, empigens, cancos venereos etc	X	M. Cardoso	X	X	Rua dos Ourives n. 163, praça da Constituição n. 26 e Nietheroy: Rua do Visconde de Itaborahy n. 103	5 Junta de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Solução e Capsulas de Antipyrina do Dr. Clin Acalma	ma as dores de: Lumbagos, Torticolis, Nevralgias, Sciatica, Mesntruação difficil, colicas violentas, acessos de gota e de rheumatismo	X	Casa Clin & Cia	X	Menstruação difficil, colicas violentas	Paris, pharmacias	5 Laureado na facul dade de Medicina de Pariz - Premio Montyon	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Solução do Doutor Clin Gotta, F	a, Rheumatismo, Dores	X	Clin & Cia	X	X	Paris, casa dos droguistas e pharmaceuticos	5 Laureado na facul dade de Medicina de Pariz - Premio Montyon	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=577
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Injecção do Doutor Cim 25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Injecção do Dr. Ricord 25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Papaina glycerinada do Dr. Niobey 25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 A Magnesia fluida de veiga 26 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Sebão Pueso	orrhéas .	X	Dr. Ricord	X	X	Rua dos Ourives n. 163	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=577
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Papaina glycerinada do Dr. Niobey Dysper	pepsias e affecções do estomago	Mamão papaia	Dr. Niobey	X	X	Deposito Rua Primeiro de Março n. 3; principais pharmacias e drogarias	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 A Magnesia fluida de veiga X		X	Veiga	X	X	Todas conceituadas pharmacias e drogarias	5 Preferida pelos mas habeis clinicos da capital federal e dos estados	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577
I 23 ADII 1090 IGAZEIA UE NOLIGIAS — IEUICAO 00 I 13 — ISADAO RUSSO — IQUEI II AU	maduras, nevralgias, contusões, darthros, erupigens, pannos, caspas, espinhas, dores rheumaticas, dores de cabeça, ferimentos, sardas, chagas, rugas, erupções cutaneas e mordeduras de insetos venenosos	X	Jayme Paradeda	X	X	Drogarias, pharmacias e lojas de perfumarias	5 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica da Capital	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=577
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Antifebril Vegetal Carvalho Febres, ?	es, ?, resfriamentos, dyspepsia, fraqueza e caimbras do estomago, anemia, chlorose, ?, rachitismo	Quinina	Deposito Especial de F. Paulo de Freitas	X	X	Rua dos Ourives n. 30	5 Approvado pela junta de hygiene publica e composto sómente de VEGETAIS COMESTIVEIS e estomacaes	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577_
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Xarope de F. Gille Chloro	rosis, anemia, lymphatismo	X	Deposito Geral em Paris	X	X	Todas as boas pharmacias	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=577
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Vinho de Jurubeba Composto Doença	nças do Figado - achates de figado e baço	Jurubeba	Rebello & Granjo	X	X	Rua primeiro de março n. 64 B	5 Approvados pela Exma. junta de hygiene e auctorisado pelo governo imperial	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577_
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Cajúrubéba - preparado vinoso depurativo Rheumat	imatismo, molestias da pelle, leucorrhéas ou floes brancas, impureza do sangue, formas de syphilis	X	Silva Gomes & Cia; composição de Firmino Candido de Figneiredo	"metade de col héres de sopa para as cri anças"	X	Rua de S. Pedro n. 22 e 24,drogaria sul-americana	5 Approvado pela Illustrada Junta de Hygiene Publica da Capital, decreto de 1883	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=577
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Elixir de Camomilla Composto Doenças	nças do estomago	Camomilla	Rebello & Granjo	X	X	Rua da Assembléa n. 89	5 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577_
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Especifico de Beyran Gonorrhe	orrheas, antigas e recentes flores brancas e corrimentos	X	Beyran	X	X	Rua da Assembléa n. 89	5 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577_
	es e Bronchites - afecções dos orgãos respiratorios e da garganta, asthma, dores de peito, suffocações, defluxos e karynge	Fedegoso, Angico e Alcatrão	X	X	X	Rua da Assembléa n. 89	5 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577
	estias da pelle- erupções, borbulhas, sarnas, empigens, darthos, erysipolas, rheumatismos, syphilis, impurezas do sangue	Fedegoso, Angico e Alcatrão Salsa, Caroba e Sucupira Branca	X	X	X	Rua da Assembléa n. 89	5 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577_ http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577_
	oas debeis, anemicas rachiticas, faltas de forças; ás crianças, para lhes facilitar a dentição ás amas para lher fortificar o leite	X	A. R. de Carvalho Ferreira & Cias	ás crianças, para lhes facilitar a dentição	ás amas para lher fortificar o leite	Rua da Assembléa n. 89	5 Approvados pela junta de hygiene e auctorisado pelo governo imperial	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=577 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=578 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=578 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=578 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=578 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=578
	las recentes e antigas, escoriações venereas, assaduras de entre-coxas, provenientes de calor, frieiras, suor fétido dos pés e do sovaco, tinha, bouba, brotoejas, comichões, empigens	X	Drogaria Araujo Freitas & Cia e Pharmacia Auxiliar	X	X	Rua dos Ourives n. 118/ Rua do Lavradio n. 106	6 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=578
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Injecção Anti-blenorrhagica Gonorrhá	orrhéas	X	Rebello & Granjo	X	Х	Rua primeiro de março n. 64 B	6 Approvada pela Exma. junta de hygiene 6 Junta de Hygiene 6 Approvados pela Exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&paqfis=578
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Xarope e pílulas de matico ferruginoso Gonorrhé	orrhéas, blenorrhagias, flores brancas (leucorrhéa)	Matico	Pharmacia Bragantina Pharmacia Bragantina	X	X	Rua da Uruguayana n.99	6 Junta de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=578
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Xarope Peitoral Balsamico Contra	ra tosses rebeldes, coqueluches, bronchites, catarrhos chronicos, tisica pulmonar e laryngéa	Bálsamo	Rebello & Granjo formula Dr. Figueiredo Magalhães	X	X	Rua primeiro de março n. 64 B	6 Approvados pela Exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=578
	stipações, bronchites, irritação do peito e da garganta	Nafé	Delangrenier	exito e segurança às crianças soffrendo de tosse e coqueluche	X	Depositose pharmacias do mundo inteiro	6 Verificada pelos membros da Academia de Medicina de França	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=578
25 April 1890 Gazeta de Notícias Edição 00115 Extraxto liquido de salsaparrilha Doente	ntes da pelle - 14 outras doenças	Salsaparrilha	Rebello & Granjo	X	X		6 Approvados pela Exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=578

JORNAL EDIÇAO N	OME REMEDIO	DOENÇAS	PLANTAS	FARMACIA/LABORATORIO/EMPRESA	IDADE	GENERO ENDEREÇO	PAGINA MEDICO/FARMACEUTICO/JUNTA	REFS
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Elixir Gynocardico Composto, Unguento Gurju	n Composto, pilulas Indigenas de Tayuá composto Morphea, molestias da pelle, feridas, syphilis, pernas inchadas, darthos, maus hum	nores	Gurjun e Tayuá	Dr. Monte Godinho; F. Paulo de Freitas	X	X Rua dos Ourives deposito especial de F. Paulo Freitas	Unicos approvados pela junta de hygiene e privilegiados pelo governo para a CURA e tratamento das molestias; melhore medicos do mundo/ Dr. Monte Godinho	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=723_
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Elixir de Camomilla Composto	Colleas do estomago, dyspepsia		Camomilla	Carvalho Ferreira & Cia	X	X X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=723_
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Salsa, Caroba e Sucupira Branca	Empigenas, molestias da pelle		Salsa, Caroba e Sucupira Branca	Carvalho Ferreira & Cia	X	X X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=723
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Oleo puro medicinal de figado de bacalhau de I			X	Lanmna & Kemp	X	X Principais boticas e lojas de drogas	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=723
R90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Xarope Fedegoso, Angico e Alcatrão	Asthma, tosses e bronchites		Fedegoso, Angico e Alcatrão	Carvalho Ferreira & Cia	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=723
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Thymolina Rauliveira	Uso na cutis		X	X	X	X X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=723
390 Gazeta de Notícias Edição 00141 Pó Laxativa de Vichy	Prisão de Ventre		X	X	X	X X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=723
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Thymolina Rauliveira	Espinhas		X	X	X	X X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=723
Gazeta de Notícias Edição 00141 Pó Laxativa de Vichy Gazeta de Notícias Edição 00141 Thymolina Rauliveira Gazeta de Notícias Edição 00141 Elixir cabeça de negro Gazeta de Notícias Edição 00141 Cajurubeba Gazeta de Notícias Edição 00141 Xarope de Digitale de Labélonye	Rheumatismos e molestias syphiliticas		Cabeça de Negro	Hermes de Souza, Pereira & Cia; pharmacia da rua Marquez de Olinda Pernambuco	X	X Drogaria Granado, Rua Primeiro de Março	3 Inspectoria Geral de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=723
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Cajurubeba	Depurativo do sangue		X	Silva, Gomes & Cia	X	X Depositarios Silva, Gomes & Cias	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=723
390 Gazeta de Notícias Edição 00141 Xarope de Digitale de Labélonye	Doenças do coração, Hydropsias, Bronchites nervosas, Coqueluches, Asthmas		X	Labélonye	X	X Deposito Geral Labélonye, Pais/ Principais pharmacias de cada citade	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=724
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Xarope do Dr. Forget	Defluxos, tosse, insomnia, crises nervosas		X	Dr. Forget/ Chable	X	X Rue Vivienne Chable, Paris/ Em todas as pharmacias do Universo	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=724
390 Gazeta de Notícias Edição 00141 Citrato de Ferro Chable	Gonorrhéa, flores brancas, perdas seminaes, debilidade, escotamento		X	Chable	X	X Rue Vivienne Chable, Paris/ Em todas as pharmacias do Universo	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724
390 Gazeta de Notícias Edição 00141 Injection Brou	X		X	Brou/ casa de J. Ferré	X	X Rua Richelieu	4 Principaes pharmacias do universo em paris; pharmaceutico sucessor de M. Brou	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724
Gazeta de Notícias Edição 00141 Abbaye de Thélème	Dor de estomago		l _X	Casa dos importadores - Salvador & Vidal/ Thélème	X	X Rua do Rosario n. 132	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724
90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Abbaye de Thélème 90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Elixir/ Vinho/ Pos. de Pepsina Boudault	Enfermidades do estomago - dispepsias, gatrites - gastralgias, digestões tardias e po	peniveis, falta d'appetite	l _X	Boudault	X	X Principais pharmacias e uma em Paris	4 Approvada pela academia de Medicina - nome de premios ganhados pelo mundo datando desde meados do XIX	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724
390 Gazeta de Notícias Edição 00141 Elixir de Camomilla Composto	Doencas do estomago		Camomilla	Rebello & Granjo	X	X Rua da Assembléa n. 89	4 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724
Gazeta de Notícias Edição 00141 Especifico de Beyran	Gonorrheas, antigas e recentes flores brancas e corrimentos		X	Bevran	X	X Rua da Assembléa n. 89	4 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724
90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Xarone peitoral Fedegoso, Angico e Alcatrão	Tosses e Bronchites - afecções dos orgãos respiratorios e da garganta, asthma, dore	res de neito, suffocações, defluxos e karvnge	Fedegoso, Angico e Alcatrão	X	X	X Rua da Assembléa n. 89	4 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724
0 Gazeta de Notícias Edição 00141 Xarope peitoral Fedegoso, Angico e Alcatrão Vinho Tonico Nutritivo	Pessoas debeis, anemicas rachiticas, faltas de forças; ás crianças, para lhes facilitar		X	A. R. de Carvalho Ferreira & Cias	ás crianças, para lhes facilitar a dentição ás a		4 Approvados pela junta de hygiene e auctorisado pelo governo imperial	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=724
0 Gazeta de Notícias Edição 00141 Vinho de Quino Janvrot	energico tonico e febrifiligo	i a delinique de dillas para liter totalient e terre	Quinio	Drogaria Janyrot	X	X Rua da Quitanda n. 35	5 X	http://memoria.hn.hr/DocReader/DocReader.aspx?hib=103730_03&pagfis=725
00 Gazeta de Notícias Edição 00141 A Magnesia fluida de veiga	X		X	Veiga	X	X Todas conceituadas pharmacias e drogarias	5 Preferida pelos mas habeis clinicos da capital federal e dos estados	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Papaina glycerinada do Dr. Niobey	Dyspepsias e affecções do estomago		Mamão nanaja	Dr Niobey	X	X Deposito Rua Primeiro de Março n. 3; principais pharmacias e drogarias	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Xarope antiasthmatico (vegetal)	Asthma e Bronchite Asthmatica		Х	P. T. Godinho	Y	X Rua dos Ourives n. 30, deposito especial de P. Freitas	5 privilegiado pelo governo e analysado pelo laboratorio de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
390 Gazeta de Notícias Edição 00141 Antifebril Vegetal Carvalho	Febres intermittentes, anemia chonica, suores nocturnos, racitismo, etc.		Quinina	Deposito Especial de F. Paulo de Freitas	Y	X Rua dos Ourives n. 39	5 privilegiado pelo governo e analysado pelo laboratorio de hygiene 5 Approvado pela junta de hygiene publica e composto sómente de VEGETAIS COMESTIVEIS e estomacaes	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx.bib=103730_03&pagfis=725
390 Gazeta de Notícias Edição 00141 Quina-Laroche	Falta de forças, doenças do estomago, anemia, febres		Y	Laroche	Y	X Paris, em todas as pharmacias		http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
Gazeta de Notícias Edição 00141 Oleo de Figado de Bacalhau Ferruginoso	Molestias do peito, affecções, escrofolosas, chlorosis, anemia, debilidade, tisica pu	ulmonar bronchites rachitismo	Alcatrão	Chevrier	Y	Y Paris	5 Licenciado pela Inpsctoria Geral de Hygiene do Imperio do Brazil 5 Licenciados pela Inspectoria de Hygiene do Imperio do Brazil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Jodeto de Ferro e Cascara	Prisão de Ventre	umonar, oronemes, raemusmo	Y	Grageas Demazière	Y Y	X D'oliveira & Gad/ Paris	5 Approvadas pela Inspectoria de Hygiene do Brazil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Atauba de Sabyra	Syphilis, rheumatismo, darthro, lepra		V V	Silvaira & Cia	Y	X Drogaria Cruzeiro do Sul, Sete de Setembro n. 14	5 Approvadas peta hispectoria de rrygiene do Brazil	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
	Generalians Genera		V	Pahalla & Grania	V		5 Approvede nele Eyme, junto de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
 Gazeta de Notícias Edição 00141 Injecção Anti-blenorrhagica Gazeta de Notícias Edição 00141 Capsulas do Doutor Clin 	Molectice narvosas. Aethma incomnia nalnitações do coraçõe, anilancia hallaina	ação, tonteiras, hemicrania, affecções das vias urinarias et para calmar toda especie de excitação	Comphore	Clin & Cia	A V	X Rua primeiro de março n. 64 B Casa dos droquistas et pharmaceuticos	5 Approvada pela Exma. junta de hygiene 5 V	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
			V	Foverd at Blovn	A V	X Casa dos droguistas et pharmaceuticos	$\frac{J}{5} \frac{\Lambda}{V}$	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Papier Fayard et Blayn 90 Gazeta de Notícias Edição 00141 Lugolina ou loção Glyco-boro-iodada	Dores rheumaticas, irritação do peito, lumabágos, feridas, queimaduras, frieiras, cal			Y	A V	Y Pue des Ourives n. 118 e Levredie n. 106; em todas es hoes nharmesies e droceries	5 Y	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
00 Gozoto do Notígios Edição 00141 Sebão Press	Empigens, manchas, suor fetido dos pés, frieiras, tinhas, boubas, escoriações vener			Jayma Daradada	A V	X Rua dos Ourives n. 118 e Lavradio n. 106; em todas as boas pharmacias e drogarias V Progerias pharmacias a loias de parfumerias	5 Approvede pele Eyme Junto Hygiene Dublice de Conitel	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
On Correte de Notégies Edição 00141 Vinha de Ovina Tenymet	Quemiaduras, nevraigias, contusões, daruiros, erupigens, pannos, caspas, espinnas,	s, dores rheumaticas, dores de cabeça, ferimentos, sardas, chagas, rugas, erupções cutaneas e mordeduras de insetos venenosos	Ovinio	Dragaria Janyrat	A V	X Drogarias , pharmacias e lojas de perfumarias	5 Approvada pela Exma. Junta Hygiene Publica da Capital	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Vinho de Quino Janvrot	Despess de Figude : ashates de figude : base		Quinio	Paballa & Grania	A V	Y Due primeire de marce n. 64 D	5 Approvedos noto Evmo, junto do hyvieno	http://momorio.hr/DocP.codor/DocP.codor.aspx:010=103/30_03&pagns=/25
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Vinho de Jurubeba Composto	Doenças do Figado - achates de figado e baço		Juruoeoa V	Deballo & Cranic	A v	X Rua primeiro de março n. 64 B	5 Approvados pela Exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Leite Virginal	desapparecimento das sardas, pannos, manchas do rosto; amacia a pelle	- 4:C:-	Λ v	Kedello & Oranjo	X V	Virginal - ? Rua primeiro de março n. 64 B		http://memoria.bn.br/DocKeader/DocKeader.aspx/bib=103/30_03&pagfis=/25
Response de Notícias Edição 00141 Pastilhas e pós Paterson	Doenças do estomago, acidez, arrotos, vomitos, colicas, falta de apetite e digestões	S UHICEIS	X	J. rayard	X	A A Due prime in 1, many (4 D	5 Annavadas nala Erros ivota da lavaiana	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
Gazeta de Notícias Edição 00141 Extraxto liquido de salsaparrilha composto0	Doentes da pelle - 14 outras doenças		Salsaparriina	Kebello & Granjo	X Y	X Rua primeiro de março n. 64 B	5 Approvados pela Exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
Gazeta de Notícias Edição 00141 Maravilha curativa do celebre Dr. Hmphreys de	Nova York Cita múltiplas doenças que podem usar o remédio		X	Humphreys; Deposito especial de F. Paulo de Freitas	X	X Rua dos Ourives n. 30, deposito especial de P. Freitas	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Vermifuge Colmet 890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Vinho Uranado Pesqui	Lombrigas		Chocolate com Sanfonina	Colmet	X	X Paris, em todas as pharmacias		http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
S90 Gazeta de Noticias Edição 00141 Vinho Uranado Pesqui	Cura do diabetes;		IX	Pesqui	X	X Deposito André de Oliveira & Cia		http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=725
890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Xarope e Pasta de Pierre Lamouroux 890 Gazeta de Notícias Edição 00141 Ferro Bravais	Affecções do peito		X 	Pierre Lamouroux	X	X Paris	6 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=720
390 Gazeta de Notícias Edição 00141 Ferro Bravais	Falta de forças, anemia - chlorose		X	Bravais	X	X Paris, em todas as pharmacias	6 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=726

DATA JORNAL EDIÇÃO NOME REMÉDIO	DOENÇAS	PLANTAS	FARMÁCIA/LABORATÓRIO/EMPRESA	IDADE	GENERO	ENDEREÇO	PÁGINA MÉDICO/FARMACEUTICO/JUNTA	REFS
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Pilulas sudorificas do Mendes	Influenza, constipaçõa, defluxo, bronchites	X	casa Lebre, Irmão & Mello; Pharmacias e drogarias Silva Gomes & Cia	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=829
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Oleo puro medicinais de figado de Bacalháu, de Lanman & Kemp	Tosse, bronchite, tisica, emacinação	X	Lanman & Kemp	X	X	Todas as principaes lojas de drogas e boticas	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=829
l 8 iun1890 lGazeta de Notícias lEdição 00159 lAnti-catarrha Cardus Benedictus	Molestias do peito e affecções catarrhaes - constipações, tosses, rouquidão, croup, escarros de sangue, inflammação da garganta, bronchite, catarrhos bronchicos e do estomago	X	Granado	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=829
8 jun1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Anti-febril Vegetal Carvalho 8 jun1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Hemoglobina solúvel de V. Deschiens, preparado na forma de vinho, xarope e gragêas	Febres intermittentes, palustres, resfriamentos	X	Deposito especial F. Paulo de Freitas	X	X	X	3 X	http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730 03&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=829
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Hemoglobina solúvel de V. Deschiens, preparado na forma de vinho, xarope e gragêas	Chlorese, anemia, enfraquecimento geral, côres pallidas, desapparição do appetite, doenças do estomago	X	Sociedado Franceza Productos Pharmaceuticos, Adrian & Cia	X	X	Despositos em todas as pharmacias	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Vinho de Bugeaud. toni-nutritivo	Anemia, chlorose, febres, doençaa nervósas de toda sorte, convalescencias, diarrhea chrónica, hemorragias, cores pallidas, affecções escrofulósas, gastralgias, horror da comida, dores do estomago, consumição	Quina e Cacau	P. Lebeault & Cia	X	X	Principaes pharmacias	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Agua e pó de Botot 8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Oleo de São Jacob 8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Vinho de cacáo, peptona, lactophosphato de cal e quina, tonico e reconstituinte	Fortificam as gengivas		Botot	X	X	Deposito Paris, principaes drogarias e perfumarias	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Oleo de São Jacob	Rheumatismo, dor dilharga e de espados, mal de cabeça,dôr de dentes, mal de garganta, inchação, frieiras, torceduras	X	A. vogeler & Cia, Baltimore MD EUA	X	X	Deposito Rua da Candelaria, principais pharmacias e drogarias	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Vinho de cacáo, peptona, lactophosphato de cal e quina, tonico e reconstituinte	molestias devidas ao engraquecimento, rachitismo das crianças, vigora as forças apóz a decadencia produzida por molestias prolongadas, pucumonias e perniciosas, fortalece o combate a tuberculose pilmonar; restabelec o appettite	e Cacao, quina	X	rachitismo das crianças	X	X	4 Inspectoria de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Xarope Balsamico Peitoral de Flôres de Aroeira e Mutambá	Molestias das vias respiratorias, catarrho pulmonar, bronchites agudas ou chronicas, hemoptises, laryngite, broncorrhéa, coqueluche, asthma incipiente, tosse noturma	Flôres de Aroeira e Mutan	nba X	X	X	Rua Visconde do Rio Branco	4 Approvada pela junta central de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Xarope e pílulas de matico ferruginoso	Gonorrhéas, blenorrhagias, flores brancas	Matico	X	X	X	Rua da Uruguayana n.99	4 Junta de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Pomada Ricord	Feridas antigas	X	Ricord	X	X	Rua da Assembleia n. 89	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Pó de Rogé 8 jun1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Vinho Uranado Pesqui	Purgante das senhoras, das crianças e das pessoas de constituição delicada	X	L. Frere	Purgante das senhoras, das crianças e das pessoas de constituição del	Purgante das senhoras, das crianças e das pessoas de constituição delicada	Rua Jacob n. 19 Pariz, a varejo em quasi todas as pharnacias de todos os paizes	4 Academia de Medicina de Pariz	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Vinho Uranado Pesqui	Cura da diabetes	X	Pesqui	X	X	Deposito no Rio-de-Janeiro André de Oliveira & GAD/ Venda por atacado: PESQUI, Bordéos (França)	4 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=830
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Uguento seccativo de M. Cardoso	feridas, darthros, empigens, cancos venereos etc	X	M. Cardoso	X	X	Rua dos Ourives n. 163, praça da Constituição n. 26 e Nietheroy: Rua do Visconde de Itaborahy n. 103	5 Junta de Hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 A Magnesia fluida de veiga	X	X	Veiga	X	X	Todas conceituadas pharmacias e drogarias	5 Preferida pelos mas habeis clinicos da capital federal e dos estado	os http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun1890Gazeta de NotíciasEdição 00159Uguento seccativo de M. Cardoso8 jun1890Gazeta de NotíciasEdição 00159A Magnesia fluida de veiga8 jun1890Gazeta de NotíciasEdição 00159Pastilhas de Dethan8 jun1890Gazeta de NotíciasEdição 00159Elixir Grez	Doenças da garganta, extincções da voz, inflammações da boca. effeitos perniciosos do Mercurio, irritação causada pelo fumo	X	Adh Dethan	X	particularmente aos Sñrs	X	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Elixir Grez	Doenças do estomago, digestões difficeis, dyspepsia, gastralgias, anemia, perda de appetite, vomitos, diarrhea	Quina, Coca e pepsina	Grez	X	X	X	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Vermifuge Colmet	Lombrigas	Chocolate com Sanfonina	Colmet	X	X	Paris, em todas as pharmacias	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Elixir Estomachico de Camomilla	Doentes do estomago, diversas doenças (10)	Camomilla	Rebello & Granjo	X	X	Rua primeiro de março n. 64 B, capital federal	5 Approvada pela exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Vigor do cabello do Dr. Ayer 8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Atauba de Sabyra	Doenças do couro da cabeça, crescimento	X	Dr. J. C. Ayer & Cia	X	X	Todas as pharmacias e perfumarias	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Atauba de Sabyra	Syphilis, rheumatismo, darthro, lepra	X	Silveira & Cia	X	X	Drogaria Cruzeiro do Sul, Sete de Setembro n. 14	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Extraxto liquido de salsaparrilha	Doentes da pelle, cura 12 doenças relacionais	Salsaparrilha	Rebello & Granjo	X	X	Rua primeiro de março n. 64 B, capital federal	5 Approvada pela exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun 1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Vinho de Jurubeba Composto	Doenças do Figado e baço	Jurubeba	Rebello & Granjo	X	X	Rua primeiro de março n. 64 B	5 Approvados pela Exma. junta de hygiene	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=831
8 jun1890 Gazeta de Notícias Edição 00159 Pilulas do doutor Dehaut de Paris	Purgativo	X	Dehaut	X	X	X	5 X	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730 03&pagfis=831